



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO CURRÍCULO EPISTEMOLOGIA E
HISTÓRIA**

MARIA SILVANA DE SOUSA SANTOS

**CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO - CAMINHO PARA AUTONOMIA:
UM OLHAR A PARTIR DA FEIRA DA CRIATIVIDADE**

**BELÉM-PARÁ
2015**

MARIA SILVANA DE SOUSA SANTOS

**CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO - CAMINHO PARA AUTONOMIA:
UM OLHAR A PARTIR DA FEIRA DA CRIATIVIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, linha de pesquisa Educação, Currículo, Epistemologia e História, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^o Dr. Cezar Luís Seibt

**BELÉM-PARÁ
2015**

MARIA SILVANA DE SOUSA SANTOS

CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO - CAMINHO PARA AUTONOMIA: UM OLHAR A PARTIR DA FEIRA DA CRIATIVIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, linha de pesquisa Educação, Currículo, Epistemologia e História, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof.º Dr. Cezar Luís Seibt.

Avaliado em: 22/06/2015

Conceito: Aprovada

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cezar Luís Seibt- orientador
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação – ICED/PPGED

Prof^ª. Dra. Gilcilene Dias da Costa- Membro interno
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação – ICED/PPGED

Prof. Dr. Rogério José Schuck- Membro externo
PPGECE/PPGE/UNIVATES
Instituto de Ciências

Prof.Dr. Carlos Paixão – Membro interno (suplente)
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação- ICED/UFPA

Profa. Dra. Airle Miranda de Souza – membro externo (suplente)
Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Faculdade de Psicologia

Dedico este trabalho as minhas amadas filhas, Lanna Damaris e Alícia Suzana que no decorrer desta caminhada suportaram docemente a minha ausência. Vocês me motivam a cada dia. Quando meu olhar contempla vocês sinto desejo de continuar, de vencer, de sonhar. Sobretudo quero ser exemplo e referência. Ao meu querido esposo Márcio Rogério que em todo momento me deu força, me apoiou, foi meu amigo. Muito grata a você pelo companheirismo, compreensão, confiança e cuidado dedicado a mim. Dedico também este trabalho a mim mesma, que tão contente estou por ter conseguido, apesar de todas as dificuldades, encontradas no decurso desta caminhada; em especial no período da gravidez chegar até o fim. Obrigada por tudo... Amada família.

Maria Silvana De Sousa Santos

AGRADECIMENTOS

A Deus, o ser supremo, o Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores que ilumina a minha vida, que está sempre comigo em todos os momentos. Muito grata pela compassiva escuta, pelo amor força e direcionamentos e, sobretudo por se fazer presente na minha vida. A sua existência é para mim tão real como o ar que respiro, a sede que sinto, o calor que me envolve. Obrigada querido Deus.

Aos meus genitores, meus amados pais Manoel Nunes e Maria de Nazaré, em especial meu paizão, Manoel que tanto se orgulha em ver sua filha se dedicando e prosperando nos estudos. A vocês queridos pais minha eterna gratidão. Seu apoio, confiança, dedicação incentivo, cuidados foram decisivos para minha vida acadêmica. Eu não teria conseguido sem vocês. Muito obrigada. Vocês são bênçãos na minha vida.

Ao meu amado e querido esposo Márcio Rogério, pelo apoio incondicional. Obrigada querido pela confiança, força, amor e cuidados dedicado a mim, sobretudo, por sempre me apoiar em todos os meus projetos, por sonhar comigo dando-me força e incentivo para seguir adiante. Minha gratidão a você.

Ao professor Dr. Cezar Luís Seibt, pela singeleza, humildade, compromisso e responsabilidade com a qual realiza o seu trabalho. A você querido mestre minha gratidão pelas valiosas orientações, sobretudo por ter sido para mim um mestre emancipador. Muito obrigada.

A todos os professores que tão gentilmente aceitaram participar deste estudo. Em especial ao vice diretor da escola lócus de minha pesquisa, pelo acolhimento e disponibilidade em me ajudar a coletar as informações necessárias ao desenvolvimento deste trabalho.

A professora Dr^a Gilcilene, sempre tão gentil e branda nas suas colocações. Obrigada por suas grandes contribuições no exame de qualificação. Ao professor Dr. Rogério por sua prontidão e disponibilidade para compor a banca de defesa e por suas valorosas contribuições, também no exame de qualificação.

Aos (as) professores (as) doutores (as) deste Instituto de Educação, especialmente àqueles que participaram diretamente de nossa formação, pelos valorosos ensinamentos.

A todos os colegas da turma de Mestrado em Educação 2013, pela parceria, amizade, trocas de conhecimentos, respeito pelas ideias uns dos outros. Em especial as minhas queridas colegas Alessandra, Rosalba e Mairna que tão gentilmente foram solícitas comigo, principalmente durante a gravidez. Muito grata a vocês queridas.

Aos meus amigos da Escola Maria Pia, em especial o professor Fredson Farnum e Maria Aparecida. Muito grata a vocês pelo apoio. A querida colega Eliana Soares, tão grande, tão competente, tão humilde. Muito obrigada a você, que me deu tanto apoio e incentivo para fazer a inscrição no mestrado.

Maria Silvana De Sousa Santos

SANTOS, Maria Silvana de Sousa. **Criatividade na Educação - Caminho para Autonomia: Um Olhar a partir da Feira da Criatividade.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2015.

RESUMO

O presente estudo versa sobre a criatividade no contexto educacional e teve como objetivo investigar aspectos pedagógicos favoráveis ao incentivo do pensamento criativo manifestos durante o processo de realização de um evento denominado Feira da Criatividade, realizado anualmente em uma escola. O mesmo buscou destacar a estreita relação entre criatividade e autonomia intelectual, enfatizando a sua importância e necessidade para o desenvolvimento humano, uma vez que o ato de criar configura-se como condição para pensar. Pensar com liberdade, pensar por si mesmo, propiciando desta forma que o sujeito tenha a oportunidade de expressar suas ideias. Neste sentido a abordagem da criatividade expressa nesta pesquisa transcende a compreensão tradicional em que criar estar mais relacionado com a criação de novos produtos ou a expressões artísticas, procurando pensá-la em uma perspectiva mais filosófica, como meio para contribuir com uma formação emancipatória. Desta forma, focando o evento Feira da Criatividade, foram identificados aspectos pedagógicos que caminham nesta direção, evidenciando a necessidade de se pensar em uma educação para a criatividade, isto é, uma educação que também tenha como intenção tornar o aluno criativo, autônomo, capaz de pensar por si mesmo e de expressar suas ideias. O estudo teve uma abordagem qualitativa e tomou como ancoragem os postulados teóricos e epistemológicos de autores como Rancière (2010), Kohan (2013), Vigotski (2009), Kneller (1978), Lipman (1990), Alencar (2001, 2003, 2009), Freire (1996), dentre outros que nos permite pensar a criatividade na perspectiva da autonomia.

Palavras Chaves: educação, criatividade, autonomia, pensar

SANTOS, Maria Silvana de Sousa. Creativity in Education -Way to Autonomy: A Look from the Creativity Fair. 2015. Dissertation (Master of Education) - Federal University of Pará , Belém, Pará, 2015

ABSTRACT

This study deals with creativity in the educational context and aimed to investigate pedagogical aspects favorable to the encouragement of creative thinking manifested in the process of conducting a so-called Creativity Fair event, held annually in a school. The same sought to highlight the close relationship between creativity and intellectual autonomy, emphasizing its importance and need for human development, since the act of creating is configured as a condition to think. Think freely, think for yourself, providing this way the subject has the opportunity to express their ideas. In this sense the approach of creativity expressed in this research transcends the traditional understanding that create be related to the creation of new products or artistic expression, trying to think of it in a more philosophical perspective, as a means to contribute to an emancipatory education. Thus, focusing on Creativity Fair event were identified pedagogical aspects that go in this direction, highlighting the need to think of an education for creativity, ie an education that also has intended to make the creative learner, autonomous, able to think for themselves and express their ideas. The study was a qualitative approach and took to anchor the theoretical and epistemological assumptions of authors such as Rancière (2010), Kohan (2013), Vygotsky (2009), Kneller (1978), Lipman (1990), Alencar (2001, 2003, 2009), Freire (1996), among others that allows us to think creativity for self-reliance.

Key words: education, creativity, autonomy, thinking

LISTA DE SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DSTs- Doenças sexualmente transmissíveis

EJA – Educação de jovens e adultos

ICED – Instituto de Ciências da Educação

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB– Lei de Diretrizes e Bases

MEC– Ministério da Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

UFPA – Universidade Federal do Pará

URE–Unidade Regional de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I SEÇÃO:	20
DIÁLOGOS SOBRE CRIATIVIDADE	20
1.1 Tributo a Criatividade	20
1.2 Fases do Processo Criativo	28
1.3 Características do Pensamento Criativo	30
1.4 Criatividade e Educação: Um grande Encontro	33
1.5 Desabafo de Criatividade: As Duas Faces da Escola	37
1.6 O Professor e a Criatividade	42
II SEÇÃO	47
CRIATIVIDADE E AUTONOMIA, TECENDO RELAÇÕES	47
1.1 Travando Diálogos com Rancière, Kohan e Freire Sobre Criatividade	47
III SEÇÃO	64
POR DENTRO DA FEIRA DA CRIATIVIDADE: SOCIALIZAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA	64
3.1 O Percurso Metodológico	64
3.2 Por dentro da Feira da Criatividade	73
3.3 Dialogando Com os Sujeitos da Pesquisa	83
3.3.1 Aluno Pesquisador	83
3.3.2 Aluno Explicador	85
3.3.3 Tema de Interesse do Aluno	90
3.3.4 Valorização das Idéias dos Alunos	93
3.3.5 Relação Horizontal Entre Professor e Aluno	97
3.3.6 Tornar o Aluno Autônomo	100
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	115

INTRODUÇÃO

Criatividade na educação é o objeto do estudo ora apresentado. O interesse pelo mesmo delineou-se a partir das vivências, observações e percepções de situações do próprio campo educativo que ecoavam como um convite para pensar a referida temática. Assim, as recordações dos primeiros anos escolares quando a professora de história docemente expressou “como você é criativa” ficaram registrado na mente, de modo que o termo criatividade passou a ter um significado especial, positivo. O interesse pela criatividade brotou nesta circunstância, porém foi se desenvolvendo e potencializando em situações posteriores.

Assim, outras lembranças eclodem na mente, dentre as quais aquelas dos primeiros anos como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, quando amargamente a coordenadora expressava nas reuniões pedagógicas: “professor tem que ser criativo, tem que dinamizar as aulas”. Nestas situações dezenas de perguntas emergiam na mente: o que é criatividade? Como e quando sou criativa? Como se faz uso da criatividade? Por que devo ser criativa? E apenas uma resposta: não sei. Não possuía informações teóricas sobre a mesma. Era ignorante quanto a questões relacionadas à criatividade. Apenas conhecia de ouvir falar “use sua criatividade” como se fosse algo corriqueiro e fácil.

Diante disto decidi investigar, construir conhecimentos sobre criatividade; tecer um solo teórico que pudesse servir de alicerce para relacioná-la e aplicá-la a educação, já que era profissional da educação e via neste campo um grande potencial para a partir dele pensá-la. Por isso, não poderia mais negar a mim mesma um saber necessário para a minha formação profissional, pessoal e principalmente a minha prática docente. Desta maneira, tomei a decisão de ser uma garimpeira de criatividade e isso se deu quando tive acesso ao primeiro livro que tratava sobre a temática em questão, intitulado “*Como Desenvolver o Potencial Criador: Um guia para a liberação da criatividade em sala de aula*” de autoria de Eunice Soriano de Alencar, uma grande pesquisadora desta temática no Brasil. Este primeiro encontro com criatividade por meio desta primeira leitura foi apaixonante, foi “amor a primeira vista”. Estava confirmada esta relação. Desde então tenho me debruçado sobre questões que dizem respeito a criatividade com o propósito de pensá-la como razão de ser da educação, como caminho para propiciar que os alunos se tornem mais autônomos, livres para pensar, despertando neles a iniciativa própria, a coragem para expressar suas próprias ideias e pensamentos.

Além disso, fui mais uma vez motivada a estudar sobre o fenômeno criatividade

quando passei a exercer o cargo de Especialista em educação no sistema estadual de ensino em uma escola no município de Castanhal, quando ao adentrar o respectivo estabelecimento fui informada da ocorrência de um evento denominado Feira da Criatividade que era realizado anualmente e que fazia parte do calendário escolar da referida instituição.

Assim, surgiu a curiosidade de investigar por que o nome do evento é Feira da Criatividade? Que relação havia entre a Feira da criatividade e o que se compreende por Criatividade? Que aspectos da criatividade se evidenciam no processo de desenvolvimento da Feira da Criatividade? Como a criatividade dos alunos era incentivada? Que aspectos pedagógicos se revelam durante a realização da feira que se configuram como elementos propiciadores do desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar? Muitos eram os questionamentos.

Alem destas questões de cunho mais subjetivo que buscam justificar o interesse pelo estudo da criatividade, há aquelas também de caráter acadêmico que apontam para a importância e necessidade de pesquisas científicas sobre a temática em questão. Nestes termos um estudo realizado por Silva e Nakano (2012) sobre o estado da arte da criatividade com o objetivo de investigar a produção científica sobre a mesma no contexto educacional dos últimos quinze anos (1995-2009) apontam para a necessidade de ampliar o estudo da temática no campo educacional.

Para a realização do estudo e a fim de traçar um panorama das pesquisas sobre a temática criatividade, as referidas pesquisadoras tomaram como parâmetro quatro bases de dados eletrônicas, sendo uma de teses e dissertações (Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –da CAPES) e outras três de publicações periódicas (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia PePSIC (*Scientific Electronic Library Online* SciELO; Psyc INFO). Todas as buscas foram limitadas aos últimos quinze anos (período de 1995 a 2009) e feitas a partir das palavras-chave *psicologia*, *criatividade* e *educação* e da combinação entre elas. Salienta-se que a opção por trabalhar separadamente com cada uma das palavras-chave deu-se devido ao fato de que a primeira tentativa de busca pela combinação dos termos *criatividade* e *educação* resultou em um número muito pequeno de trabalhos, o que não refletia a realidade das publicações na temática e reduzia as possibilidades de análise. Dessa maneira, foram encontrados 124 trabalhos na base de teses e dissertações (não havendo dados acerca do ano 2010, pois, na ocasião da consulta, essa base não se encontrava atualizada até o ano citado), 60 trabalhos na PePSIC, 57 no SciELO e 72 no PsycINFO, totalizando 189 publicações periódicas.

O passo seguinte foi selecionar as publicações que estavam associadas diretamente a criatividade no contexto educacional. Desta forma, foram utilizados oitenta e dois (82) trabalhos que foram analisados e categorizados, separadamente em cada base e de maneira geral, em relação ao ano de publicação, à instituição pertencente, à região do Brasil em que está localizada a instituição, ao nível do trabalho (mestrado ou doutorado), à temática abordada e ao tipo de pesquisa (empírico/ teórico), de amostra e de instrumentos utilizados.

Assim, Silva e Nakano (2012) chegaram a algumas conclusões sobre o estudo da criatividade, dentre as quais podemos destacar:

- 1- A temática foi pouco investigada até o ano 2000 uma vez que se observou poucas produções nesta área até então, havendo após este ano um aumento significativo no número de publicações sobre a temática.
- 2- A região do Brasil que se destaca com maior número de publicações é a região Centro-Oeste e Sudeste. A região Norte se destaca pela ausência de estudos publicados por pesquisadores vinculados a instituições da região Norte do Brasil.
- 3- Observou-se também entre os trabalhos analisado que a maior parte se constitui em artigos, seguido de dissertações, sendo as teses a minoria de produções
- 4- Os resultados demonstraram que a maior parte dos estudos sobre criatividade no contexto educacional vem sendo desenvolvida com adultos (n=39), seguidos de jovens (n=22), crianças (n=17) e adolescentes (n=8). Embora essa prevalência possa parecer inicialmente contraditória ao fato de se estar estudando a criatividade na educação, tal tendência pode ser explicada (cf. Wechsler e Nakano, 2003 apud, Silva e Nakano, 2012) pelo fato de os professores, principalmente de escolas de ensino fundamental e médio, comporem as amostras mais frequentes nos estudos, indicando que a população de adultos tem sido a mais estudada (52%). Igualmente, (Nakano e Wechsler, 2007, apud, Silvae Nakano,2012) encontraram adultos como foco da maior parte das teses e dissertações (48,1%), assim como das publicações periódicas (45,3%).
- 5- Por fim, o último aspecto observado, referiu-se aos temas pesquisados nos estudos sobre criatividade no contexto de educação. Nessa análise, verificou-se que vários trabalhos enfocaram mais de uma temática, sendo contabilizadas em todas as categorias em que pudessem ser enquadrados, de forma a gerar uma frequência total maior do que o número de estudos avaliados. Assim, o agrupamento das temáticas por similaridade de enfoque mostra a presença de seis grandes temas: (1) criatividade no processo de educação; (2) percepção dos

professores sobre o uso de sua criatividade em sala de aula; (3) percepção dos alunos em face da criatividade de seus professores; (4) desenvolvimento da criatividade; (5) clima da criatividade em sala de aula; (6) inclusão por meio da criatividade.

Considerando os resultados apresentados nesta pesquisa, observa-se o crescente interesse pelo estudo da criatividade no campo educacional, especialmente a partir do ano 2000, sugerindo uma ampliação quanto às categorias de pesquisa, principalmente teses e dissertações onde as produções são minoria. Há também uma necessidade em realizar mais estudo sobre a criatividade em que sejam inseridas as crianças como sujeito. Quanto às temáticas abordadas na educação, observam-se produções focando o professor, o aluno, a sala de aula. Porém, ressalta-se que muito ainda precisa ser investigado sobre a criatividade na educação. Estudos que expliquem o impacto do estímulo do pensamento criativo na formação do aluno, na formação do professor e na própria instituição escolar, que demonstrem como a criatividade dos alunos é desenvolvida, se há trabalhos pedagógicos sendo realizados com esta finalidade. Isto parece ser relevante tendo em vista o reconhecimento crescente da importância da criatividade para o desenvolvimento humano e para a sociedade.

Outro dado que chamou atenção neste estudo é o fato da ausência de produções na região Norte do país a respeito de pesquisas sobre a criatividade. Considerando este resultado podemos dizer que a pesquisa aqui proposta é relevante tanto para a instituição, que possivelmente se destacará como uma das precursoras na região norte que se volta para o estudo da criatividade quanto para a ampliação de conhecimentos sobre a temática.

Nesse sentido, o presente estudo aprofundará questões relacionadas à criatividade no contexto educacional, possibilitando reflexões e despertando novos olhares e novos caminhos referentes àqueles que se voltam à compreensão da expressão da criatividade, sua relação nas instituições de ensino e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, intenciona contribuir com resultados que possam colaborar com outras pesquisas, ampliando os conhecimentos já existentes e servindo como possível referência para outros estudos que abordem esta temática, abrindo novas possibilidades para se refletir em aspectos pedagógicos favoráveis ao incentivo do potencial criativo que podem ser vivenciados no contexto escolar, objetivando a formação dos alunos em uma perspectiva mais autônoma através do desenvolvimento da criatividade.

No âmbito profissional, representa a possibilidade de aprofundar os conhecimentos sobre o contexto no qual estamos inseridos, oportunizando a compreensão de aspectos pedagógicos favoráveis ao incentivo da criatividade no ambiente escolar na perspectiva da

autonomia e possibilitando o desenvolvimento de um futuro projeto de intervenção, tendo como parâmetro os resultados obtidos nesta pesquisa.

Considera-se ainda, que a pesquisa será de significativa relevância tanto para a comunidade escolar, *locus* deste estudo quanto às demais comunidades acadêmicas, provocando reflexões e discussões sobre o fenômeno da criatividade e a sua importância para o desenvolvimento humano no contexto educacional, subsidiando na busca de alternativas que possam potencializar ações pedagógicas favoráveis a expressão da criatividade no ambiente escolar.

Além disso, a importância desta pesquisa reside na compreensão da criatividade enquanto fenômeno que permeia com dificuldades o campo educacional, uma vez que a sua ocorrência não tem sido objetivo a ser alcançado ou uma preocupação da educação, apesar do reconhecimento crescente da importância da criatividade para a mesma e para a formação humana. Apesar de os dados revelarem a criatividade como determinante para o sucesso e a qualidade da aprendizagem, pouco é feito em prol da sua promoção (cf. MORAIS e AZEVEDO, 2011, apud, PISQUE E BAHIA).

Diante do exposto, vale ressaltar que a criatividade tem sido objeto de debates e discussões em vários campos do conhecimento especialmente na área da arte e psicologia, porém a filosofia, a sociologia, a história e a pedagogia tem voltado seu olhar para o estudo da referida temática, uma vez constatado a sua importância para a formação e desenvolvimento humano. Sob esta ótica Martinez (apud Wechsler e Silva, 2000, p.01) também afirma que criatividade tem sido objeto de estudo de diversas áreas e disciplinas.

Dentre elas podemos destacar o campo educacional que tem se debruçado em questões concernentes a criatividade. Em estudos realizados por Wechsler e Silva, pode se dizer que o interesse por pesquisa na área educacional sobre criatividade é crescente. Da mesma forma, Alencar e Fleith (2005) também ressaltam a necessidade de pesquisa sobre criatividade no contexto educacional.

Neste contexto entra em cena a escola que se configura como um ambiente de educação formal que tem como uma de suas principais atribuições contribuir para a formação integral do ser humano e que se revela como um espaço contraditório no que diz respeito ao incentivo da criatividade, uma vez que em seu interior se reproduz ações pedagógicas dicotômicas que por vezes favorecem e limitam a criatividade dos alunos. Isto torna o ambiente escolar um local marcado por contradições quanto aos aspectos relacionados ao desenvolvimento do potencial criativo. Contudo, a ênfase neste estudo será dada a aspectos

pedagógicos que favorecem o incentivo da criatividade encontrados durante o processo de realização do evento pedagógico Feira da Criatividade realizado na escola, com intuito de demonstrar os benefícios da mesma para a formação e desenvolvimento intelectual do aluno.

Desta forma com a intenção de ampliar as discussões que se voltam para o fenômeno da criatividade e suas implicações no ambiente escolar, especialmente no que diz respeito à formação do aluno e por haver um interesse crescente da área educacional sobre questões referentes à temática em questão e por ser considerado ainda pouca a produção de estudos sobre a mesma, o presente estudo buscou responder as seguintes questões: Que relação há entre criatividade e autonomia intelectual? Por que Feira da Criatividade? Que aspectos pedagógicos se caracterizam como favoráveis a expressão da criatividade no contexto da Feira da Criatividade e como isto contribui com o incentivo do pensamento criativo dos alunos?

Deste modo, tomando como objeto de análise o evento Feira da Criatividade realizado em uma escola, a pesquisa ora apresentada, objetiva analisar aspectos pedagógicos favoráveis ao desenvolvimento da criatividade manifestos durante o processo de realização da Feira da Criatividade, apresentado como objetivos específicos:

- 1- Compreender o processo de implantação e desenvolvimento da Feira da Criatividade, realizado na Escola Estadual Castelo do Saber, evidenciando aspectos pedagógicos favoráveis ao incentivo da criatividade no ambiente escolar.
- 2- Relacionar criatividade e autonomia intelectual aos aspectos pedagógicos evidenciados no contexto da Feira da Criatividade realizado em uma Escola Estadual no Município de Castanhal.

Além dos aspectos acima destacados, que chamam a atenção para a importância da escola no sentido de propiciar ações educativas que possibilitam a expressão da criatividade, oportunizando que os alunos pensem por si mesmo e expressem suas ideias, vale lembrar que a mesma, conforme Alencar (2009) tem se constituído em um espaço que bloqueia a criatividade, uma vez que há uma ênfase exagerada na memorização e reprodução do conhecimento, havendo pouco espaço para a imaginação, o jogo de ideias, o pensamento divergente, dentre outros atributos relacionados a criatividade. De modo similar Guilford (apud, ALENCAR, 2003, p.31) observa que, na escola, uma ênfase maior tem sido dada às áreas da cognição e memória, constatando-se pouco uso das habilidades de pensamento divergente neste contexto. De encontro a estas proposições Lubart (2007) também diz que a

escola favorece, frequentemente, o pensamento convergente para pesquisa de uma resposta “correta” aos problemas colocados pelo professor.

A fim de alcançar os objetivos propostos, o presente estudo intitulado **Criatividade na Educação - Caminho para Autonomia: Um Olhar Através da Feira da Criatividade** toma como ancoragem metodológica a pesquisa qualitativa, uma vez que esta segundo Minayo (2012, p.21) responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Contudo, lembramos que os aspectos metodológicos desta pesquisa serão aprofundados na III seção deste estudo. Deste modo, o processo de investigação no qual se assenta a pesquisa aqui apresentada tem como foco aspectos pedagógicos que favorecem o desenvolvimento da criatividade dos alunos no ambiente escolar, evidenciando a autonomia intelectual a partir do evento pedagógico denominado Feira da Criatividade, realizado em uma escola estadual no município de Castanhal. Trata-se, sobretudo de uma abordagem que busca relacionar criatividade e autonomia intelectual, destacando a necessidade de se pensar em uma educação da criatividade, isto é, uma educação que propicia o desenvolvimento dos potenciais criativos do aluno, incentivando o mesmo a pensar por si mesmo e expressar suas ideias.

Este atributo da criatividade a torna importante e necessária para a formação humana, uma vez que a sociedade precisa de homens e mulheres capazes de questionar, de idealizar, de pensar por si mesmos para não correrem o risco de estarem presos a pensamentos, ideias e conhecimentos impostos. Assim a criatividade pensada aqui produz autonomia intelectual, uma vez que ela é condição para pensar, como dito por Kohan (2013).

Neste estudo não tomamos como referência a concepção teórico-metodológica de um único autor sobre o tema em questão, mas com diversos. Procuramos evidenciar a relação entre criatividade e autonomia intelectual. Procuramos dialogar com autores que se debruçam especificamente sobre o estudo da temática em uma perspectiva mais tradicional, como autores que falam de criatividade sem a preocupação de relacioná-la a uma teoria específica.

Desta forma recorreremos aos postulados teóricos e epistemológicos de autores como Rancière (2010), Kohan (2013), Vigotski (2009), Storr (2013), Kneller (1978), Lipman (1990), Alencar (2001, 2003, 2009), Freire (1996), Torre (2008, 2002), dentre outros, que fazem referências a importância da criatividade para a formação humana ou trazem discussões que nos permitem pensar a criatividade em uma perspectiva que produz autonomia, emancipação intelectual.

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma Instituição de Ensino Fundamental e Médio do Sistema Estadual de Ensino, situada em um bairro do município de Castanhal, nordeste do estado do Pará, que foi escolhida como *lócus* da pesquisa por realizar anualmente um evento pedagógico intitulado Feira da Criatividade. Assim nos pareceu sugestivo realizar o estudo criatividade na educação a partir do referido evento.

Foram definidos como sujeitos da pesquisa cinco (05) professores. A definição destes teve como parâmetro o tempo e o envolvimento dos mesmos com a Feira da Criatividade, isto é, selecionamos três (03) professores que atuam na escola a mais de dez anos e por isso acompanharam todo o processo de implantação da mesma e dois (02) que, embora não tenha vivenciado de perto todo o processo de implantação e desenvolvimento da Feira ao longo dos anos, foram apontado pela direção como professores que se envolvem e participam ativamente do evento. Desta forma, à luz de suas observações, vivências e envolvimento com a Feira da Criatividade foi feito o recolhimento do material a ser analisado.

Com o intuito de responder as questões levantadas, estruturamos o presente estudo em três seções. A primeira Seção intitulada **Diálogos Sobre Criatividade** trás informações sobre a própria criatividade em uma perspectiva mais tradicional, apresentando conceitos, características, conhecimentos que foram construídos a seu respeito ao longo dos anos e que tem norteado a compreensão do processo criativo. Contudo, buscou-se também pensar na criatividade enquanto fenômeno que produz autonomia intelectual, liberdade de pensamento, evidenciando seu caráter emancipatório.

Desta forma, buscamos romper com a concepção de criatividade cujos resultados centram no produto e que estão mais a serviço do mercado do que na formação intelectual do ser humano. Assim, nesta primeira seção buscamos dialogar com vários autores sobre o tema criatividade, sem a preocupação de centralizar no pensamento de um ou outro, mas discutir ideias, conceitos, informações pertinentes a temática.

A segunda seção denominada **Criatividade e Autonomia: Tecendo Relações**, buscou relacionar criatividade e autonomia. Tomando como referência especialmente os postulados teóricos de Freire (1996), Kohan (2013) e Racière (2010), dentre outros, buscamos enfatizar a relação entre o desenvolvimento da criatividade e o pensar com autonomia, com liberdade, onde o sujeito configura-se como protagonista da sua aprendizagem, do seu desenvolvimento intelectual, apoiado em atitude de busca, de iniciativa própria, de expressão de suas próprias ideias e pensamentos, características estas presentes no ato criativo.

A terceira seção intitulada **Por Dentro da Feira da Criatividade: Socialização da**

Pesquisa Empírica apresenta os achados da pesquisa empírica realizada na escola estadual no Município de Castanhal a partir da análise do evento já referido. Contudo, voltamos nosso olhar para aspectos pedagógicos que se evidenciaram favoráveis ao desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar na perspectiva da autonomia intelectual, indicando a manifestação de elementos pedagógicos necessários ao desenvolvimento do potencial criativo dos alunos durante o processo de realização da feira e que, por isso, devem fazer parte continuamente do processo de ensino e aprendizagem, de modo que contribuam com uma formação que propicie o desenvolvimento da criatividade do aluno.

I SEÇÃO:

DIÁLOGOS SOBRE CRIATIVIDADE

1.1 Tributo a Criatividade¹

No silêncio das madrugadas, por volta da duas horas, no aconchego do quarto, lá estava eu, cercada de livros, com tantas vozes a conversar comigo sobre a mesma coisa, de modo diferente. Cada um expressava de forma bem particular o que pensavam e pensam sobre ela. Falavam tão bem dela, da sua singularidade e pluralidade, da sua beleza, da sua magia, dos seus encantos, do seu valor, da sua essência e principalmente da sua importância em se fazer presente na vida de cada humano. Não se percebeu críticas negativas a seu respeito, tampouco palavras ou expressões que colocassem em xeque as suas virtudes. Ao contrário, entre as tantas vozes que ecoavam em diversos tempos e sob a ótica de diversos olhares falando a seu respeito, eis, que sempre se evidenciou seu caráter positivo, sua relevância, sua nobreza.

Compreendeu-se, então, que se tratava de algo realmente adorável, necessário e de grande valor, poderia dizer-se uma “jóia preciosa”, um bem precioso, algo de grande valor, que todos possuem, mas poucos a conhecem e utilizam. As vozes escritas, insistentemente, sussurravam e diziam enfaticamente: ela é tão especial e importante. Ah! se todos soubessem disso, jamais a deixariam escondida, esquecida no subsolo das suas mentes, fariam de tudo para tê-la sempre por perto como amiga, fiel e companheira e contariam com a sua ajuda em todos os momentos da vida, e não permitiriam que ninguém ou coisa alguma apagassem o seu brilho, as chamas da sua existência, pois tantas são as muralhas que se levantam para impedir a sua concretude, a sua manifestação, a sua presença.

Que pena! Como algo tão precioso encontra tantas barreiras para se fazer existir? Mas pode-se dizer também que ela é guerreira e persistente, pois, muitas vezes consegue burlar todas as empecilhos a sua frente, expressando assim a sua beleza, o seu esplendor, a sua grandeza. Outras vezes manifesta-se na clandestinidade e outras vezes permanece lá, como uma “bela adormecida”, esperando apenas uma oportunidade para acordar e se tornar atuante e surpreender a todos com seus encantos. Isto é variável! Ela senhores e senhoras, homens e mulheres, meninos e meninas é capaz de impactar e transformar situações que parecem não ter mais soluções, de tornar visível o que parece ser invisível, de levar o velho a ir em busca do novo e de possibilitar que o estático se torne dinâmico, que o técnico se torne versátil e que o único se torne diverso. Como ela é benéfica! Tem o poder de

¹ Texto de autoria da pesquisadora

renovar, de transformar, de ver possibilidades naquilo que não parece ser mais possível, de superar o rotineiro, o comodismo e arriscar-se diante do desconhecido.

A sua presença exala cheiro e sabor de liberdade, pois é da sua natureza transgredir, burlar as limitações impostas, o tradicionalismo e de possibilitar que aquele que a utiliza navegue em mares de diversas cores, diversos tamanhos, formas e profundidade e não só aquele velho mar conhecido por todos. Através dela é possível ir além do horizonte, além daquilo que muitos não querem que o humano vá e consiga alcançar. Há forças contrárias que se empenham em limitá-la, em mantê-la escondida, enterrada, bem lá no interior da alma humana, pois é mais cômodo, menos trabalhoso e principalmente mantém a ordem, a disciplina, a objetividade das coisas, do ser, da pessoa.

A sua presença muitas vezes incomoda porque faz parte da sua natureza incentivar quem a utiliza a aventurar-se em busca do desconhecido, do novo, a ousar e tentar sem medo novas formas, novos caminhos, novas ideias e isto não traz garantias e certezas. Ela é amante dos espíritos curiosos, sonhadores e inquietos que estão sempre buscando novos desafios, novas respostas, novas explicações e é na raridade destes espíritos que ela se aloja e faz morada encontrando um habitat propício a seu desabrochar pleno, perfeito, natural, conseguindo revelar toda a sua beleza, seu valor, sua formosura, sua versatilidade.

Assim, são seus amigos fieis o filósofo, o poeta e as crianças, pois neles, Ela sempre encontra espaço para se manifestar livremente e expressar sua magia, sua beleza e seu poder fantástico de levá-los ao mundo das muitas ideias, das muitas possibilidades e dos diversos pensamentos, horas brincando com eles, horas brigando com eles e horas combinando-os, modificando-os e utilizando-os a seu favor ou a favor dos outros, de modo inovador ou simplesmente com o intuito de comprovar a sua utilidade e eficiência e do quanto pode ser capaz de se fazer necessária a alma humana. Mas quem é ela? Qual o seu nome? Como é conhecida? Ela não é um ser humano, mas mora em todos os humanos, embora seja visível em poucos, invisível em muitos e esperando oportunidade para desenvolver-se na maioria ou em todos. Ela é aquela que causa um grande diferencial, que enfeita e movimenta o pensamento em todos os sentidos, que causa surpresas, produz inovações e soluções e qualifica o homem. Às vezes é chamada de potencial, outras vezes de capacidade e também de qualidade. Seu nome é CRIATIVIDADE.

Este texto nos convida a refletir sobre a criatividade, uma capacidade e um potencial exclusivo do ser humano. Trata-se, sobretudo de reflexões direcionadas ao campo da

educação e as consequências que podem resultar do seu estímulo ou bloqueio no ambiente escolar, no que tange a formação do aluno. Assim, pensar o fenômeno da criatividade na educação conduz a busca pela sua compreensão.

O termo criatividade de origem latina é derivada da palavra “criar” do latim “*creare*” e também do grego “*greer*” que significa fazer, produzir, criar. O dicionário Aurélio define criatividade como capacidade de criar, inventar, qualidade de quem tem idéias originais, de quem é criativo.

Sob a ótica de autores que tem investigado o fenômeno da criatividade, tais como Alencar e Fleith (2003), Alencar (2009) Rocha (2009), Lubart (2007), Kneller (1978) dentre outros. As primeiras concepções de criatividade remontam a antiguidade. São as concepções filosóficas de criatividade que a concebem como um “dom divino”, “um presente dos deuses”, “inspiração divina” e como uma espécie de loucura. A criatividade compreendida na perspectiva mística e sobrenatural, diz ser o criador um ser iluminado, especial, uma espécie de ungido. Assim, nesta concepção, o criador que pode ser o artista, o poeta, ou o cientista encontra-se em um estado místico de receptividade, estando divinamente inspirado. Platão dizia que um poeta não pode criar sem que a musa lhe inspire o desejo. Neste sentido Lubart (2007, p.11) ressalta:

O poeta, indivíduo extraordinário porque foi escolhido pelos deuses, exprime as ideias criativas que ele recebeu. Hesíodo, evocando este mesmo conceito, relatou como as filhas de Zeus tomaram e oferecendo lhe insuflaram a canção divina, que permitiu a eles revelar a glória dos deuses.

De encontro a essas acepções Kneller (1978) diz que esta visão de criatividade foi expressa de maneira mais memorável por Platão, que declarou ser o artista, no momento da criação, agente de um poder superior. Assim ele diz:

Platão faz Sócrates dizer a Íon, o poeta, que “o dom que possuis (...) não é uma arte (...) mas uma inspiração; há uma divindade que te move, como a que se contém na pedra que Eurípides chama de Ímã (...) pois não é por arte que o poeta canta, mas por divino poder. (KNELLER, 1978, p.32)

Nestes termos a criatividade se limita a ser um dom que se manifesta em alguns eleitos que são divinamente inspirados a criar. Desta forma a mesma nasce da inspiração em vez da educação. Assim trata-se de uma concepção que exclui a grande maioria dos indivíduos do processo criativo. Cabe dizer que estas ideias alcançaram os nossos dias, pois é comum ouvirmos as pessoas dizerem que criatividade não é para elas, que são raros os indivíduos que tem essa capacidade. Contra estas proposições Alencar (2009) afirma se tratar de ideias errôneas sobre a criatividade, por ser esta um potencial inato no ser humano. Neste sentido ela diz:

O que as pesquisas tem mostrado, e muitos são os dados acumulados sobretudo nestas duas últimas décadas, é que todo ser humano é criativo, alguns mais, outros menos, dependendo de inúmeras variáveis) e que os poderes da mente humana, ainda pouco explorada, são, sem sombra de dúvida, ilimitados. (ALENCAR, 2009, p. 29)

Nesta mesma perspectiva, Torre (2008) diz que em nossos dias existe uma consciência generalizada de que todos nós temos um potencial criador, semelhante ao da inteligência, suscetível de ser desenvolvido. Lubart (2007) diz que o ato criativo presume postular um trabalho árduo e intencional. Nestes termos compreende-se que a criatividade está relacionada a aspectos individuais do ser humano, como dedicação, esforço, estudo, iniciativa própria e não a uma questão mística, espiritual, por isso, Thomas Edison afirmava que “inventar é 1% de inspiração e 99% de transpiração”(ANTUNES, 2003, p.22).

Criatividade concebida como loucura, é outra teoria que remonta a antiguidade. Nesta perspectiva o indivíduo criativo não é alguém normal, por apresentar um comportamento que foge ao padrão tradicional. “Sua aparente espontaneidade e sua irracionalidade são explicada como fruto de um acesso de loucura”(KNELLER,1978, p.33). Esta teoria tem suas raízes no pensamento de Platão. “No mundo ocidental essa noção começou com Platão, que não distinguia muito bem o frenesi da visitação divina do que resulta da loucura. (KNELLER,1978, p.33).

Esta concepção de criatividade não parece ser apreciável, uma vez que o louco não é um individuo normal, mas alguém estranho, esquisito e que não é bem visto pela sociedade, por isso, se criatividade está relacionada a um acesso de loucura do criador, talvez fosse melhor não possuir nenhum talento criativo. Porém, o que os estudos mais recentes têm mostrado é que a “criatividade é algo de inestimável valor” (ALENCAR, 2009), “uma riqueza social”(TORRE, 2008), “uma coisa boa”(STORR, 2013).

No decorrer dos séculos surgiram outras concepções de criatividade que foram objeto de investigação em diversas áreas do conhecimento, dentre as quais a biologia, a filosofia, a sociologia, psicologia a partir das suas várias correntes: o Associacionismo, a Psicanálise, a Gestalt, a Teoria Comportamental, a Teoria Humanista, dentre outras. Isto chamou a atenção para a relevância do fenômeno da criatividade e a necessidade de ampliar os estudos sobre a mesma. Porém, cumpre dizer que este estudo não se deterá em esmiuçar o que dizem estas concepções sobre o referido fenômeno, mas enfatizará teorias ou abordagens concernentes ao fenômeno da criatividade relacionado com a educação, por ser esse o problema em questão neste texto.

Neste sentido, destacam-se os estudos de J.P Guilford, um grande interessado pelo

fenômeno da criatividade e pioneiro neste terreno. Segundo Kneller (1978), seus trabalhos marcam época. Conforme Lubart (2003) Guilford em um primeiro momento, por volta de 1950, criou a hipótese de que a criatividade requer várias capacidades intelectuais, de tal modo que uma facilite a detectar os problemas, as capacidades de análise, de avaliação e de síntese, assim com uma certa fluidez e flexibilidade do pensamento. Em um segundo momento elaborou uma teoria fatorial da inteligência, segundo a qual existem cinco operações intelectuais (cognição, memória, pensamento convergente, pensamento divergente e avaliação) que aplicada aos diferentes tipos de informações resultam em diferentes tipos de produções.

Nesta visão, a criatividade está associada às capacidades produtivas traduzidas no pensamento convergente e divergente. O primeiro é direcionado para a busca de uma resposta nos moldes tradicionais onde o indivíduo se limita a encontrar uma única solução correta, tendo como referência um método padrão, conhecido. A este respeito Kneller (1978) esclarece que o pensamento convergente se move em uma única direção, busca uma única resposta, uma solução convencional ocorrendo onde se oferece o problema, onde há um método padrão para um número finito de passos.

O segundo se move em diversas direções, em busca de uma resposta. Assim, o pensamento divergente tende a buscar ideias variadas sobre um objeto ou resolver problemas de uma forma que fuja ao modelo tradicional. Desta forma, o pensamento divergente é a manifestação da criatividade, uma vez que o mesmo inova, rompe com o rotineiro, o convencional e busca vários caminhos, várias possibilidades para a solução de um problema ou situação, para desenvolver uma ideia.

Nesta perspectiva o indivíduo criativo não se limita a encontrar ou considerar apenas uma resposta certa, ele é um explorador de novas ideias, de novas formas de pensar. Ele prefere trilhar os caminhos desconhecidos do que está preso a um único modelo, a uma única forma de pensar ou de resolver os desafios. De encontro a estas proposições, Kneller (1978) diz que o pensamento divergente tende a ocorrer onde o problema ainda está por descobrir e onde não existe ainda meio assentado de resolvê-lo.

No campo educacional os postulados teóricos de Guilford sobre o pensamento convergente e divergente, trouxeram contribuições significativas para as reflexões concernentes ao estímulo do pensamento criativo na educação, uma vez constatado que a mesma tem priorizado o estímulo do pensamento convergente. Neste sentido Guilford (apud, Kneller, 1978, p.55) enfatiza que a educação tem se concentrado demasiadamente no

pensamento convergente; tem mostrado ao estudante como encontrar respostas que a sociedade considera certas. Nesta direção ele diz:

Na escola, uma ênfase maior tem sido dada às áreas de cognição e memória, constatando-se pouco uso das habilidades de pensamento divergente neste contexto. Ele salienta, porém, que “não basta encher a cabeça dos alunos de conhecimento, embora este seja um passo necessário; é indispensável também instruir os alunos e exercitá-los no uso desse conhecimento (Guilford,1979, apud, Alencar e Fleith, 2003, p.31).

Estas proposições nos chamam a atenção para a necessidade de possibilitar que o pensamento divergente tenha espaço para ser incentivado e desenvolvido no ambiente escolar, uma vez constatado não ser suficiente apenas encher a cabeça dos estudantes com informações, mas também conduzir o aluno para que a partir dos conhecimentos adquiridos busque outras formas de pensar, novos enfoques e pontos de vista, no exercício contínuo de aperfeiçoar o pensamento de forma autônoma.

Tradicionalmente a ideia de criatividade está associada à criação de novidades proveniente do ser humano, sendo vários os autores que a concebem nesta perspectiva. Storr (2013) diz que a criatividade tem sido definida de maneira simples e concisa, como a capacidade de fazer surgir algo novo. Vigotski (2009) diz ser a atividade criadora do homem aquela em que se cria algo novo e Rhodes (Apud, Kneller, 1978) define a criatividade como a capacidade humana de gerar novas idéias ou ações. Segundo Alencar (2003) Rogers define o processo criativo como a emergência de um novo produto, que surge da singularidade do indivíduo de um lado, e dos materiais. Acontecimentos ou circunstâncias de sua vida, do outro lado. A criatividade neste sentido está relacionada à tendência humana para se auto realizar, para concretizar suas potencialidades. Da mesma forma Kneller (1978, p.51) diz:

Criatividade, declara Roger, é auto-realização, motivada pela premência do indivíduo em realiza-se. Escreve textualmente que a criatividade é “a tendência para exprimir e ativar todas as capacidades do organismo, na medida em que essa ativação reforça o organismo ou o eu.

De encontro a estas concepções, Lubart (2007) diz que existe uma definição consensual admitida pela maior parte dos investigadores do que vem a ser criatividade. O mesmo autor a define tomando como referência outros estudiosos da temática dizendo que:

A criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto na qual ela se manifesta (Amabile,1996; Barron,1998; Lubart,1994; Macknion,1962; Ochse,1990; Stenberg e Lubart,1950). Essa produção pode ser, por exemplo, uma idéia, uma composição musical, uma historia ou ainda uma mensagem publicitária. (LUBART, 2007, p.16)

Nestes termos, convencionou-se pensar na criatividade como um meio para a criação de um produto novo, podendo este ser uma teoria, uma invenção, uma obra de arte... Algo

original, belo, visível aos olhos que desperta admiração. Esta tendência segundo Kneller (1978) é que tem predominantemente guiado por tradição o estudo da criatividade.

Embora, por tradição a imagem de criatividade esteja associada à emergência de um novo produto, cumpre dizer também que a sua definição possibilita outras compreensões, que rompem com a ideia de limitá-la apenas a criação de algo material novo, grandioso, original. Assim a criatividade contempla outras possibilidades quanto a sua manifestação. Neste sentido Vigotski (2009, p.15) diz:

[...] a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos gênios.

Nesta perspectiva, a criação de algo novo materializado em grandes invenções é resultado da criatividade humana, porém, não é exclusividade de gênios ou pessoas especiais. Vigotski chama atenção para a grandeza das pequenas criações, desvela outros aspectos da criatividade como a imaginação, a ação de modificar e combinar. O mesmo autor enfatiza também que toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence ao gênero de comportamento criador ou combinatório. (VIGOTSKI, 2009, p.14).

Corroborando e ampliando estas proposições Haetinger (2012, p.22) vem dizer que:

A criatividade é ao mesmo tempo comportamento, qualidade, processo e produto. É a base do ato de liberdade, ou melhor, da ação libertadora, é fator determinante na formação do senso crítico. A magia da criatividade está justamente na sua multiplicidade de manifestações, sentidos e potencialidades [...]

Nestes termos a criatividade abrange um conjunto maior de possibilidades no que diz respeito a sua manifestação, apontando-a como um caminho para a liberdade, para a formação do senso crítico. Isto eleva a sua relevância para a formação humana, colocando-a em um patamar mais elevado, pois a formação integral do homem perpassa pela necessidade de desenvolver o pensamento crítico, independente, autônomo, livre. Isso de tal forma que Torre (2008) afirma que não devemos ter medo de formar na independência de pensamento. Para o referido autor formar na independência de pensamento se traduz no desenvolvimento da criatividade. E diz mais:

Alguém disse: “a educação cria homens livres”; porém eu acrescentaria: desde que se desenvolva neles a criatividade. Somente assim, a liberdade externa, fictícia, se tornará interna, com a liberação de todas as possibilidades criadoras existentes em nós. (TORRE, 2008, p.35)

Neste sentido, a criatividade configura-se na capacidade do indivíduo em pensar livremente, de forma independente, por si mesmo (a) e cujo “produto” é a autonomia intelectual. Assim, compreende-se que a criatividade estimula o indivíduo a pensar melhor e

por si mesmo, levando-o a exprimir suas ideias, vontades e desejos, pois “a liberdade está no pensamento e na vontade mais do que na ação. A criatividade, na livre concepção e expressão”. (TORRE, 2008, p.36)

Nesta direção caminha também o pensamento de Lipman (1990), que apresenta uma filosofia da criatividade. Para este autor a criatividade é fruto de um comportamento filosófico. Ele diz que o fazer da filosofia é criativo, então a filosofia que tem sido feita manifestará necessariamente criatividade. (LIPMAN,1990, p.203). A criatividade para Lipman está relacionada ao desenvolvimento de um pensar crítico e autônomo em que o indivíduo tenha a liberdade de pensar por si próprio e expressar suas ideias. Neste aspecto, o pensamento criativo consiste no fato de se pensar melhor e autonomamente. Sobre isto, ele diz: [...] é possível mostrar as crianças que elas próprias podem pensar mais racionalmente e mais criativamente, pois queremos tanto estimulá-las a pensar como estimulá-las a pensar melhor. (LIPMAN, 1990, p.211)

Isto nos permite pensar que o pensamento criativo qualifica o homem, completa-o, pois faz parte da sua natureza a busca pelo novo, o desejo de criar, de inventar, de ter ideias, não se contentando com o que está pronto, mas sempre visualizando novas possibilidades de descobertas. Brocanelli (2010) enfatiza que o homem é um ser que está sempre buscando coisas novas, criando, questionando, investigando para solucionar problemas e que o mesmo possui um espírito filosófico insatisfeito com o que está pronto.

E, como já mostramos. Lipman (1990) fala de uma filosofia da criatividade, uma vez que pensar criativamente condiz com o pensamento filosófico. Um pensar movido pela curiosidade, pelos questionamentos, pelo desejo de criar. Brocanelli (2010) ressalta que Lipman descobriu que a filosofia poderia ser um instrumento eficaz para o aprendizado, para a criatividade, pois é capaz de abrir horizontes novos, questionar sobre o mundo e o próprio homem e levar a pessoa a um sistema de investigação crescente, possibilitando um pensar cada vez melhor.

Até aqui, buscou-se demonstrar que a criatividade não está limitada apenas a criação de algo novo materializada em novos produtos como citado anteriormente, tampouco negar esta característica, pois é fato comprovado que a criatividade humana se manifesta desta forma, mas busca-se também evidenciar que ela transcende esta concepção. A criatividade intencionada aqui não foca o produto, mas o sujeito, não foca o resultado, mas o processo. Nestes termos é compreendida como a capacidade do ser humano em pensar por si mesmo, com autonomia, com liberdade tendo em vista a expressão de suas próprias ideias, seja em

uma perspectiva crítica, reflexiva, criadora ou produtiva, em que a ênfase é dada a liberdade do pensar.

1.2 Fases do Processo Criativo

Sob a ótica de diversos autores que tem investigado a criatividade, como por exemplo, Alencar (2003), Lubart (2007), Kneller (1978), Antunes (2003), Rocha (2009), Goleman (1998), há um consenso de que a mesma trilha um caminho, passa por etapas. Não se trata de uma receita, mas passos que explicam a emergência do pensamento criativo, seja no sentido da criação de um produto, na solução de um problema, seja no exercício do pensar, na produção e expressão de ideias. Como mostram esses autores, tradicionalmente as fases da criatividade são preparação, incubação, iluminação e avaliação.

A preparação é pedagógica, por contemplar elementos concernentes ao ensino e a aprendizagem. Trata-se da primeira etapa do processo criativo. É o momento em que o indivíduo quando colocado em uma situação desafiadora seja para resolver um problema, produzir uma nova ideia, pensar em situações ou ações em que seja necessário encontrar respostas, criar ou recriar, vai em busca de conhecimentos e informações. Assim, ele precisa estudar, pesquisar, investigar, ler, fazer anotações, indagar, registrar suas ideias, inferir, coletar o máximo de dados sobre o seu tema, ou problema ou a situação de criação. O criador nesta fase é um explorador. Trata-se de um trabalho árduo e consciente que exige dedicação, interesse, motivação e tempo. Por isso Thomas Edison podia afirmar que “inventar é 1% de inspiração e 99% de transpiração”(in ANTUNES, 2003, p.22). Nestes termos Goleman (1998) diz que na preparação a ideia é reunir uma ampla série de dados, de modo que elementos inusitados e improváveis comecem a justapor-se por si mesmos, sendo absolutamente necessário.

Desta forma, a preparação é de suma importância no processo criativo, pois ninguém cria do nada. Ela é a base, o apoio para emergências de novas ideias e formas de pensar. Neste sentido, caso haja um interesse em estimular a expressão do pensamento criativo, especialmente no ambiente escolar é necessário que o indivíduo vivencie a primeira etapa do processo criativo, sendo estimulado a buscar informações, conhecimentos em diversas fontes, de modo que os dados coletados nesta fase possam subsidiar a criação, seja de ideias inovadoras ou formas autônomas de pensar.

A segunda etapa do processo criativo é denominada incubação. Trata-se de uma fase mais passiva e está relacionada também ao inconsciente. GOLEMAN (1998, p.15) a descreve da seguinte forma:

Depois de examinar minuciosamente todas as peças relevantes e forçar a mente ao máximo, você poderá deixar o problema “cozinhar em fogo brando”. Essa é a etapa da incubação, quando você digere aquilo que reuniu. Se a preparação exige trabalho ativo, a incubação é mais passiva [...] como se diz, você “dorme sobre o problema.

Em outras palavras é preciso certo momento de relaxamento, de esquecimento do problema, deixar o cérebro trabalhar inconscientemente. Assim, sem limites, desimpedido pelo intelecto racional e controlador, acontecem as inesperadas conexões que constituem a essência da criação, formando suas associações até que as ideias surjam.

Segundo Kneller (1978) o período de incubação pode ser longo ou curto, mas deve existir. “Não podendo vir a inspiração sem o trabalho do inconsciente, seja por seis meses, seis horas ou seis minutos.”

A respeito da incubação Rocha (2009) também diz que a mente funciona como uma incubadora. O período de incubação varia de indivíduo para indivíduo. No processo criativo é uma das etapas mais importante, pois é o momento que as ideias estarão em formação mesmo a nível inconsciente, preparando para emergir na fase seguinte que é a iluminação. Goleman (1998) chama a atenção para a importância do inconsciente no processo criativo ao argumentar que subestimamos o poder da mente inconsciente, uma vez que ela presta-se melhor à percepção criativa do que a mente consciente, pois nela não existem julgamentos de autocensura; as ideias são livres para combinar-se com outras em padrões novos.

Outra fase do processo criativo é a iluminação, que também pode ser chamada inspiração, *insight*, *eureka*. É a grande ou grandes ideias que surge como resultado de um momento de preparação e incubação, é o lampejo de inspiração que para Antunes (2003) se traduz no “já sei como fazer”. É um momento de muita alegria e satisfação para o criador que, enfim, encontrou a solução ou a resposta para aquilo que almejava.

A respeito da iluminação Alencar (2003) ressalta que o envolvimento da pessoa é ainda mais evidente no momento de pico de iluminação e de inspiração, que é talvez o mais fascinante do processo criativo, quando as ideias, muitas vezes, vem aos borbotões, levando o indivíduo a trabalhar sem cessar durante longos períodos, até que se esgotem as ideias ou até que chegue ao estado de exaustão.

Para Goleman (1998), a iluminação se traduz no momento longamente desejado e ardentemente perseguido, porém afirma que ainda não é um ato criativo, pois para o mesmo a etapa final é a tradução, quando apanhamos a ideia e a transformamos em ação. Assim, para ele, traduzir a iluminação em realidade torna a ideia muito mais que um pensamento fugaz: torna útil para nós e para os outros.

Neste sentido, a iluminação se constitui em dos momentos mais fascinantes do processo criativo, pois confirma a potencialidade do ser humano para criar, inventar, pensar com liberdade como resultado de vivências que exigem dedicação, empenho e muito trabalho intelectual.

A avaliação ou verificação ou julgamento é a quarta etapa do processo criativo. Trata-se de uma fase de trabalho consciente, pois é o momento que o criador precisa analisar e examinar com cautela as ideias que emergem no momento anterior, a fim de selecionar a melhor ou aquela que mais se adequa a sua necessidade ou avaliar a viabilidade da mesma, observando se é possível executá-la, quando e como.

Nesta etapa o indivíduo assume a postura de juiz, pois deverá analisar cuidadosamente suas ideias, procurando aperfeiçoá-las e refiná-las e, caso necessário, retornar às fases da preparação e incubação. Também nesta fase o criador precisa se vestir de guerreiro para lutar pelas suas ideias, pois elas podem ser perfeitamente rejeitadas e criticadas. Sobre a verificação ou avaliação, Alencar (2003) explica que após o período de produção da ideia, é importante testá-la. O objetivo é verificar a validade e a utilidade da solução proposta. De encontro a estas afirmações Kneller (1978) diz que o intelecto e o julgamento têm de terminar a obra que a imaginação criou, pois para este autor a iluminação é falível. Assim o criador precisa separar o que é válido do que não é.

A avaliação é uma fase consciente no processo criativo, pois exige que o criador faça uso de suas habilidades críticas, analíticas e reflexivas para que possa julgar com coerência a relevância de suas ideias. Trata-se, portanto de um momento de suma importância para a expressão da criatividade.

As etapas do processo criativo sugerem um caminho a ser percorrido. Neste trajeto do processo criativo percebe-se que cada fase se constitui em uma ação complementar para as outras, que favorece a expressão da criatividade. Assim, considera-se que o estímulo da criatividade necessita de metodologias adequadas para cada fase. Por isso, é de fundamental importância a sua compreensão em todos os aspectos, principalmente pela educação, que historicamente a desconsiderou mas que recentemente tem demonstrado interesse em investigá-la.

Outros aspectos que merecem destaque no estudo sobre a criatividade, são as características do pensamento criativo.

1.3 Características do Pensamento Criativo

É recorrente entre os autores que estudam a criatividade a apresentação das seguintes

características do pensamento criativo: fluência, flexibilidade, originalidade, elaboração e avaliação.

A fluência está associada à abundância ou quantidade de ideias diferentes sobre um mesmo assunto. Conforme esta característica o indivíduo apresenta facilidade para produzir várias categorias de pensamentos, ou resposta sobre um assunto, ou um problema, ou uma situação desafiadora. Assim, o indivíduo criativo não se limita a pensar uma única ideia, ou argumentos, mas busca sempre outras alternativas. Sobre a fluência, TORRE (2008, p.29) diz:

A fluência de expressão virá em novas ideias para acomodar um sistema ou uma estrutura a outra organização de seus elementos. Frases, relatos, descrições, movimentos dinâmicos, dramatizações ou desenhos são diversas manifestações às quais a fluência de expressão pode dar lugar.

Para Alencar (2003) a fluência é compreendida como a habilidade do indivíduo para gerar um número relativamente grande de ideias na área de atuação. Da mesma forma Kneller (1978) diz que a pessoa criativa é em geral fluente, no sentido de produzir mais ideias do que uma pessoa comum, sobre determinado assunto.

A fluência de ideias se constitui em um elemento determinante para o pensamento criativo, pois possibilita que o criador tenha uma visão mais abrangente da situação ou do problema, propiciando que o mesmo tenha um leque de alternativas a sua disposição que podem ser utilizada no ato da criação.

A flexibilidade aqui compreendida está relacionada à capacidade de alterar o pensamento. O indivíduo não somente concebe várias ideias, mas também é sensível a mudanças, não se desespera diante de uma situação inusitada ou que não estava nos planos, é capaz de abandonar uma ideia inicial e partir para a busca de novas ideias, ações e formas de pensar.

Assim a flexibilidade é típica em pessoas criativas. Sobre esta característica do pensamento criativo Lubart (2007) diz que de acordo com vários autores, a flexibilidade está envolvida com a criatividade porque ela reflete a mobilidade e a maleabilidade do pensamento. Também Alencar (2003) ressalta que a flexibilidade de pensamento implica uma mudança de algum tipo, uma mudança de significado na interpretação ou uso de algo. Kneller (1978) também enfatiza que a pessoa criativa é mais flexível que a maioria, por causa da sua capacidade em tentar variadas abordagens.

Considerando estas acepções, compreende-se que a flexibilidade é de suma importância no pensamento criativo, por possibilitar que o indivíduo diante situações adversas

ou inesperadas não fique preso ao que tinha planejado ou pensado, mas com flexibilidade contorne a situação buscando novas alternativas. Esta característica ao que se percebe dá vazão para que o criador pense por si mesmo não se limitando aos modelos estabelecidos.

Outra característica do pensamento criativo é a originalidade. A originalidade conforme Torre (2008) implica na produção de respostas pouco comuns e engenhosas para situações específicas. Está associada com a novidade e a inventividade. Aqui cabe destacar o caráter raro, incomum, infrequente, que é o da originalidade por estar relacionada à criação de algo novo. Para Kneller (1978) a originalidade é o mais amplo dos traços que entram na criatividade, uma vez que a mesma abrange capacidades como a de produzir idéias raras, resolver problemas de maneiras incomuns, usar coisas ou situações de modo não costumeiro.

Para Torre (2008) no campo educacional a melhor maneira de potencializar a originalidade está na flexibilidade do educador para aceitar e estimular as novas ideias que os alunos propõem, já que a criança tende instintivamente a criar e a inovar, desde que não seja freada.

Desta forma, estimular a criatividade no ambiente escolar perpassa pela postura do educador frente às ideias originais incomuns apresentadas pelo aluno e do cuidado que se deve tomar para que esta característica do pensamento criativo não seja bloqueada diante da rigidez do nosso sistema educacional. Kneller (1978) escreve que o professor tem de procurar manter o encantamento do aluno pela novidade e temperar as atitudes mais conservadoras e convencionais que a criança adquire a medida que amadurece.

A elaboração, também característica do pensamento criativo é concebida como a quantidade de detalhes presente em uma ideia. Segundo Torre (2008,) esse fator requer a especificação de detalhes que contribuam ao desenvolvimento de uma ideia geral. Para Alencar (2003) a elaboração consiste na facilidade em acrescentar uma variedade de detalhes a uma informação, produtos ou esquema. Trata-se de uma característica que exige esforço, dedicação e trabalho intelectual uma vez que ela se configura na lapidação, na ornamentação da ideia, onde o criador precisa ser flexível e detalhista para realizar a sua criação, seja o desenvolvimento de um produto, uma ideia ou um pensamento. Kneller (1978) exemplifica a elaboração ao enfatizar que a pessoa criativa não apenas tem ideias novas, mas segue-as. Escreve ele:

Por exemplo, se ela apresenta inclinação poética, não se limita a lançar umas tantas imagens, porém trabalha para compor um poema. Se é manualmente criativa, constrói um rádio em vez de apenas brincar com fio. Se é jardineiro, forma um jardim de pedras, todo inteiro, em lugar de reunir algumas pedras e plantas. (KNELLER,1978,P.81)

A elaboração se traduz na beleza dos detalhes presentes em uma obra, em uma ideia,

em um pensamento causando admiração e encanto do apreciador. Assim, por meio da elaboração o indivíduo criativo é levado a pensar em formas e maneiras que desenvolvam com riquezas de detalhes a sua ideia.

Cumprir dizer que as características que conduzem ao pensamento criativo aqui apresentadas não se esgotam nelas, pois existem outras na literatura pesquisada como a curiosidade, a persistência, a imaginação dentre outras, porém, as mais recorrentes entre os autores estudados são as elencadas acima.

1.4 Criatividade e Educação: Um Grande Encontro²

Lá estava ela, a contemplar o seu mundo. O mundo do ensinar e do aprender, o mundo da formação humana, um mundo que conhecia minuciosamente em todos os aspectos, pois ao longo dos séculos foi forjada exclusivamente para reinar nele. Não se sabe ao certo o tempo da sua existência, mas sabe-se que desde a antiguidade ela já se fazia presente. Assim atravessou os tempos e as gerações, se enraizou nas sociedades e se fez grande, indispensável, soberana. Forjada no calor das discussões e reflexões filosóficas, sociológicas, epistemológicas... passou por várias formas de ser vista e compreendida. Assim viveu e vive em constante metamorfose.

Não se sabe ao certo que aparência terá amanhã, mas se sabe que foi a responsável pelo tipo de formação de centenas de gerações ao longo da história humana. O tipo de formação? Isto é muito relativo. Depende muito da época, da sociedade e do lugar. Assim, cada tempo e cada sociedade lhe atribuía funções que melhor atendessem as suas necessidades, por isso sempre foi usada de forma intencional.

Não é possível enquadrá-la dentro de um único arquétipo, mas é possível, a partir dos vários arquétipos na qual foi enquadrada no decorrer dos séculos, aprender com os erros e acertos que fizeram e fazem parte de sua existência, na tentativa de aperfeiçoá-la, lapidá-la, à imagem e semelhança das necessidades humanas, mantendo o que foi bom, benéfico, bonito e acrescentando novidades e necessidades emergentes do contexto e deletando o que se tornou inadequado e ultrapassado, pois ela esta sempre em processo de mutação. Ora com um nome, ora com outro. Assim já foi chamada tradicional, liberal, nova, libertária, libertadora, tecnicista...

O fato é que tantos séculos de jornada terrena a tornaram uma “senhora” experiente, pois ela mesma foi experimentada e proporcionou novas experiências, foi pensada e repensada dezenas de vezes, passou por várias mudanças de perspectivas, de intenções, recebendo continuamente novas aparências, novas formas de ser vista e pensada.

² Texto de autoria da pesquisadora

Adentra o século XX mais reflexiva, crítica e renovada, afinal trata-se de um tempo em que a tecnologia, a ciência e o conhecimento avançaram grandemente, um tempo marcado pelo dito progresso que trouxe muitas inovações e avanços em todos os setores da sociedade, mas também problemas de ordem social, ambiental, política...

Com vista a este horizonte que se desvela diante do seu olhar e das influências e interferências que sofrerá o seu mundo, e por ser ela tão importante e indispensável para a humanidade, intui que precisa de reforço, de uma força que faça a diferença, que seja capaz de ser útil em diferentes formas e aspectos e que possa possibilitar diversidade de respostas as perguntas desafiadoras do homem, ajudando-o a preencher o seu espírito curioso, inquieto, incompleto.

Diante do que foi mostrado até aqui, propomos a 'criatividade' como um caminho para a 'educação'. Uma proposta emancipatória para o pensar, um ato de liberdade intelectual. Trata-se, portanto, de um elemento importante para educação, pois tradicionalmente em educação ela, a criatividade, sempre foi esquecida. Ao longo de sua jornada, a educação bloqueou de diversas formas, limitando a sua expressão, não dando abertura e oportunidade para sua manifestação.

Do encontro entre ambas travou-se um diálogo profundo havendo assim a oportunidade de se conhecerem profundamente, reconhecendo que uma precisa da outra para este novo tempo e para os tempos vindouros. Chegaram a conclusão de que a educação está para criatividade e criatividade está para educação. E as duas se foram de mão dadas, conversando sobre as possibilidades e perspectivas de estarem juntas, dos desafios e dificuldades que enfrentariam pela frente, das barreiras a serem desmoronadas, dos paradigmas a serem superados. Em fim foi o início de uma grande amizade, um relacionamento em que o tempo poderá confirmar como bom, benéfico e positivo para a natureza humana e para a sociedade.

Pensar em educação e criatividade implica primeiro em dizer que historicamente e tradicionalmente a educação tende a negligenciar o potencial criativo do aluno, tendo em vista que ao longo dos séculos o sistema educacional se manteve fechado e enraizado em um ensino cujos métodos preconizavam uma formação pautada na memorização e transmissão dos conhecimentos, bloqueando assim a manifestação da criatividade. Kneller (1978) diz que uma das mais justificáveis acusações que se podem levantar contra nosso sistema educacional é que ele desprezou, e demasiadas vezes até suprimiu, a criatividade natural dos jovens. Nesta mesma perspectiva Alencar (2001) ressalta que a nossa educação é uma educação

voltada para o não-pensar, onde o aluno recebe a informação pronta para ser assimilada e reproduzida, configurando-se em uma educação que bloqueia e inibe a fantasia, a imaginação, o jogo de ideias.

Outra questão que precisa ser dita é sobre a criatividade. Atualmente há um reconhecimento crescente da sua importância para a educação e para a formação humana. Os estudos, literaturas e pesquisas que a abordam enfatizam a sua relevância. Neste termos, Haetinger (2012) diz que talvez hoje, mais do que nunca, seja o momento de se repensar a educação pelo viés da criatividade. Concordando com estas acepções Alencar e Fleith (2003, p.131) também enfatizam a importância da criatividade dizendo:

Há um reconhecimento crescente da importância da criatividade nos mais diversos setores da sociedade. Ela tem sido considerada o recurso mais precioso para se lidar com os desafios que acompanham o atual momento, marcados por mudanças em ritmo cada vez mais rápido, por um progresso sem precedente, por grande instabilidade e incerteza.

Alencar (2001) fala da necessidade de repensar a educação em relação ao conteúdo e à forma como este vem sendo trabalhado, focado em demasia na memorização e reprodução do conhecimento. A mesma autora ressalta que é de fundamental importância exercitar a capacidade de pensar, imaginar e criar.

Nesta direção Torre (2008) diz que a criatividade começa a ser considerada uma riqueza social, enfatizando que é necessário renovar as metas educativas, tendo em vista o desenvolvimento do pensamento criativo. Neste sentido ele afirma:

[...] concluímos que a sociedade necessita e exige que, na renovação de metas educativas, seja instalado o desenvolvimento da criatividade, como norte e motor de novas orientações metodológicas. Já não se trata de uma qualidade rara e inalcançável para muitos...mas sim da fonte de energia mais poderosa que a humanidade já imaginou (TORRE, 2008, p.25)

O referido autor se dedicou aos estudos da criatividade e o seu desenvolvimento na educação. Desenvolveu profundamente temas como estímulos e bloqueios à criatividade, a criatividade no meio escolar, dentre outros. Diz ele “se nós tratamos a criatividade como uma exigência de nossos tempos, não podemos abandonar sua educação ao acaso, faz-se necessário investigar seus componentes e descobrir seus fatores para orientar o trabalho educativo em sua direção” (TORRE, 2008, p.27).

Torre (2008) chama a atenção para a necessidade de ser a criatividade investigada e compreendida, principalmente pela educação, para que a mesma possa ser conduzida e desenvolvida de forma adequada, pois aquela história de dizer simplesmente “Faça uso da sua criatividade” como se a educação ou a escola ou o professor não tivesse nenhuma responsabilidade com isso tornou-se questionável. É necessário que a educação esteja

preparada para trabalhar com o potencial criativo, pois “a sociedade necessita e exige que, na renovação de metas educativas, seja instalado o desenvolvimento da criatividade, como norte e motor de novas orientações metodológicas”(TORRE, 2008, p.25).

A partir destas proposições, considera-se a necessidade de se pensar na criatividade como modo de ser da educação, de maneira que contribui com a formação integral, qualitativa dos alunos, pois historicamente a educação se preocupou em desenvolver os aspectos racionais do ser humano, priorizando a memorização, o pensamento convergente, a reprodução, a transmissão do conhecimento, ensinando que o pensamento deve ser sempre linear, num mesmo sentido e que sempre há uma resposta objetiva e direta para uma pergunta.

Normalmente se desconsiderou que o homem é dotado de outros potenciais, os quais são intrínsecos a sua natureza, tais como capacidade criativa, imaginativa, crítica dentre outras e que também precisam ser desenvolvidos para que se efetue uma formação completa. Nestes moldes, Novaes (1972 apud, HAETINGER e HAETINGER 2012, p.28) diz que é preciso reforçar a certeza de que a formação integral da personalidade do educando será incompleta sempre que se relegar a um segundo plano a expressão criadora.

Desta forma, chama-se a atenção para a necessidade de dar espaço à criatividade na educação dita formal que se desenvolve na escola, com o intuito de preparar homens e mulheres criativos, autônomos, capazes de pensar por si mesmos, possibilitando assim uma formação completa. Nesta direção emerge a necessidade de romper com o paradigma tradicional, e com todas as características adjacentes a sua estrutura, possibilitando assim que novas formas de ensino e aprendizagem sejam vivenciadas no ambiente escolar e principalmente que a criatividade seja estimulada, vivenciada e valorizada. Em outras palavras que o outro lado do ser humano, a dimensão “águia” como diria Boff(1997), o Pensamento Divergente como diria Guilford (apud, KNNELER, 1978), o lado direito do cérebro de De Masi (2005), atividade criadora de Vigotski (2009), Inteligência emocional de Goleman(2007) sejam desenvolvidos.

Diante do reconhecimento crescente da importância da criatividade, cumpre explicitar que a mesma tem conquistado seu espaço nas discussões no campo educacional e tem ganhado visibilidade, principalmente pela constatação de sua relevância para a educação e para o desenvolvimento e formação do estudante.

Uma educação da criatividade sugere que se pense a escola, pois é o local formal de ensino e aprendizagem onde se dá o processo de formação. Nela, o professor com sua prática

pedagógica, pode limitar ou incentivar a emergência do pensamento criativo e o aluno pode tanto ser incentivado a pensar criativamente como bloqueado.

1.5 Desabafo de Criatividade: As Duas Faces da Escola³

Do calor das discussões e reflexões que emergem do encontro entre criatividade e educação, pensa-se na escola. Vinde e vede o que diz a criatividade a teu respeito, ó escola.

Eis que tenho muitas reclamações contra ti, ó escola, pois ao longo de tantos séculos de existência foste um local impróprio para minha presença. Fui rejeitada, bloqueada, limitada. Tive pouquíssimas ou nenhuma chance de me desenvolver dentro de ti. Justo tu que és a representação da educação no mundo, o espaço onde se dá aquilo a que chamam formação humana. Em ti poucas vezes encontrei espaço para me manifestar, para ser usada adequadamente, pois de forma contínua as práticas realizadas dentro de ti me relegavam para segundo plano ou simplesmente me excluía.

De repente, podes até me perguntar, como isso acontecia e de que forma se dava? E eu então te responderia: na manifestação do espírito tradicional dentro de ti, materializado na dureza do autoritarismo, na cultura da transmissão e reprodução do conhecimento, na matança da curiosidade, iniciativa, na negação da expressão de idéias próprias, na rigidez dos conteúdos, na exigência e exaltação da memorização... assim, continuamente eu era e ainda sou minimizada, pois não me destes espaço, tempo e o valor que por ventura eu merecia. Talvez por simplesmente desconhecer a minha importância e principalmente que faço parte da essência humana.

Bem sei que fostes a materialização do ato educativo, idealizada para ser o espaço formal de ensino e aprendizagem, onde deveria ser socializado, apreendido e memorizado o saber acumulado ao longo do tempo. Sei que dentro de ti, por meio do ensino e aprendizagem se dá o processo de formação de meninos e meninas, moços e moças, homens e mulheres. No início foste privilégio de poucos, mas com o passar do tempo, constatada a tua importância para a sociedade, houve a necessidade de oportunizar que mais crianças, jovens e adultos tivessem acesso a ti, uma vez que és a personificação real da educação no mundo.

Assim, te consagrastes como necessária a sociedade, por isso chamo a tua atenção, ó escola. É chegado o tempo de olhar pra mim, pois a sociedade na qual estás inserida clama nestes tempos por homens e mulheres criativos, autônomos no pensar, capazes de expressar suas próprias ideias e é neste campo que me faço presente. Assim, preciso ser favorecida por ti, ser vista com bons olhos e ter a oportunidade de ser desenvolvida e valorizada nos teus espaços, na certeza e convicção de que serei uma grande aliada na educação e para a

³ Texto de autoria da pesquisadora

formação humana.

Bem sei que o teu propósito, a razão da tua existência não foi o de me favorecer, de me incentivar, mas tantas foram as mudanças que ocorreram no decorrer dos séculos que de uns tempos pra cá muitas vozes ecoam chamando a atenção para que tu te tornes um ambiente favorável a minha manifestação, pois tens potencial para que isto ocorra. Assim como te tornastes um ambiente que valoriza, prioriza e desenvolve com excelência os aspectos racionais do ser humano, também podes ser um espaço que estimula a mim, criatividade, que estou mais na dimensão das subjetividades humanas dos aspectos emocionais. Podes me dar visibilidade, me tornar significativa e me dar abertura para que eu entre dentro de ti e tenha a oportunidade de ser desenvolvida, usada e requisitada.

Tens potencial para ir além, pois embora prevaleçam aspectos do velho dentro de ti, que te condicionam a centralizar o teu olhar para o desenvolvimento da dimensão mais racional do ser humano como a memorização, a reprodução, a objetividade, de alguma forma, em alguns momentos e situações e de maneira indireta, pouco objetiva, fui utilizada, de modo que características associadas a mim como a curiosidade, a iniciativa, as pequenas e grandes ideias, a flexibilidade foram evidenciadas.

Podes com isso superar paradigmas, especialmente aquele velho paradigma tradicional que se enraizou no teu interior te tornando assim tão metódica, inflexível, fechada ao novo, ao poético, à liberdade, te condicionando a ser um espaço que prioriza o desenvolvimento dos aspectos racionais do ser humano. Diante disso, te convido a te tornares mais aberta, dinâmica, nova e criativa. E assim, serás então ressignificada e poderei com muita satisfação dizer: Eis que nela encontro continuamente tempo e espaço para ser estimulada, desenvolvida, pois tenho a oportunidade de ser usada livremente, sem censura, sem sofrer limitações, sem ser desqualificada. Dentro dela sou valorizada, requisitada. Assim suas ações e objetivos pedagógicos denotam uma preocupação genuína em me contemplar e me dar visibilidade, por ser considerada importante a formação humana. Desta maneira tenho a oportunidade de me manifestar de diversas formas, nas diversas áreas do conhecimento.

Como sou estimulada neste ambiente! Pois ele exala sabor e cheiro de liberdade intelectual. Assim, sou tecida; na liberdade do pensar, na valorização das pequenas e grandes ideias e expressão das mesmas, na aceitação do espírito curioso, na flexibilidade do conhecimento, nos desafios lançados como meio de me favorecer.

Dentro dela, o meu uso é constante. Estou sempre sendo convidada a estar presente

nos eventos, estudos, projetos, avaliações e demais ações pedagógicas em que seja necessário a minha manifestação. Assim, a escola é minha amiga fiel, pois nela encontro o apoio necessário para me manifestar. Ela me promove. Não se percebe dentro dela práticas inibidoras, bloqueadoras das características que são peculiares a mim como a curiosidade, a iniciativa, a imaginação, as ideias, a autonomia dos meninos e meninas que a freqüentam.

Sendo estruturada desta forma, ela se configura no modelo de ambiente mais adequado e apropriado ao meu pleno desenvolvimento e assim encanta e contagia a todos que a freqüentam, por ser assim tão aberta, flexível, dinâmica e sensível a essa dicotomia humana, permitindo que em seu interior os dois lados sejam considerados e desenvolvidos.

Do reconhecimento crescente da importância da criatividade para a educação surge a necessidade de pensar a escola. A escola que se configura no ambiente formal do processo educativo, onde ocorre o ensino e a aprendizagem, onde se dá o fazer pedagógico materializado em ações, objetivos, metodologias e avaliações que intencionam desenvolver os potenciais e habilidades dos alunos tendo em vista a formação dos mesmos.

Neste espaço se convencionou, por uma questão de tradição, desenvolver potenciais e habilidades dos alunos relacionados especialmente aos aspectos racionais do ser humano como a memorização do conhecimento, a objetividade, o pensamento convergente dentre outros. A este respeito Lubart (2007) diz que a escola favorece, frequentemente, o pensamento convergente para pesquisa de uma resposta “correta” aos problemas colocados pelo professor. Assim o ensino e aprendizagem que se efetivava dentro da escola pautavam-se na transmissão e reprodução do conhecimento. Da mesma forma Alencar (2001,p.33) diz:

Observa-se nas escolas, por exemplo, que as crianças aprendem, desde muito cedo, que para cada problema há uma única resposta correta. É muito escasso o espaço destinado ao pensamento divergente ou ao manuseio de questões para as quais muitas respostas ou soluções podem ser apresentadas. Nota-se ainda um reduzido espaço para a fantasia, imaginação e jogo de ideias. O potencial criador, presente em toda criança, é muitas vezes bloqueado e inibido.

Desta forma, os potenciais referentes aos aspectos subjetivos são frequentemente minimizados, bloqueados, desfavorecidos no ambiente escolar. Neste contexto se inibe a criatividade, o pensamento autônomo, a expressão das próprias ideias dos alunos, a imaginação, a opinião própria, o senso crítico.

Diante deste cenário surge a necessidade de repensar a escola, de modo que a mesma possa ser também um ambiente favorável ao incentivo da criatividade e das características adjacentes a mesma. Isto se justifica pelas mudanças que ocorreram e vem ocorrendo na sociedade, da crise de paradigmas, da nova relação com o conhecimento, pois o que já foi inquestionável, absoluto no passado, hoje já não se apresenta no mesmo patamar.

Brandão (2010) ao tratar da crise dos paradigmas e a educação, diz que a crise de paradigmas leva geralmente a uma mudança de paradigmas, sendo estes motivados por causas internas e externas. Segundo a autora as causas internas estão relacionadas ao resultado de desenvolvimentos teóricos e metodológicos dentro de uma mesma teoria e também do esgotamento dos modelos tradicionais de explicação oferecidos pela própria teoria, o que leva à busca de alternativas. As causas externas estão associadas às mudanças na sociedade e na cultura de uma época, que fazem com que as teorias tradicionais deixem de ser satisfatórias.

Partindo destes pressupostos, considera-se que a educação tradicional que tem como foco a transmissão, memorização e reprodução do conhecimento tornou-se questionável e insatisfatória nos dias atuais, tendo em vista o advento de uma sociedade complexa, plural, participativa, democrática. Nestes termos Imbernón (2004) diz que nos últimos tempos questionaram-se muitos aspectos da educação que, até o momento, eram considerados intocáveis. O referido autor chama a atenção para o fato de como se questionou o conhecimento nocional e imutável das ciências como substrato da educação, havendo também uma abertura para outras concepções em que a rápida obsolescência e a incerteza tem um papel importante.

Imbernón (2004), por sua vez, argumenta que é necessária a renovação da instituição educativa, embora, a mesma tenha evoluído no decorrer do século XX, mas o fez sem romper as linhas diretrizes que lhe foram atribuídas em sua origem: centralista, transmissora, selecionadora.... Por isso ele diz:

A instituição que educa deve deixar de ser “um lugar” exclusivo em que se aprende apenas o básico (as quatro operações, socialização, uma profissão) e se reproduz o conhecimento dominante, para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade, para revelar um modo institucional de conhecer e, portanto, de ensinar o mundo e todas as suas manifestações.(IMBERNÓN, 2004, p.8)

A este respeito Brocanelli (2010) também enfatiza que a escola não pode ser uma fonte que só transmite informações e nem mesmo um lugar de dogmatismo que imprime somente uma certeza já caracterizada e determinada, fechando, assim, as possibilidades para novas descobertas. Na escola deve ser estimulado e conservado o espírito curioso.

Considerando estas proposições compreende-se que a escola precisa ser transformada, ressignificada, configurando-se em um espaço que possibilite a abertura para outras instâncias da formação humana, que não sejam aquelas centralizada apenas nos aspectos racionais. Neste sentido pensa-se na criatividade, na sua importância para o desenvolvimento humano e na necessidade de encontrar um espaço favorável para a sua emergência.

A transformação e renovação da instituição educativa passa necessariamente pela necessidade de contemplar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, pois historicamente a escola materializou-se em um dos espaços onde mais se limita e bloqueia a emergência do potencial criativo. Haetinger (2012) fala sobre a importância de transformar a escola em um lugar onde formamos e não onde formatamos os alunos, uma escola renovada que integre a cultura do meio no qual está inserida, criando-se bases para o futuro e oferecendo aos alunos a oportunidade de construir o novo a sua maneira.

Nesta perspectiva chama-se atenção para o potencial contraditório da escola, por se configurar em um espaço que forma e de forma, que estimula e bloqueia, que possibilita e limita. Embora prevaleçam as segundas características, a instituição escolar pode se tornar por excelência o ambiente mais adequado e preparado para o incentivo da criatividade dos alunos. Nestes termos (TORRE, 2008, p.68) enfatiza:

O meio escolar pode ter um papel decisivo, seja estimulando ou bloqueando o pensamento divergente. Se as outras potencialidades humanas crescem com a prática e exercício, a atitude criativa comporta alguns hábitos, disposições e expressão que podem demorar muito para se consolidar, e muito pouco para ser inibidos. Precisa-se de atmosfera e ambientes adequados; um clima de aceitação e reconhecimento; certa margem de liberdade e de ideação espontânea. O meio escolar é o responsável, na maioria das vezes, pela perda de atitudes criativas.

Cumprir sempre destacar que a escola tem potencial para ir além daquilo para o que foi idealizada originariamente, podendo se tornar um espaço promotor das duas faces do ser humano; o objetivo e o subjetivo, o convergente e o divergente. A ênfase aqui é ao incentivo da criatividade, uma vez constatada a sua importância e necessidade para a formação humana e por considerar que o meio escolar, segundo Lubart (2007), tem um papel crucial no desenvolvimento da criatividade ou o contrário.

[...] o ambiente escolar tem um papel crucial no desenvolvimento da criatividade, ou frequentemente, na sua falta de desenvolvimento. Em primeiro lugar, as crianças adquirem as capacidades e os conhecimentos cognitivos na escola. A escola favorece frequentemente, o pensamento convergente para pesquisa de uma resposta “correta” aos problemas colocados pelo professor. (LUBART, 2007, p.80)

Diante destas acepções a conclusão a que se chega diante do reconhecimento da importância da criatividade para a educação e para a formação dos alunos é de que o ambiente escolar precisa fazer um movimento inverso ao que se tem materializado e se tornar um espaço favorável ao desenvolvimento da criatividade, pois, “a escola criativa deve proporcionar um clima confiável e facilitador do desenvolvimento de potenciais criativos, que determinará uma autoconsciência do processo vivenciado, do produto e dos potenciais próprios dos alunos. Segundo Rocha (2009) a escola criativa ensina a criança a brincar com seus pensamentos e as suas próprias idéias. Assim, a instituição escolar precisa ser um espaço

flexível, aberto as inovações, que dá tempo e espaço para ideias dos alunos, permitindo que os mesmos tenham oportunidade para expressá-las. Precisa-se, nestes termos, que a escola se torne um ambiente que promova, de maneira contínua e direta, a criatividade dos alunos, mas para que isto aconteça também é necessário pensar a formação do professor.

1.6 O Professor e a Criatividade

The Little Boy

Era uma vez um menino que ia à escola. Ele era bastante pequeno, e ela era uma grande Escola. Mas, quando o menino descobriu que podia ir à sua sala sozinho, caminhando através da porta da rua, ele ficou feliz e a escola não mais parecia tão grande quanto antes.

Uma manhã, quando o garotinho estava na escola, a professora disse: hoje nós vamos fazer um desenho”. Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de fazer desenhos. Ele podia fazê-lo de todos os tipos: leões, tigres, galinhas e vacas, trens e barcos. E ele pegou uma caixinha de lápis e começou a desenhar. Mas a professora disse: ainda não é hora de começar. E ela esperou até que todos estivessem prontos. “Agora”, disse a professora, nós iremos desenhar flores. E ele começou a desenhar bonitas flores com seu lápis rosa, laranja e azul. Mas a professora disse: Esperem, vou mostrar como fazer. E A FLOR ERA VERMELHA COM O CAULE VERDE. Assim disse a professora: Agora vocês podem começar. O menino olhou a flor da professora, então olhou para sua flor. Ele gostava mais de sua flor, mas não podia dizer isso. Ele virou o papel e desenhou uma flor IGUAL à da professora. ERA VERMELHA COM O CAULE VERDE.

Em outro dia, quando o menino estava em aula ao ar livre, a professora disse: Hoje iremos fazer alguma coisa com o barro. Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de barro. Ele podia fazer todos os tipos de coisas com o barro: elefantes e camundongos, carros e caminhões. E ele começou a amassar o barro. Mas a professora disse: Esperem, não é hora de começar. E ela esperou até todos estarem prontos. Agora, disse a professora, nós iremos fazer um prato. Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de fazer pratos. E começou a fazer pratos de todas as formas e tamanhos. Mas a professora disse: Esperem, vou mostrar como fazer. E ela começou a mostrar a todos como fazer um prato fundo. “Assim”, disse a professora.

O menino olhou o prato da professora. Então olhou para o próprio prato. Ele gostava mais de seu próprio prato do que o da professora. Mas ele não podia dizer isto. Ele amassou o seu barro em uma grande bola novamente e fez um prato igual ao da professora. Era um prato fundo. E mais cedo o menino aprenderia a olhar e a fazer coisas exatamente como as da professora. E muito mais cedo, ele não fazia coisas por si próprio.

Então aconteceu que o menino e sua família mudaram-se para outra casa em outra cidade. E o menino tinha de ir a outra escola. Esta escola era ainda maior do que a outra. Não havia porta da rua para sua sala. Ele tinha de subir grandes degraus, até sua sala.

E, no primeiro dia, ele estava lá. A professora disse: hoje nós vamos fazer um desenho.

-Que bom! Pensou o menininho. E ele esperou que a professora dissesse o que fazer.

Mas a professora não disse nada. Ela apenas andava pela sala. Quando veio até o menininho, disse:

-Você não quer desenhar?

-Sim, disse o menininho, o que nós vamos fazer?

- Eu não sei até que você o faça, disse a professora.

- E de que cor? perguntou o menininho.

- Se todo mundo fizer o mesmo desenho, e usar a mesma cor, como eu posso saber quem fez o quê, e qual o desenho de cada um?

- Eu não sei disse o menininho.

E ELE COMEÇOU A FAZER UMA FLOR VERMELHA, COM O CAULE VERDE.

(Helen E. Buckley)

Este texto nos convida a refletir sobre a pessoa do professor. O professor que é uma peça central no processo de ensino e aprendizagem, que tem o poder de influenciar de forma positiva e negativa a formação do aluno, que pode tanto contribuir com o estímulo do pensamento criativo como ser o principal responsável pelo seu bloqueio. Neste sentido, chama-se a atenção para a importância da sua prática pedagógica em relação aos aspectos facilitadores e inibidores da criatividade em sala de aula.

Antunes compara a imagem do professor a duas figuras mitológicas: fadas e bruxos apontando assim para o caráter dicotômico das práticas pedagógicas dos mesmos. Nestes termos a prática docente se configura na possibilidade de contribuir e limitar, de formar e deformar, de encorajar e amedrontar. Isto depende da postura adotada pelo professor em sala de aula.

Assim, quanto à criatividade e ao seu incentivo no ambiente escolar, tradicionalmente não se percebe uma preocupação da parte do professorado em incentivar a emergência do pensamento criativo dos alunos, mas ao contrário, observa-se o predomínio de práticas pedagógicas que condizem com o bloqueio, a limitação e desvalorização da

criatividade, da autonomia de pensar. Isto se manifesta na cultura da transmissão e reprodução do conhecimento, na postura autoritária do professor em sala de aula, no ato de entregar tudo pronto e explicado ao aluno, não possibilitando que o mesmo faça perguntas, estude temas do seu interesse e busque por si mesmo respostas, por isso, Ibernón (2004) vem dizer que a profissão docente deve abandonar a concepção predominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico, de onde de fato provém, e que se tornou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos. De forma similar Demo (2001) ressalta que diante de professores que apenas reproduzem aulas, dificilmente o aluno chega à ideia de que a educação tem como objetivo fundamental gestar a autonomia.

De encontro a estas proposições Torre (2008) enfatiza que talvez habituamos os nossos alunos a ter as coisas tão prontas ou explicadas que com essa boa intenção estejamos matando a centelha criativa. O mesmo autor diz:

Naturalmente cada idade requer determinadas ajudas, porém, a melhor de todas é não lhe dar as coisas prontas, nem soluções já adotadas, mas sim permitir-lhes acreditar que foram eles que encontraram a solução ou descobriram o que estavam procurando. (TORRE, 2008, p.36)

Nesta direção, Lipman (1990) expressa que deveria haver nas escolas de educação o máximo de discussão e o mínimo de exposição e que os professores das crianças devem encorajá-las a pensar por si próprias. Isto configura-se com a ruptura daquela velha prática tão comum entre os professores do “Esperem, vou mostrar como fazer.”

Explicar todos os passos, dizer exatamente como deve ser feito, não dar tempo e espaço para que o estudante pense por si mesmo, estude e pesquise temas de seu interesse e expresse suas próprias ideias, configuram-se em ações que limitam e desconsideram a capacidade criadora. Atitudes contrárias a isto propiciam o desenvolvimento das características do pensamento criativo dos alunos, e por isso Kneller (1978) vem dizer que o mestre deve receber bem as ideias originais de seus estudantes- mais do que isso, deve estimulá-los para esse fim. De forma similar Torrance (1970, apud, ALENCAR 2001, p.70) enfatiza que o professor propiciador do desenvolvimento da criatividade caracteriza-se como aquele que respeita as perguntas e ideias dos alunos; faz perguntas provocativas, reconhece as ideias originais, ajuda o aluno a se conscientizar do valor de seu talento criativo.

Considerando estas proposições, especialmente no que tange ao incentivo do pensamento criativo dos alunos e a sua relevância para a formação humana, surge a necessidade de proporcionar aos professores, de modo mais específico conhecimentos, vivências e percepções relacionados com a criatividade, com o objetivo de ajudar o aluno a

torna-se mais criativo, autônomo no modo de pensar, motivado a expressar suas ideias e pensamentos.

Neste contexto, uma educação da criatividade requer que os professores estejam mais preparados para contribuir com o desenvolvimento do pensamento criativo dos alunos e isto perpassa pela sua formação, uma vez que se trata de um profissional que trabalha diretamente com potenciais e atua sobre os mesmos, mediando bloqueios e estímulos. Assim, conhecer, compreender, adquirir conhecimentos e vivências no campo da criatividade parece ser algo viável para que a mesma seja incentivada adequadamente através da prática pedagógica dos professores.

Pensar a formação do professor tendo em vista uma educação para a criatividade é um ponto que merece destaque, uma vez que na educação formal o incentivo ou o bloqueio do pensamento criativo estão relacionados a postura do professor em reconhecer e desenvolver ou não o potencial criativo dos alunos. Porém vale ressaltar que isto requer conhecimentos e habilidades. Neste sentido TORRE (2008, p.27) diz:

No ensino, se não se permite que uma aula seja dada por alguém que não tenha preparo ou domínio adequado dos conteúdos, tampouco podemos caminhar as cegas por um caminho tão indefinido como é o criativo. O conhecimento dos componentes da criatividade seria o equivalente aos conteúdos das disciplinas acadêmicas.

Lubart (2008) também diz que é importante trabalhar com os professores sua atitude frente aos comportamentos criativos na sala de aula, uma vez que sua posição privilegiada pode estimular ou asfixiar essa criatividade. De modo similar Alencar (2001) argumenta que para se promover a expressão criativa na escola, é necessário formar adequadamente os professores nesta área, com vista a que eles utilizem atividades que possibilitem ao aluno exercitar o seu pensamento criativo. E que no final o aluno possa expressar as suas ideias e pense por si próprio.

Diante destas afirmativas considera-se que a prática pedagógica aplicada pelo professor é condição de suma importância para o sucesso de uma educação da criatividade, pois ele é o mediador de práticas favoráveis ou desfavoráveis, que limita ou possibilita o desenvolvimento da criatividade, da autonomia intelectual dos alunos em sala de aula.

A próxima seção aborda a criatividade na perspectiva da autonomia intelectual tecendo relações entre o pensamento criativo e a autonomia intelectual, compreendido aqui como a capacidade do indivíduo em pensar por si mesmo, sendo capaz de expressar suas ideias e pensamentos com responsabilidade e movido pelo desejo de busca. Trata-se de reflexões que buscam romper com a concepção tradicional de criatividade como produção de grandes obras artísticas, literárias dentre outras. Neste sentido buscamos dialogar com

Rancière e sua obra o “Mestre Ignorante”, Kohan e sua obra o “Mestre Inventor” e Paulo Freire a obra “Pedagogia da Autonomia” dentre outros que possibilitam reflexões nesta perspectiva.

II SEÇÃO

CRIATIVIDADE E AUTONOMIA, TECENDO RELAÇÕES

1.1 Travando Diálogos com Rancière, Kohan e Freire Sobre Criatividade

Esta seção intenciona apresentar a criatividade na perspectiva da autonomia, procurando enfatizar a íntima relação entre o ato de criar e de pensar com liberdade, sobretudo enfatizando que criar configura-se como condição para pensar. Assim este trabalho toma também como ancoragem os postulados teóricos de Rancière (2010), Kohan (2013) e Freire (1996) dentre outros que trazem a baila reflexões relacionadas a discussões da criatividade nesta perspectiva.

Pensar a criatividade a partir do olhar destes autores implica em não se prender a um conceito, mais de vislumbrar nas suas palavras a criatividade sendo apresentada, e evidenciada sem a rigorosidade metódica de uma pesquisa científica sobre a temática, como fazem os demais investigadores citados na seção anterior. Desta forma, a criatividade aqui apresentada sempre produz autonomia no sentido de pensar com liberdade. A autonomia que possibilita ao indivíduo fazer uso da sua capacidade de decidir, de arcar com os resultados da decisão tomada, que se apoia na liberdade do pensar. A autonomia idealizada em Freire (1996) diz que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, em experiências respeitadas da liberdade. Trata-se, portanto, da autonomia intelectual, consubstanciada no ato de criar que se constitui em condição para pensar, produzir ideias, conceitos e pontos de vista diferentes, dentre outros atributos que caracterizam a criatividade.

Nesta direção, os postulados teóricos de Rancière trazem contribuições significativas quanto a reflexão sobre criatividade e autonomia por meio da prática pedagógica de um professor do século XIX, que possivelmente não tinha conhecimento algum sobre criatividade, mas ajudou seus alunos a encontrarem o caminho da emancipação intelectual, despertando neles, talvez sem saber o potencial criativo.

Assim, Rancière, na sua obra *o Mestre Ignorante* destaca a experiência educativa de Joseph Jacotot, um professor do século XIX que recebeu a missão de ensinar francês a alunos holandeses. Duas situações merecem destaque nesta história; o professor ignorava o holandês e os alunos o francês, uma situação problemática. O que fazer, como ensinar? A primeira solução foi o *Telêmaco*, um livro de edição bilíngue publicado em Bruxelas, a “coisa comum” entre eles. A partir daí Jacotot solicitou que seus alunos fizessem uso do *Telêmaco* e

aprendessem o francês e depois que escrevessem em francês o que pensavam de tudo quanto haviam lido. Assim Rancière (2010, p.18) diz:

Por meio de um intérprete, ele indicou a obra aos estudantes e lhes solicitou que aprendessem, amparados pela tradução, o texto francês. Quando eles haviam atingido a metade do livro primeiro, mandou dizer-lhes que repetissem sem parar o que haviam aprendido[...].

É preciso destacar que nada sobre a língua francesa foi explicado aos alunos. Eles apenas receberam a indicação de uma obra e foram desafiados a aprender com base na tradução. Jacotot esperava por um grande fracasso, acreditava realmente que os alunos não conseguiriam, uma vez que se tratava de uma língua totalmente nova e desconhecida para eles. Essa descrença na capacidade dos alunos é algo comum entre os professores e torna-se um grande empecilho quanto ao desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar. Neste sentido, Alencar (2009) também enfatiza que de modo geral, os professores têm baixa expectativas e pouca confiança na capacidade do aluno de ser responsável, independente e criativo.

A visão de Jacotot em relação aos seus alunos era de total descrença. Porém o inesperado aconteceu diante daquele método ocasional e eles aprenderam. O texto não descreve o que os estudantes fizeram e como fizeram, que método utilizaram para aprenderem o francês além de fazerem uso do Telêmaco, da orientação do professor e de serem desafiados a aprenderem, amparados pela tradução, o texto francês. Eles pensaram com autonomia, fizeram uso da sua capacidade criativa. O fato é que Jacotot não esperava pelo resultado e foi surpreendido com a capacidade de seus alunos. Assim Rancière (2010, p.18) narra:

Ele estava esperando por terríveis barbarismo ou mesmo, por uma impotência absoluta. Como de fato, poderiam todos esses jovens, privados de explicações, compreender e resolver dificuldades de uma língua nova para eles? De toda forma era preciso verificar até onde esse novo caminho, aberto por acaso, os havia conduzido e quais os resultados desse empirismo desesperado. Mas, qual não foi a sua surpresa quando descobriu que seus alunos, abandonados a si mesmos, se haviam saído tão bem dessa difícil situação quanto os fariam muitos franceses! Não seria, pois preciso mais do que querer, para poder?

Como explicar este resultado inesperado? Podemos então pensar nos potenciais humanos, na criatividade como expressão do pensar que se revela diante de situações desafiadoras e problemáticas que incentivam o indivíduo a buscar respostas, soluções ou alternativas fazendo uso da sua real capacidade de pensar. Como diz Kohan (2013) a criação, a invenção tornam-se então condição para pensar. Neste sentido, parafraseando Kneller (1978) ao invés de simplesmente receber o conhecimento pronto de seus mestres, os alunos podem por seus próprios meios recombinar aquilo que aprendem. Assim, pode se inferir que o fato vivenciado por Jacotot ocorreu porque os alunos foram desafiados a vivenciarem uma

experiência de liberdade, onde por si mesmos tiveram que pensar. Assim, aprenderam o francês buscando compreender e resolver as dificuldades de uma língua nova com o pouco que sabiam. Embora, não fosse a intenção do professor alcançar este objetivo.

A criatividade se manifesta desta forma, diante de situações que incentivam o aluno a pensar por si mesmo, por isso Kneller (1978) vem dizer que aprender criativamente é antes de tudo aprender pela própria iniciativa. Neste sentido o indivíduo que pensa criativamente é sujeito da sua própria autonomia intelectual. Assim afirma Freire (1996) quando diz que ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. O professor Jacotot não foi o sujeito da autonomia dos seus alunos quanto ao aprendizado de um idioma desconhecido, mas os próprios alunos movidos pelo querer aprender, por eles mesmos, conseguiram. Desta forma, foram os sujeitos do seu próprio aprendizado. Foram autônomos, usaram a sua criatividade.

Diante destas proposições perguntamos: que relação há entre as lições do mestre ignorante e a criatividade, pois na obra não se encontram referências à palavra criatividade? Observa-se que não se trata de um estudo científico sobre a mesma, porém, ela está presente e se evidencia especialmente em duas situações. A primeira na atitude do professor, que diante de um problema aplicou um método novo para ensinar, cujo resultado revolucionara sua prática pedagógica e rompeu com paradigmas que o norteavam, isto é, na crença de que os alunos não conseguem aprender sem que o professor transmita e explique o conhecimento. O professor foi criativo e também oportunizou que os alunos fizessem uso da sua criatividade, isto é da capacidade de pensar, semelhante ao professor descrito em Kohan (2013, p.90) que diz:

Como se observa, o professor que propõe Rodriguez é um inspirador, um excitador de saber. Ele também é um estimulador da vontade, do querer. O que primeiro exorta saber e querer é a força da própria capacidade de saber e de pensar: o perceber-se como alguém igualmente capaz de saber e de pensar como todos os outros seres humanos.

O professor descrito por Kohan (2013) apresenta características de um professor incentivador da criatividade, por ser um professor que inspira os alunos a buscar o saber, os conscientizando das suas capacidades de pensar, criar e inventar, pois o referido autor enfatiza que um professor é alguém que ajuda o outro a descobrir o que é. Isto é, tornar-se capaz por si mesmo. Capazes de aprender por si mesmos, de criar, de aprender movidos pelo desejo de querer.

Neste sentido o professor Jacotot em Rancière criou um clima favorável para a emergência da criatividade. O seu método novo, embora ocasional permitiu que os seus alunos se conscientizassem do imenso potencial que possuíam para pensar, criar e aprender.

Assim foi um excitador de saber como preconiza Kohan (2013).

De encontro a estas proposições Torrance (1970, apud, ALENCAR, 2001,p.70) diz que o professor propiciador do desenvolvimento da criatividade caracteriza-se como aquele que respeita as perguntas e ideias dos alunos; faz perguntas provocativas e ajuda o aluno a se conscientizar do valor de seu talento criativo.

A segunda situação que nos leva a refletir sobre criatividade nas lições do mestre ignorante, está na resposta dos alunos que desacreditados pelo professor superaram-se, e por si mesmos aprenderam, demonstrando que são capazes de pensar, que não são simplesmente receptores de conhecimentos mas que são capazes de construí-los. Com ancoragem em Freire (1996) pode-se dizer que o ato de aprender vivenciado neste contexto foi uma experiência de expressão da criatividade, pois para o referido autor aprender define-se, sobretudo, como uma aventura criadora, uma capacidade exclusivamente humana de observar, agir, decidir e criar, algo muito mais rico do que meramente repetir a lição dada.

O Jacotot de Rancière ao que se percebe não tinha a pretensão de incentivar a criatividade de seus alunos, tampouco, de torná-los autônomos intelectuais. A sua proposta aos alunos para que aprendessem o francês se deu por acaso. O fato é que ele não esperava pelos resultados obtidos. Assim, a referida experiência foi impactante para a sua prática pedagógica, servindo de base para repensar seu método de ensino e principalmente para desconstruir paradigmas como aquele de que a tarefa do professor é transmitir conhecimentos e a do aluno somente receber, não sendo este último capaz de aprender sem a explicação do mestre. Assim diz Rancière (2010, p.19)

Tal foi a revolução que essa experiência do acaso provocou em seu espírito. Até ali, ele havia acreditado no que acreditam todos os professores conscienciosos: que a grande tarefa do mestre é transmitir seus conhecimentos aos alunos, para elevá-los gradativamente à sua própria ciência.

Jacotot observou que seus alunos foram capazes de aprender por si mesmos, de pensar por si mesmos, sem as instruções de um mestre explicador, pois não havia ele explicado nada sobre a língua francesa, mas mesmo assim eles aprenderam e superaram a expectativa negativa do mestre sobre suas capacidades intelectuais. O que deixa Jacotot intrigado é o fato de não ter sido necessário a intervenção de um mestre explicador que explicasse passo a passo como os alunos deveriam fazer para aprender francês. Isto não impediu a aprendizagem. O grande diferencial foi a autonomia dos alunos em buscar por si mesmos aprender a língua francesa, tendo como recurso o Telêmaco e a solicitação do professor. Assim diz Rancière:

Ele não havia dado a seus “alunos” nenhuma explicação sobre os primeiros elementos da língua. Ele não lhes havia explicado a ortografia e as conjugações. Sozinhos, eles haviam buscado as palavras francesas correspondentes aquelas que conheciam, e as razões de suas desinências. Sozinhos eles haviam aprendido a combiná-las, para fazer, por sua vez, frases francesas... (RANCIÈRE, 2010, p.20)

A atitude do professor Jacotot nos faz lembrar o que diz Torre (2002) sobre o caráter limitador da explicação, de entregar o conhecimento pronto ao aluno, não instigando que o mesmo busque por si mesmo soluções, respostas, conhecimentos. Isto configura-se na morte da criatividade, por isso Torre, que já citamos antes, diz:

[...] Talvez habituemos os nossos alunos a ter as coisas tão prontas ou explicadas que com essa boa intenção estejamos matando a centelha criativa. Naturalmente, cada idade requer determinadas ajudas, porém, a melhor de todas é não lhe dar as coisas prontas, nem soluções já adotadas, mas sim permitir-lhes acreditar que foram eles que encontraram a solução ou descobriram o que estavam procurando. (TORRE, 2008, p.36)

De modo similar Kohan (2013) diz que o professor interessante não é aquele que transmite o seu saber, o que manda aprender, mas aquele que gera desejo de saber, que inspira em outros o desejo de saber. Nestes termos ele diz que professor é aquele que provoca nos outros uma mudança em sua relação com o saber, é o que os retira de sua apatia, de sua comodidade[...] em última instância, é o que faz nascer o desejo de saber para compreender e transformar [...].(KOHAN, 2013, p.88)

Nesta perspectiva o mestre ignorante, ao que se percebe, sem saber, de forma não intencional contribuiu significativamente com a criatividade dos alunos por não ter dado o conhecimento pronto e por ter propiciado que os mesmos sozinhos buscassem o aprendizado.

Jacotot não esperava vivenciar esta experiência. Isso fugia aos padrões da normalidade quanto ao processo de ensino e aprendizagem, pois como citado anteriormente o mesmo reconhece que até aquele momento havia acreditado no que acreditam todos os professores conscienciosos: que a grande tarefa do mestre é transmitir seus conhecimentos. Como era possível aprender sem a explicação do professor? Ele, ao que se percebe, ignorava o potencial criativo dos alunos, a capacidade destes de pensar por si só, de criar, de buscar alternativas, de combinar idéias.

E a criatividade? A criatividade se manifesta na atitude dos alunos diante da proposta do professor. Nenhum produto, nenhuma obra de arte foi criada; o que está em evidência é capacidade dos alunos em buscar por si mesmos meios de aprender algo que almejavam como já foi dito “Sozinhos eles haviam aprendido a combinar as palavras, para fazer, por sua vez, frases francesas”. Os estudantes não paralisaram intelectualmente diante do desafio, mesmo sem conhecerem nada do francês, ao contrário, criaram possibilidades, buscaram alternativas e aprenderam. Foram criativos, pois fizeram uso com autonomia da sua capacidade de pensar.

Vivenciaram uma “aventura criadora” como diz Freire, movidos pelo querer aprender.

Neste contexto destaca-se também a pessoa do professor. Rancière (2010) apresenta através da experiência de Jacotot o professor explicador ou embrutecedor e o professor emancipador. O professor explicador ou embrutecedor é aquele que leva o aluno a compreender que nada compreenderá a menos que lhe expliquem o conhecimento transmitido. Assim explicar é a causadora de todo o mal. É ela que interrompe o movimento da razão, destrói sua confiança em si, expulsa-a de sua via própria. (RANCIÈRE, 2010, p.25). O professor embrutecedor não acredita no potencial do seu aluno, de aprender por si, de pensar e compreender por si mesmo. Por isso “explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só” (RANCIÈRE, 2010, p. 23).

Desta forma, para Rancière (2010) a explicação é então o princípio do embrutecimento intelectual, pelo seu caráter centralizador nos conhecimentos, na ciência do professor. Isto nos faz lembrar aquele menininho que de tanto ser obrigado a esperar a explicação do professor para dar início ao seu desenho, no final já não desenhava por si mesmo e quando teve a oportunidade de fazer o desenho por si mesmo, não sabia. Esperou que a professora lhe falasse como deveria fazer.

Pode-se, por isso, inferir que o professor explicador inibe a criatividade do aluno, pois o vê como incapaz de compreender, de pensar, de aprender sem a sua explicação, preocupa-se com a transmissão do conhecimento e que a compreensão deste conhecimento só se torna possível com a sua explicação. De modo similar Alencar (2009) diz que este tipo de professor se constitui em barreira a expressão da criatividade no campo educacional, uma vez que a ênfase é posta na transmissão de informações e o aluno não é visto como capaz de construir conhecimentos.

Freire (1996) defende a ideia de que o professor deve incitar o aluno para que por si mesmo produza a compreensão do objeto, propiciando que o mesmo pense com autonomia.

Nestes termos ele diz:

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim como professor, e ele, como aluno se estabeleça. (FREIRE,1996, p.118)

Neste sentido é correto dizer que incentivar o aluno a pensar, a buscar por si mesmo a compreensão do conhecimento sem permanecer na dependência contínua do professor, esperando que este lhe transmita e explique o saber como uma fórmula a ser decorada e repetida, são caminhos que não inibem a criatividade.

Jacotot foi um mestre embrutecedor até o dia em que vivenciou a experiência de ter visto seus alunos aprenderem sozinhos sem mestre explicador. Isto lhe permitiu refletir na sua postura enquanto mestre explicador, causando intensas transformações quanto ao seu modo de ensinar e perceber o aluno. Neste sentido (Rancière, 2010) diz que o fato estava lá: eles haviam aprendido sozinhos e sem mestre explicador. Ora, o que se dá uma vez é sempre possível. De resto, essa descoberta deveria ser responsável por uma reviravolta nos princípios do professor Jacotot.

O mestre explicador passa a ser mestre emancipador, pois concluiu que é possível levar o aluno a fazer uso das suas próprias capacidades intelectuais, ajudando a torná-lo autônomo. Assim Rancière (2010) diz que a experiência pareceu suficiente a Jacotot para esclarecê-lo de que se pode ensinar o que se ignora, desde que se emancipe o aluno; isto é, que se permita ao aluno usar sua própria inteligência.

O mestre emancipador acredita no potencial humano, deposita confiança na capacidade intelectual do aluno. Ele o vê como alguém capaz de aprender, de raciocinar por si mesmo e dá oportunidades para que suas capacidades intelectuais possam emergir sem que diga passo a passo como deve ser feito. Por isso Rancière (2010) diz que o ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora, se o mestre acredita que ele o pode, e permite o exercício das suas capacidades. O grande diferencial entre o mestre explicador e o mestre emancipador é a crença no poder do espírito humano.

O primeiro não acredita que por si mesmo o aluno possa avançar do ponto de vista intelectual sem a explicação do professor. O segundo acredita no aluno e cria oportunidade por meio de sua ação pedagógica para que o mesmo seja sujeito do seu pensar, conscientizando de que são capazes de pensar por si mesmos. Nestes termos o professor emancipador contribui com o desenvolvimento da criatividade em sala de aula. Neste sentido, parafraseando Lipman (1990), deveria haver nas escolas o mínimo de exposição e os professores deveriam encorajar mais os alunos a pensarem por si próprios.

Alencar (2003) destaca que instigar no aluno confiança em suas potencialidades, prover oportunidades para que os alunos se conscientizem de seu potencial criativo e tenham oportunidade para pensar de forma independente, favorecem a criatividade.

De modo semelhante Freire (1996) diz que a educação deve ser desinibidora, e isto ocorre quando não se utiliza a mera repetição daquilo que o professor diz na classe, pois isto estimula a criação do educando. Ele afirma:

[...] O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não

restritiva. É necessário darmos oportunidades para que os educandos sejam eles mesmos. (FREIRE, 1983, apud VASCONCELOS e BRITO, 2010, p.86)

Uma educação desinibidora, não restritiva como preconiza Freire (1996) é uma educação que se preocupa em desenvolver a criatividade dos educandos, que dá oportunidade para que os mesmos pensem por si mesmos e expressem seus pensamentos. De modo semelhante o professor Rodriguez em Kohan (2013) idealiza uma educação que ensine a pensar em vez de imitar, uma educação que deixe o caminho livre para criar. Pode-se então dizer que temos uma educação para a criatividade.

Rancière (2010) nos apresenta o professor embrutecedor, aqui compreendido como aquele que bloqueia a emergência do pensamento criativo dos alunos, uma vez que faz os mesmos acreditarem que não são capazes de compreender sem que o professor lhes explique, não acreditando nas suas capacidades intelectuais. Freire (1996) nos apresenta o professor autoritário, cujo perfil pedagógico prioriza a simples transferência do conhecimento, sendo o seu discurso bancário, monológico, limitador. Este tipo de professor desrespeita o senso crítico e a curiosidade dos alunos. Nestes termos ele o descreve:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mas precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima [...] (FREIRE, 1996, p.66)

O professor autoritário configura-se em um professor que limita a criatividade do aluno por adotar uma postura rígida, centralizadora, transmissora do conhecimento com ênfase na memorização do mesmo. Freire (1996) posiciona-se contra a prática pedagógica deste professor, afirmando que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Para este autor, tal como para Rancière (2010), o aluno deve ser estimulado por si mesmo a produzir a compreensão do objeto.

Nestes termos Freire fala de criatividade, pois pode se perceber a luz de seu pensamento elementos e situações que estão relacionados diretamente ao incentivo do pensamento criativo no processo de ensino e aprendizagem. Dentre eles temos a necessidade incentivar o aluno a produzir por si mesmo a compreensão do objeto. Isto conduz o aluno a trilhar o caminho da autonomia intelectual, fazer uso da sua criatividade. O professor Jacotot em Rancière levou seus alunos a vivenciar esta situação, como já dito anteriormente, levando-os a usar a sua própria inteligência, a agir com autonomia. Assim “sozinhos eles haviam buscado as palavras francesas correspondentes aquelas que conheciam e sozinhos haviam aprendido a combiná-las (RANCIERE, 2010, p. 29) e no final obteve resultados que jamais

imaginara.

Lipman (1990) também faz referência ao professor quando diz que ele tornou-se parte de uma intervenção adulta cuja intenção era liberar o processo de pensamento no aluno, para que este começasse a pensar por si próprio, em vez de papaguear o pensamento do professor ou do livro texto.

É neste sentido que a criatividade está presente no pensamento de Freire, pois criatividade e autonomia estão intimamente relacionadas. Em seus escritos pode-se perceber atitudes, ensinamentos, propostas que apontam para o estímulo do pensamento criativo e com isso levar o aluno a alcançar a autonomia intelectual a partir do que se compreende por criatividade.

A relação professor e aluno preconizada por Freire (1996) também nos leva a pensar em criatividade. O autor defende a ideia de uma reciprocidade entre alunos e professores no processo ensino e aprendizagem. Ele diz que ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (FREIRE, 1996, p.118/119). Também Kohan (2013) ressalta que o professor deve considerar seus estudantes como iguais, e não como inferiores.

Desta forma, contribuir com a expressão da criatividade no ambiente escolar implica na forma como o professor se relaciona com seus alunos, que deve ser uma relação horizontal, uma relação entre iguais, onde os professores aceitem as ideias dos alunos e criem um ambiente favorável a sua livre expressão.

Este modo de ensinar e aprender em que não pese o autoritarismo do professor sobre o aluno, onde se dê a vivência de uma relação horizontal entre ambos favorecem o incentivo do pensamento criativo, e o contrário o bloqueia. Estudos sobre a criatividade informam que o docente autoritário configura-se como um bloqueador do potencial criativo dos alunos. Alencar (2003) afirma isto quando faz referência ao professor inibidor da criatividade, enfatizando que o mesmo foi descrito, sobretudo como autoritário, arrogante, pouco flexível, excessivamente crítico. Da mesma forma Torre (2008) ressalta que a atitude autoritária restringe a criatividade, enquanto a flexível estimula. Desta forma o que Freire propõe a respeito da relação professor e aluno contribui significativamente com o incentivo da criatividade.

Para Freire (1996) o ensino bancário definido como a transmissão de conhecimento

do educador aos educandos, deforma a criatividade dos mesmos. Nesta concepção o aluno nada sabe, sendo atribuído a ele a qualidade de ignorante. Neste sentido ele diz:

Na visão “bancária” de educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, apud VASCONCELOS e BRITO, 2010, p.32)

Neste caso o autor se refere diretamente à criatividade. Ele critica e posiciona-se contra este tipo de ensino. Respeita o conhecimento do aluno e acredita que pode aprender com ele, colocando-se em posição de igual. Assim, preconiza uma educação em que o aluno seja o sujeito, o protagonista da sua aprendizagem, sempre sendo convidado a pensar por si, a construir e reconstruir conhecimentos, ao invés, de simplesmente recebê-los. De modo similar Rancière (2010) também diz que um professor não é, nem mais, nem menos inteligente do que qualquer outro homem. Neste sentido infere-se que o saber não é exclusividade do mesmo, que no outro também há conhecimento a ser compartilhado.

Antunes (2003) também compartilha deste pensamento quando diz que “o ensino escolar precisa ser visto como um processo conjunto, compartilhado, enfatizando que nunca é demais destacar que o aluno constrói seu próprio conhecimento, jamais o recebe pronto do professor, salvo em ações mecânicas onde esses conhecimentos jamais ajudarão construir outros (ANTUNES, 2003, p.22).

De encontro a estas afirmações Alencar (2009) faz referências a algumas características de uma atmosfera em sala de aula que incentiva o aluno a pensar criativamente, com autonomia e liberdade. Entre elas se destacam: dar chance ao aluno para levantar questões, elaborar e testar hipóteses, discordar, propor interpretações alternativas, avaliar criticamente fatos, conceitos, princípios, ideias, fazer julgamentos, sugerir modificações e aperfeiçoamentos para suas próprias ideias e proposições.

Outro elemento que merece destaque no pensamento de Freire (1996) quanto aos aspectos relacionados à criatividade é o próprio ato de aprender. Para ele aprender constitui-se em uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada (FREIRE, 1996, p.77). Nesta perspectiva a aprendizagem é emancipadora, criativa por se tratar de uma aprendizagem que não se materializa pelo viés da memorização, da repetição dos conteúdos, mas ao contrário, configura-se em instrumento de busca de novos conhecimentos, transformando, reiventando, reconstruindo o aprendido.

Este tipo de aprendizagem em que a memorização a repetição do conteúdo não são a razão de ser do processo educativo favorece o desenvolvimento da criatividade em sala de

aula. Alencar (2003) diz que um dos elementos que dificultam a emergência da criatividade dos alunos é a ênfase exagerada na memorização dos conteúdos, exigindo que os mesmos decorem informações pouco significativas. Esta exigência limita o pensamento criativo do aluno, uma vez que ele não é levado a pensar, a questionar, a elaborar questões e compreensões sobre a informação que lhe foi transmitida. Desta forma quando posiciona-se contra a aprendizagem que toma como prioridade a memorização dos conteúdo e pensa no aluno como sujeito da sua aprendizagem, Freire traz à baila discussões relacionadas com a criatividade na educação, com ênfase nas reflexões direcionadas ao exercício da autonomia intelectual.

Outro autor que já apresentamos e que nos ajuda a pensar a criatividade na perspectiva da autonomia é Kohan, através da sua obra “O mestre Inventor”. Kohan (2013) nos apresenta Simòn Rodriguez, um educador que semelhante ao professor Jacotot de Rancière vivenciou uma experiência impactante em sua vida, que abalou as estruturas do seu pensar a educação. “Uma vivência que possibilita uma transformação no modo de ver o mundo, uma experiência de vida que o impede de seguir pensando como se pensava, viver como se vivia.” (KOHAN, 2013,p.23). Foi uma experiência criativa, pois levou Rodriguez a pensar de uma forma nova e diferente, apontando para a necessidade de “recriar-se”, “reinventar-se.”

Simòn Rodriguez, segundo Kohan (2013) era um viajante educador, um filósofo original, um venezuelano de espírito aventureiro que estava sempre buscando vivenciar novas experiências educativas, novas formas de aprender para reaprender, novas formas de pensar. Não importava para ele o errar, o fracassar, pois “o seu destino é inventar, sua vocação é ensaiar e errar, seu desafio é o atrever-se sempre a inventar, apesar do errar e do fracassar.” (KOHAN, 2013, p.13). Trata-se de um educador-filósofo que vivencia plenamente a criatividade, por ser um “Rodriguez múltiplo, caleidoscópico, que checa, toca e subverte, e logo se põe a andar; em uma eterna busca por formar o novo homem [...] Um visionário que se abre e se forma nos caminhos que faz e transita. Um viajante eterno do tempo e sua circunstância. (KOHAN, 2013, p.12/13).

Em suas andanças, Rodriguez encontrou o pequeno Thomas, o seu mestre, um menino com quem aprendeu lições que revolucionaram a sua vida enquanto educador, professor experiente e político da educação. Um encontro que leva Rodriguez a pensar em criatividade na educação, não como um estudo científico, mas como vivência e necessidade. Resumidamente segundo Kohan (2013) o encontro entre Thomas e Rodriguez se deu da

seguinte forma:

Simòn Rodriguez estava na Jamaica e decidira estudar o inglês falado na região, pois ainda tinha algumas economias e não havia necessidade de trabalhar para se sustentar. Ele gostava de brincar com as crianças, de estar com elas. Sentia-se como uma delas. Aprende e brinca nas aulas e nas ruas.

Um certo dia Rodriguez saiu da escola, como frequentemente fazia, com um grupo de crianças, brincando. A brincadeira consistia em lançar os chapéus ao ar e apanhá-los antes que tocassem o chão. Havia por ali uma casa com dois andares e varanda onde geralmente eles brincavam para ver quem encaixava o chapéu em um vaso vazio, em um canto da varanda. Até aquele momento as crianças nunca tinham acertado, e os chapéus sempre caíam, sem conseguirem encaixá-los no vaso, mas as crianças se divertiam mesmo assim. Mas nesse dia por alguma razão, Simòn Rodriguez decidiu experimentar a pontaria e lançou o chapéu, algo que não havia feito antes e para a surpresa de todos e de si mesmo, ele acertou o vaso na primeira tentativa o que causou grande alegria e comemorações entre todos.

A emoção dura alguns instantes, e logo vem a preocupação; como recuperar o chapéu, a varanda era alta e não podiam entrar na casa, pois foram avisados várias vezes pelo mordomo para que parassem de perturbar a tranquilidade da proprietária da casa ou seriam tirados à força. Assim Rodriguez e as crianças sugeriram várias soluções para solucionar o problema como: bater na porta e pedir o chapéu, utilizar varas, mas as que estavam por ali eram curtas, utilizar uma escada mas não tinha escadas por ali. E agora, como resolver o problema? Enquanto Rodriguez pensava em uma solução com as crianças sem encontrar alternativas, eis que aparece Thomas, um negrinho, de olhos brilhantes que sempre expressava o desejo de participar do jogo, mas nunca tivera coragem de pedir. Ele observava a situação em silêncio e de repente, quase de um salto e sem respirar, diz a Simòn Rodriguez: “Por que as crianças não sobem em seus ombros e uma delas pega o chapéu? Neste momento todos ficam surpresos e entusiasmados. Era uma ótima ideia. Assim foi feito e Thomas foi convidado para ser o primeiro na escada humana, o que retira o chapéu do vaso. O brilho nos olhos de Thomas é suficiente como resposta. Ele conseguiu juntar-se ao grupo e brincar com eles e o resultado foi magnífico: o chapéu retornou para a cabeça de Rodriguez.

Essa experiência com Thomas não foi um episódio qualquer na vida do professor Rodriguez, pois a vivência daquele momento causou-lhe uma revolução interior, no campo do pensar a educação, a escola, o professor. Sua mente borbulhava de tantas perguntas. Thomas teria ouvido quando ele propôs buscar uma escada? Como ele não pensou antes na alternativa

proposta pelo pequeno Thomas? Por que nenhum dos outros meninos pensou nessa solução? Por que? Por que? Por que? Rodriguez não parava de pensar. Aos poucos, formula suas próprias análises e explicações e conclui: “o pequeno inventou”. Ele reuniu duas coisas conhecidas: a escada e as pessoas e pensou: Por que não fazer uma coisa das duas, uma vez que só temos uma das duas partes? (KOHAN, 2013, p.33). Rodriguez fica maravilhado com a capacidade criativa do menino. Esta experiência lhe revela o enorme poder da criatividade, do pensamento, da invenção.

Thomas é um irreverente. Ele não faz o que se supõe que deve fazer uma criança de sua condição: olhar o que os outros fazem, obedecer calado, aos que os outros lhe mandam fazer. Toma a palavra, não sem dificuldade, é verdade, mas ele o faz e expressa seu pensamento. Pensa, cria, revoluciona o mundo ao seu redor. (KOHAN, 2013, p.34)

É bem presente na atitude de Thomas o uso da criatividade, ele pensa por si mesmo, combina ideias, expressa o seu pensamento e aponta a solução para um problema. É neste contexto que Rodriguez é impulsionado a questionar a escola e ressignificar o seu pensamento pedagógico. Pergunta ele: “como é possível que a escola não ensine a pensar como Thomas pensou? Assim é levado a acreditar que é preciso “criar condições para que pequenos Thomas possam criar e recriar suas vidas... é preciso que todas as crianças- e não somente o Thomas- possam se tornar o que são”(KOHAN, 2013, p.34), isto é, capazes de pensar por si e ter coragem para expressar suas idéias. Assim, como Freire e Jacotot em Rancière, o Rodriguez de Kohan também preconiza uma educação que incentive o aluno a pensar, a criar, a inventar em vez de imitar. Ele diz:

Uma educação que ensine a pensar, isto é a ter sensibilidade intelectual, a estabelecer todas as relações necessárias para entender um problema; também moderação para ocupar-se com o que interessa-se ocupar-se- aprendam socialmente, para despreocupar-se com o que não importa e deixar o caminho livre para criar.(KOHAN, 2013, p.76)

Uma educação que ensine a pensar, é uma educação que forma homens e mulheres criativos, pois do ato de pensar emana a criatividade e as características intelectuais adjacentes a ela. Por isso, pode se dizer que a criatividade é filosófica, pois ela mantém viva a curiosidade humana que move o indivíduo homem ou mulher, criança ou jovem a constantes buscas por novas respostas, novos saberes, novas possibilidades, novos questionamentos. Desta forma a curiosidade é como um motor que nos impulsiona a conhecer o que está longe e fora de nós (BROCANELLI, 2010, p.46). A este respeito o referido autor faz referência a Dewey (1959, apud, BROCANELLI, 2010, p.46) e diz que a curiosidade se eleva e se torna intelectual a ponto de a criança ser capaz de encontrar respostas as suas perguntas e inquietações.

A respeito da curiosidade Kneller (1978, p.102) argumenta que importante missão do ensino criativo é aguçar a curiosidade do aluno por aquilo que, nos seus estudos, se relaciona com o mundo que o cerca. De modo semelhante, Freire (1996) compreende a curiosidade como elemento propulsor do conhecimento, que afasta o comodismo e incentiva a reflexão. Por isso ele afirma que como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo. Assim, para o referido autor ensinar exige curiosidade. (FREIRE, 1996, p.94)

A curiosidade é um elemento de suma importância para o desenvolvimento da criatividade e precisa ser cultivada em sala de aula, uma vez que ela movimenta o pensamento, não permitindo que o indivíduo caia em um estado de paralisia intelectual, mas propicia que o mesmo seja sempre impulsionado a buscar respostas, informações para suas inquietações.

Uma educação que ensine a pensar como preconiza Kohan, contribui diretamente com o incentivo da criatividade, pois deixa o caminho livre para a criação, para que o aluno se preocupe e busque compreender temas do seu interesse, de modo que mobilize o que aprendeu de forma autônoma, criativa. Neste sentido Kohan (2013) enfatiza que Rodriguez sustentou, como poucos, a importância de inventar e pensar em vez de imitar. De acordo com estas compreensões, Brocanelli (2010) diz que o pensamento emergido na sala de aula deve ser organizado e estimulado pelo professor.

Lipman (1990) ressalta que houve uma grande mudança de paradigma na história da educação, tendo como principal responsável o filósofo John Dewey. Assim, o interesse principal da educação que tradicionalmente tinha como objetivo a transmissão de conhecimento foi redirecionado e o aprender deu lugar ao pensar. Segundo Lipman (1990, p.163) Dewey descreveu o curso natural do pensamento na vida diária como uma concatenação de esforços e viu a educação como um fortalecimento da produção de significado, no processo falível de pensamento inerente a todos os seres humanos. Desta forma o referido autor diz:

O professor tornou-se parte de uma intervenção adulta cuja intenção era liberar o processo de pensamento no aluno, para que este começasse a pensar por si próprio, em vez de papaguear o pensamento do professor ou do livro texto. (LIPMAN, 1990, p.164)

Nestes termos o professor que contribui com o incentivo da criatividade dos alunos, é o professor que permite que o aluno pense por si mesmo, que não se preocupa unicamente com a transmissão do conteúdo, mas dá espaço para que os estudantes expressem seus pensamentos, elaborem e produzam com autonomia seus conhecimentos, a partir daquilo que

é interessante e significativo. Desta forma o professor se constitui em um dos elementos mais importante quanto ao bloqueio ou estímulo da criatividade dos alunos no ambiente escolar. Suas atitudes serão determinantes, por isso é de suma importância que a criatividade seja convidada a fazer parte das reflexões e discussões no processo de formação docente, uma vez reconhecida a sua relevância para a formação humana.

Da experiência singular vivenciada com o pequeno Thomas o professor Rodriguez de Kohan direciona o seu olhar para pensar a escola de uma forma como nunca pensara antes. Ele se questiona como é possível que a escola não ensine a pensar como Thomas pensou. Dito de outra forma; como é possível que a escola não ensine as crianças a se tornarem criativas, capazes de pensar por si mesmas? Diante destas questões Rodriguez conclui que é preciso criar condições para que pequenos como Thomas possam criar e recriar... (KOHAN, 2013, p.34)

Historicamente a escola não foi criada para ser um espaço favorável ao desenvolvimento da criatividade, isto é, pensada para tornar os alunos pensantes. Desde a sua gênese nos séculos XVI e XVII configurou-se como instituição disciplinadora, modeladora de comportamento, transmissora do saber e autoritária. Tardif (2005, p.63) a descreve nestes termos:

Desde o seu surgimento [...] os colégios e as pequenas escolas propõe uma pedagogia baseada num modelo autoritário e num controle disciplinar bastante sistemático exercido pelo mestre sobre os alunos. O mestre é o centro da atividade na classe. Ele é o sol do sistema pedagógico: as ações dos alunos giram em torno dele, que impõe o ritmo dos exercícios, das repetições [...]

Estas proposições respondem a pergunta do professor Rodriguez. A escola não foi idealizada para ensinar a pensar como Thomas pensou. As suas características originais condizem com uma pedagogia inibidora, limitadora do pensamento criativo, inventivo, em sala de aula, por se trata-se de uma instituição fundamentada no autoritarismo, traço este que se consubstancia em fator determinante ao bloqueio da criatividade, da liberdade de expressão. Hallman e Heinelt (1979, apud, TORRE, p. 60) afirmam que a educação autoritária destrói as possibilidades criativas por insistir na obediência frente a conceitos, instruções e ordens. De modo similar Alencar (2001) argumenta que a preocupação excessiva com ordem, controle e disciplina limitam as possibilidades de expressão criativas.

Neste sentido, ao perceber que não existia Thomas dentro das escolas, Rodriguez chama a atenção para a necessidade de se criar condições para a emergência de pequenos Thomas. Percebe que a escola precisa ser ressignificada, repensada. Precisa dar oportunidade para expressão da criatividade, do pensamento dos alunos. Uma escola que valoriza o ato de

pensar e criar. Rodriguez nos faz pensar na escola como uma ambiente favorável ao incentivo da criatividade, um espaço aberto para expressão de ideias, embora tradicionalmente sua finalidade não tenha sido esta.

De encontro a estas proposições Alencar (2001) enfatiza que é necessário repensar a educação, sendo de fundamental importância exercitar a capacidade de pensar, imaginar e criar. De modo similar Torre (2008) diz que para estimular o ato criativo precisa-se de atmosfera e ambientes adequados; um clima de aceitação e reconhecimento; certa margem de liberdade e de ideação espontânea. Para Lubart (2007) o ambiente escolar tem um papel crucial no desenvolvimento da criatividade ou frequentemente, na sua falta de desenvolvimento.

Fazer da escola um espaço favorável para a emergência de pequenos Thomas como preconiza o professor Rodriguez em Kohan (2013) perpassa pela necessidade de possibilitar situações de aprendizagem em que os alunos tenham oportunidade de pensar e expressar seus pensamentos, tenham liberdade para inventar e criar. Nestes termos torna-se necessário a erradicação do autoritarismo, da transmissão dos conteúdos como modelo de aprendizagem, da falta de fé no potencial criativo dos alunos dentre outros.

O Rodriguez de Kohan deixou o seu legado, a sua contribuição no campo da educação, especialmente a respeito das possibilidades de pensar a criatividade a partir do seu pensamento, das suas vivências e propostas desde o seu encontro com o pequeno Thomas, aquele menino, pobre, negro que o levou a vivenciar uma verdadeira revolução intelectual no modo de ensinar, de pensar a educação, a escola. Era preciso continuar indo à escola, mas já não era mais possível pensá-la como pensava antes. Era necessário agora pensar em uma nova escola, uma escola que favorece o pensamento criativo dos alunos, que incentiva a inventividade, a criação.

A luz do pensamento de Freire (1996), Rancière (2010) e Kohan (2013) muito é dito sobre criatividade, embora ambos os autores não desenvolvam um estudo teórico específico, científico sobre a mesma. Os seus inscritos estão permeados de conselhos, lições e ações que contribuem com o incentivo da criatividade no meio escolar. Assim, ambos levantam questões relacionadas à mesma no campo educacional, por trazerem à baila discussões que envolvem elementos concernentes ao desenvolvimento do pensamento criativo no processo educativo.

Assim, quando pensam qual deve ser a postura do professor diante do aluno; um professor que não dá respostas prontas, que oportuniza que os alunos pensem por si mesmos, construam conhecimentos e compreensões, não restringe o potencial do aluno e acredita na

capacidade intelectual dos mesmos, incentivando-os a tornarem-se autônomos, quando se posicionam contra uma educação transmissora e explicadora do conhecimento, de algum modo nos remetem ao problema da criatividade, pois a criatividade como já dito anteriormente contempla todos estes elementos. Trata-se, portanto, de uma criatividade que produz autonomia intelectual, que instrumentaliza o aluno a pensar por si mesmo, conduzindo-o a buscar novos conhecimentos, novas respostas, novas compreensões, novas indagações, novas formas de pensar.

Na próxima seção apresentaremos os achados da pesquisa empírica, alinhavados com os referenciais teóricos deste estudo que intencionam servir de ancoragem para responder por que criatividade na educação? Neste sentido optamos em destacar os aspectos pedagógicos relacionados ao incentivo da criatividade no ambiente escolar, presentes nos discursos dos participantes da pesquisa, a partir do evento Feira da Criatividade realizado anualmente na escola pesquisada. A referida opção buscou evidenciar ações pedagógicas favoráveis a expressão do pensamento criativo na escola.

III SEÇÃO

POR DENTRO DA FEIRA DA CRIATIVIDADE: SOCIALIZAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA

3.1 O Percurso Metodológico

Nesta seção são apresentados os resultados da pesquisa empírica. Antes, cabe dizer o caminho que foi percorrido para se chegar aos resultados obtidos. Considerando que a proposta do presente estudo pauta-se em levantar informações sobre o fenômeno da criatividade na educação, procurando compreender aspectos pedagógicos favoráveis ao incentivo da criatividade no contexto educacional e em que isto implica na formação do aluno, especialmente no que diz respeito a sua autonomia intelectual e considerando que o referido fenômeno perpassa pela dinâmica do universo humano que se constrói no ambiente escolar, optou-se pela pesquisa qualitativa. Para Minayo (2012, p.21), a pesquisa qualitativa:

[...] responde a questões muito particulares ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Percebe-se que a pesquisa qualitativa abrange um amplo campo de fenômenos que podem ser investigados, por isso ser uma pesquisa de caráter flexível. Isto permite ao pesquisador uma maior dinamicidade no processo de coleta e interpretação dos dados. Assim, a opção pelo referido tipo de abordagem se deu por causa da sua natureza flexível, uma vez que a sua aplicabilidade possibilita uma variedade de procedimentos que podem contribuir com o aprofundamento e esclarecimento, se necessário, das questões levantadas na pesquisa. A respeito destas proposições Teixeira (2012) afirma que o enfoque da pesquisa qualitativa é mais desestruturado o que confere a mesma bastante flexibilidade e que geralmente emprega mais de uma fonte de dados.

Segundo Minayo (2012) o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa, também justifica a opção por esse tipo de pesquisa, partindo da compreensão de que as metodologias qualitativas conseguem de forma mais satisfatória compreender a dimensão do significado e da intencionalidade. Teixeira (2012, p. 140) diz que:

Na pesquisa qualitativa, o social é visto como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem dos atores sociais e suas práticas as matérias-primas dessa abordagem. É o nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana.

Considerando estas proposições, a abordagem qualitativa configura-se como a mais adequada em investigações desta natureza, isto é, que se proponham a interpretar, compreender e descrever a dinâmica das ações humanas em torno de um fenômeno. Assim, cabe explicitar a pertinência de sua aplicabilidade nesta pesquisa, tomando como ponto de partida os significados, motivos e atitudes vivenciadas pelos sujeitos frente a um determinado objeto que é a criatividade na educação, na tentativa de levantar informações sobre a mesma e apresentar como conhecimento científico relevante no campo da educação.

Desse modo, a investigação foi realizada por meio da pesquisa exploratória, procedimento este que possibilitou levantar informações acerca do fenômeno da criatividade na educação e como a mesma manifesta-se no ambiente escolar. A este respeito Severino (2007, p.123) diz:

A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa.

Com isso foi possível identificar aspectos inerentes à criatividade sendo vivenciados no espaço escolar, permitindo que fatos e ações relativos a sua manifestação fossem explicados e compreendidos, chamando a atenção para a necessidade e os desafios de se pensar em uma educação para a criatividade.

Acerca disso Oliveira (2012) argumenta que a pesquisa exploratória objetiva dar uma explicação geral sobre determinado fato. Cabe considerar a pertinência deste tipo de pesquisa neste estudo. Nestes termos, objetivando responder os questionamentos feitos e alcançar os objetivos propostos, a pesquisa aqui apresentada foi realizada em uma Instituição da Rede Estadual de Ensino Localizada na Cidade de Castanhal, com cinco (05) professores que acompanharam, participaram e/ou atuaram diretamente em um evento pedagógico realizado na escola desde o ano dois mil (2000) intitulado “Feira da Criatividade”.

Toma-se, portanto, como objeto de análise o evento “Feira da Criatividade” a fim de compreender como o fenômeno criatividade está sendo vivenciado na educação e em que isto implica na formação do aluno. Contudo, esclarecemos que tomamos como referências edições da feira que ocorreram até 2010, uma vez que nos anos subsequentes não houve Feira da Criatividade devido a várias circunstâncias que impediram a vivência da mesma. Assim realizamos a pesquisa de campo fazendo uso de procedimentos como a entrevista, seleção e análise de registros fotográficos e documentos elaborados em edições passadas da feira como projetos desenvolvidos pelos professores. Porém cumpre dizer que tais procedimentos e técnicas serão desenvolvidos em tópicos seguintes.

3.1.2 O *Lócus* da Pesquisa

A fim de não expor a Instituição de Ensino, o *lócus* desta pesquisa, optou-se pela utilização de um nome fictício: ‘Castelo do Pensar’. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Castelo do Pensar está localizada na cidade de Castanhal, nordeste do estado do Pará, mais precisamente no bairro de Apeú.

O Bairro de Apeú também chamado de Vila Centenária de Apeú ou Distrito de Apeú faz parte da zona urbana de Castanhal e é conhecido pelas festas que realiza como o Círio de Nazaré e o carnaval. É um lugar privilegiado pela natureza, pois é cercado por vários igarapés e pelo verde das muitas árvores que continuam vivas enfeitando o lugar, dando-lhe uma aparência de um local de aspecto natural. Por causa destas características atrai pessoas de várias localidades que utilizam os igarapés para o lazer. Isto contribui com a movimentação do comércio interno que serve como fonte de renda para os moradores que o utilizam.

A maioria dos moradores são oriundos de famílias pobres ou classe média baixa e sobrevivem do comércio local ou se deslocam até o centro da cidade para vender a sua força de trabalho às empresas e indústrias privadas existentes. A minoria presta serviço em estabelecimentos públicos da Prefeitura ou Estado como efetivos ou temporários. Assim, a situação socioeconômica dos moradores do bairro do Apeú caracteriza-se principalmente pelo trabalho informal, desenvolvido nas movelarias, farmácias, supermercados, pequenos comércios, também chamado de tabernas, padarias, açougues entre outros.

A escola tem uma história própria e singular, forjada ao longo de mais ou menos cem anos. Trata-se de uma história com vários personagens que atuaram ativamente na construção de seu enredo e que culminou com a consolidação de um dos estabelecimentos escolares mais antigos da cidade de Castanhal. Não há documentos oficiais que revelem o início das práticas educativas na escola Castelo do Pensar. A referência que se tem encontra-se no livro Castelo do Pensar: Nossos Mestres; Nossa História, Educando Gerações nas Corredeiras do Apeú, de autoria do professor e atual vice-diretor Fredsom Farnun. O livro é resultado de uma pesquisa realizada com moradores mais antigos do bairro, que foram alunos da referida escola e presenciaram toda ou grande parte da sua trajetória histórica, bem como o início da história da educação apeuense.

Segundo a pesquisa realizada pelo referido professor, na qual ele fez uso de documentos e depoimentos dos moradores mais antigos do bairro para levantar as

informações que respondessem as indagações sobre a história da referida instituição de ensino, trata-se de uma escola centenária, fundada no final do século XIX, possivelmente no ano de 1896, cuja primeira professora chamou-se Maria Pia dos Santos Amaral.

No início não havia um prédio oficial para ministrar as aulas e a professora Maria Pia e seu esposo instruíam em suas próprias casas ou em casas cedidas pela comunidade. Ela instruía as meninas e ele os meninos. Assim iniciou a história da educação em Apeú, com boa vontade, dedicação e esforço de um casal que deu os primeiros passos para o advento de uma escola oficial no Apeú.

A escola recebeu seu nome oficialmente em 1983, com o intuito de homenagear a primeira professora do lugar, aquela que deu início à história da educação apeuense, porém antes se chamou também “Grupo Escolar de Apeú”. O prédio foi construído na segunda década do século passado, sendo o primeiro nome oficial de uma escola em Apeú.

Vale ressaltar que o ‘Grupo Escolar de Apeú’ não funcionava no prédio onde é a Escola Castelo do Pensar hoje e somente na década de 40 foi construído um novo prédio, que passou a ser chamado ‘Escola Reunida de Apeú’, onde atualmente funciona a Escola.

A Referida Instituição está sob a jurisdição da 8ª Unidade Regional de Educação-URE Castanhal. Encontra-se devidamente regularizada e cadastrada junto ao MEC, pois os cursos ofertados: Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio, são autorizados pelo Conselho Estadual de Educação.

O Ensino Fundamental de quinta (5ª) a oitava (8ª) séries foi implantado em 1980, cujo reconhecimento ocorreu com a resolução nº 016 de 10 de janeiro de 2001 com validação a partir de 1994.

O Ensino Médio foi implantado no ano de 1999, quando ainda era Segundo Grau, com o antigo Magistério. Foi autorizado em 2009, sob a resolução Nº 122 de 12 de março de 2009, com validação a partir de 1999. Segundo o PPP da escola o Ensino Médio com duração de três anos, atende uma clientela diversificada em idade/série e, anualmente tem contribuído para a formação e ingresso de jovens e adultos nos Cursos de Ensino Superior, aprovação em concursos públicos, bem como ao ingresso no mercado de trabalho de Castanhal. A Educação de Jovens e adultos (EJA) foi implantada na década de 70 com reconhecimento e autorização no ano de 2001 de 1ª a 4ª etapas e validação a partir de 1989.

O Estabelecimento de Ensino atende cerca de 1500 alunos oriundos do próprio bairro, de outros bairros de Castanhal e das agrovilas circunvizinhas: Itaqui, Pacuquara e Boa Vista. O quantitativo de alunos está distribuído nos turnos manhã, tarde e noite, divididos e

matriculados no ensino fundamental, na modalidade regular e EJA e médio. Entre os três turnos contabiliza-se atualmente 34 turmas em funcionamento.

Fazem parte do calendário escolar da instituição os eventos: festa junina que ocorre no mês de junho, desfile cívico e cultural em setembro, jogos internos em outubro, Feira da Criatividade em novembro e Natal Solidário em dezembro. Estas atividades envolvem a participação de alunos, professores, pais, pessoal de apoio e todo o administrativo.

Atualmente a escola dispõe de cerca de 90 funcionários, dentre os quais diretores, especialistas em educação, professores, auxiliares e agentes administrativos, serventes e vigias.

Em dois mil e doze (2012) o Projeto Político da Escola (PPP) intitulava-se “Construção da Escola que Queremos”. Atualmente tem como tema “Escola, família e sociedade, interagindo na reeducação de valores humanos com ética e cidadania” surgiu pela necessidade de desenvolver projetos voltados para a implementação de uma educação que promova a formação global do indivíduo. O documento apresenta como valores a serem trabalhado pela escola a excelência, a inovação, o respeito, a participação e a criatividade, ressaltando que ao longo de seu centenário de educação tem sido a base de formação para a estrutura social que hoje se destaca no cenário político, social, econômico e cultural do município de Castanhal, por isso a complexidade no seu fazer pedagógico, pois há um confronto de gerações, de valores e de ideais que precisam ser acordados para a construção de um novo paradigma de educação.

A Escola Castelo do Pensar foi selecionada para ser o *lócus* deste estudo por ser a única em Castanhal que realiza um evento cujo nome é “Feira da Criatividade” e a pesquisa ora apresentada investiga a criatividade na educação, propondo-se compreender a manifestação do referido fenômeno no ambiente escolar. Assim a seleção do local da pesquisa é coerente com o objeto investigado.

3.1.3 Perfil da Escola

1-Aspectos físicos

O prédio da E.E.E.F.M Castelo do Pensar está localizado no bairro do Apeú, na Avenida Barão do Rio Branco, nº 245, município de Castanhal. É um local de fácil acesso, devido a sua localização privilegiada no centro de Apeú, ao qual as linhas de transportes coletivas e particulares possuem o acesso direto. Trata-se de um prédio todo em alvenaria, coberto com telha de cerâmica. Algumas salas são construídas com tijolos vasados, mas ainda assim precisam de ventiladores para melhorar a ventilação, outras são resfriadas com ar

condicionado. A iluminação interna e externa são satisfatória, porém precisam de manutenção permanente, havendo reparos sempre que necessário.

A estrutura física da Instituição é constituída por doze (12) salas de aula, uma (01) sala de leitura, um (01) laboratório de informática, um (01) laboratório de química e biologia, uma (01) secretaria, uma(01) diretoria, uma (01) sala de professores, uma(01) copa, um (01) refeitório, um (01) banheiro masculino com adaptação para aluno portador de necessidade especial, um(01) banheiro feminino com adaptação para aluna portadora de necessidade especial. A escola possui rampas de acessibilidade na parte interna e externa do prédio que foram construídas com recurso financeiro federal via Conselho escolar, com o esforço e empenho da atual gestão da escola. Até o momento da realização desta pesquisa encontram-se em construção duas (02) salas: uma para a Coordenação Pedagógica e outra para o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

2-Corpo Docente

Atualmente a escola conta com um total de 58 professores licenciados em Letras e Artes, História, Matemática, Ciências Naturais, Filosofia, Sociologia, Física, Educação Física, Geografia, Educação Religiosa, Biologia. Deste apenas dois são temporários, quatro estão readaptados, doze tem curso de especialização e três possuem mestrado nas suas áreas. A grande maioria do corpo docente está lotado com um total de duzentas (200) horas ou mais e trabalham em outras escolas da rede estadual.

3-Corpo Discente

A escola Castelo do Pensar atende em média cerca de 1400 alunos, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite. São pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos com faixa etária que varia entre 11 e 55 anos. Segundo informações da secretaria a maior parte destes alunos foram matriculados no Ensino Fundamental e a minoria na EJA.

Os estudantes matriculados na instituição de ensino são provenientes do próprio bairro de Apeú, de outros bairros do município e das agrovilas. Assim, um número expressivo destes alunos dependem do transporte escolar para chegar até a escola.

Segundo informações contidas no PPP da escola uma situação preocupante que tem sido motivo de angústia entre direção, coordenação pedagógica e professores é a problemática da distorção idade série, isto é, a maior parte dos alunos matriculados está em séries que não são compatíveis com suas idades.

4-Administrativo

Atualmente a escola está sendo administrada por dois vice-diretores, uma com formação em pedagogia e um professor licenciado em Letras e Artes que se revezam entre os três turnos. A coordenação pedagógica trabalha junto com a equipe gestora e conta com três Especialistas em Educação (Pedagogas) que atuam nos três turnos, desenvolvendo atividades pedagógicas junto aos professores, acompanhando o processo de aprendizagem dos alunos, coordenando o desenvolvimento de projetos e os eventos realizados na escola.

A secretaria conta com doze (12) Agentes administrativos e a secretária, que atuam nos três turnos, prestando serviços de aspectos mais burocráticos como as documentações, históricos, notas dos alunos, mapas, fichas, relatórios, censo escolar, matrículas, dentre outros.

O Conselho escolar constituído por representações de pais, alunos, professores, pessoal de apoio e comunidade atua diretamente com a direção da escola, administra os recursos financeiros recebidos pela escola (PDDE, PDE, Mais Educação...) participa da tomada de decisões e ações que visem contribuir com a solução de problemas vivenciados no contexto da escola.

3.1.4 Os Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são cinco (05) professores da escola. Três (03) foram selecionados por trabalharem a mais tempo na instituição e por isso acompanharam todo o processo de implantação do evento 'Feira da Criatividade' realizado na mesma e dois (02) pela experiência de ter participado e desenvolvido algum trabalho com os alunos para ser apresentado no evento.

A fim de não expor os sujeitos desta pesquisa e garantir o anonimato dos mesmos, optou-se pela utilização de nomes fictícios. Somente as características técnicas dos participantes e as falas que foram analisadas correspondem a realidade. Segue abaixo uma breve descrição dos sujeitos participantes deste estudo.

- João de Barro: Foi aluno da Escola Maria Pia, graduado em Letras pela UFPA, trabalha na escola há 15 anos como professor de Língua portuguesa, Literatura e Redação. Atualmente exerce a função de Vice Diretor da Escola. Acompanhou todo processo de implantação da Feira da Criatividade
- Jacira Lima é professora na escola há 15 anos, graduada em Letras, ministra aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Também participou e acompanhou todo o processo de implantação da Feira da Criatividade.
- Ágata Lins é professora na escola há vinte anos. É Licenciada Plena em matemática, ministra aulas de matemática e Física. Participou e acompanhou

tudo o processo de implantação da Feira da Criatividade.

- Sócrates Santos é Bacharel e Licenciado em Filosofia, formado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), trabalha na escola como docente há oito anos. Quando chegou em 2005 a Feira da Criatividade já ocorria.
- Cris Marinho é Licenciada Plena em Ciências Biológicas, Formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), trabalha na escola há 7 anos com as disciplinas Ciências Físicas e Biológicas (CFB) na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Biologia no Ensino Médio. Quando chegou na escola a Feira da Criatividade já ocorria.

3.1.5 Técnica, Instrumento e Coleta de Dados

Para a coleta dos dados, inicialmente procedeu-se uma conversa informal com o vice-gestor da escola a fim de levantar informações que pudessem nortear a seleção dos sujeitos do estudo, isto é, identificar os professores que poderiam melhor esclarecer as questões relacionadas ao evento Feira da Criatividade em seus aspectos históricos, intencionais e Pedagógicos. Foram indicados cinco (05) docentes.

O passo seguinte foi entrar em contatos com os professores selecionados e convidá-los a participar do estudo. O contato foi feito individualmente, momento este em que a pesquisadora apresentava-se e esclarecia questões relacionadas ao estudo como o objeto da pesquisa, objetivos e justificativa. Todos os cinco docentes concordaram gentilmente em participar do estudo.

Desta forma foi acordado com os professores participantes da pesquisa que a técnica a ser aplicada para coleta dos dados seria a entrevista do tipo não-diretiva, tendo em vista que os informantes teriam liberdade para falar sobre as questões levantadas pela pesquisadora. Optou-se por este tipo de entrevista devido a naturalidade com a qual as informações são coletadas. Segundo Severino (2007) por meio das entrevistas não-diretivas colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O referido autor também diz que:

O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações é só intervindo discretamente para eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações. (2007,p.125)

Nestes termos se procedeu a entrevista, onde a pesquisadora fez uso de um roteiro, contendo cinco (05) questões abertas a fim de auxiliar na entrevista. O referido instrumento foi construído com o intuito de alcançar os objetivos propostos neste estudo e responder às indagações feitas.

Os sujeitos também foram informados que a entrevista seria gravada com uma máquina digital, mas que suas imagens e nomes não seriam utilizados, somente suas falas a fim de garantir o anonimato dos mesmos. Assim, foi solicitado aos entrevistados permissão para gravar as entrevistas com a garantia de sigilo quanto as suas informações e identificação. Também foi solicitado aos mesmos que assinassem um termo de consentimento livre esclarecido.

Desta forma, as entrevistas iniciaram no mês de março do corrente ano e ocorreram no próprio local de trabalho dos sujeitos, nos momentos de aulas vagas em uma sala cedida pela direção e duravam cerca de vinte (20) a trinta (30) minutos. Os cinco professores foram entrevistados individualmente em dias diferentes.

Durante o processo da coleta de dados e sabedor do que tratava a pesquisa, um membro da equipe gestora forneceu espontaneamente fotos do arquivo da escola e os projetos que foram desenvolvidos pelos professores na Feira da Criatividade, objeto deste estudo, entre os anos de 2007 e 2008. Esses documentos serviram como fonte complementar no desenvolvimento do trabalho. Assim a análise de documento também foi uma técnica utilizada nesta pesquisa com o intuito de levantar informações sobre o objeto investigado.

Cabe ressaltar que neste estudo compreende-se documentação como preconiza Severino (2007) que a considera como toda forma de registro e sistematização de dados, colocando-os em condições de análise por parte do pesquisador.

Concluída a fase das entrevistas e com os documentos em mãos procedeu-se à transcrição das falas dos sujeitos e leitura e análise dos documentos. Com base nas informações obtidas a partir das técnicas aplicadas o passo seguinte foi a sistematização dos dados, etapa esta em que se estabeleceu as categorias empíricas e as unidades de análises.

Assim, ao iniciar a investigação do fenômeno criatividade na educação a partir do evento Feira da Criatividade realizado anualmente na escola Castelo do Pensar, houve o interesse inicial de descobrir e compreender o motivo pelo qual o evento recebeu a referida nomenclatura. Inclusive a primeira questão que os professores, sujeitos da pesquisa responderam sobre a feira, estava relacionada a prestar esclarecimentos sobre o que sabiam a respeito da denominação e implantação da Feira da Criatividade. As demais questões estavam voltadas para investigar os aspectos pedagógicos da feira, na tentativa de evidenciar contribuições favoráveis quanto ao incentivo do pensamento criativo na escola, olhando para o processo de organização e desenvolvimento do referido evento. A partir dos tópicos da entrevista aplicada aos sujeitos desta pesquisa e das respostas obtidas, as quais foram

critérios classificadas e sistematizadas, definiu-se as categorias empíricas e suas respectivas unidades de análise, tendo em vista alcançar os objetivos propostos e responder as questões levantadas sobre o fenômeno da criatividade na educação. Deu-se prosseguimento com a análise dos dados coletados, sendo cada unidade de análise tratada individualmente.

Cumpra dizer que as categorias selecionadas e as unidades de análise intencionaram responder por que e para que criatividade na educação, procurando destacar os aspectos pedagógicos que norteiam a manifestação ou não do respectivo fenômeno no ambiente escolar. Nestes termos analisemos as proposições contidas nas falas dos sujeitos da pesquisa que melhor se aproximam destas questões, relacionando-as ao que se tem teorizado e discutido sobre criatividade.

Desta forma, delineou-se com base nas respostas obtidas a categoria empírica: Aspectos pedagógicos favoráveis ao o desenvolvimento da Criatividade com suas respectivas subcategorias ou unidades de análise. A fim de melhor organizar as informações segue abaixo um quadro demonstrativo indicando as unidades de análise que evidenciam aspectos pedagógicos favoráveis a expressão do pensamento criativo no contexto da Feira da Criatividade.

Quadro demonstrativo: Categoria Empírica e Unidades de Análise

Unidades de Análise	Aspectos Pedagógicos favoráveis ao Desenvolvimento da Criatividade no Contexto da Feira
	Aluno pesquisador
	Aluno explicador
	Tema de interesse do aluno
	Valorização das idéias dos alunos
	Relação horizontal entre professor e aluno
	Torna o aluno autônomo

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Antes de partirmos para uma incursão mais analítica dos dados selecionados para análise, cabe descrevermos com base nos relatos dos participantes da pesquisa, fotos e projetos mais especificamente entre os anos de 2007 e 2008 a Feira da Criatividade, a fim de contextualizá-la possibilitando ao leitor uma compreensão mais ampla do referido evento.

3.2 Por Dentro da Feira da Criatividade

Como já dissemos, o estudo toma como objeto de análise um evento pedagógico intitulado Feira da Criatividade, com o intuito de compreender como a criatividade se manifesta no ambiente escolar, especialmente nos aspectos pedagógicos referentes ao aluno e

a ação dos professores. Com o objetivo de esclarecer o que é, como se dá o desenvolvimento do referido evento, optou-se em contextualizar o mesmo em seus aspectos históricos e metodológicos de modo que fique clara a sua organização, estrutura e funcionamento. Tomou-se por base as falas dos sujeitos da pesquisa e análise de documentos, a saber, os projetos do ano de 2007 e 2008 que foram cedidos gentilmente pelo vice diretor da escola.

Nestes termos, trata-se de uma incursão por dentro da Feira da Criatividade que nos permitirá ter uma visão mais ampla do evento, possibilitando uma melhor visualização e compreensão sobre o fenômeno da criatividade e como a mesma se manifesta no ambiente escolar, em especial no contexto da feira.

A Feira da Criatividade foi implantada na escola Castelo do Pensar entre os anos 2000 e 2001, sendo realizada a primeira amostra no ano de 2001, como ilustra o relato a seguir: “Falar sobre a feira da criatividade eu acho que é muito importante porque ela foi implantada aqui na escola já faz algum tempo no ano de 2000 a 2001”(PROF^o JOÃO DE BARRO).

Porém, conforme informado pelos professores entrevistados, a Feira da Criatividade é uma evolução de outras feiras como as feiras de ciências e feiras culturais que eram realizada na escola, sendo que as mudanças de nome foram ocorrendo no decorrer do tempo, conforme a natureza dos trabalhos. Podemos observar isso nas declarações abaixo:

... só que a primeira feira que ocorreu na escola não tinha esse nome, era feira de ciências e ocorreu no ano de 1990 quando eu era estudante. Então eram trabalhos científicos, mas haviam também trabalhos culturais. Depois de várias feiras de ciências, colocou-se o nome de feira científica cultural. (PROF^o JOÃO DE BARRO)

...passei por várias feiras da criatividade, toda evolução, feira da ciência, feira da criatividade, feira cultural como teve.(PROF^a JACIRA LIMA)

...no início da Feira da Criatividade não era a Feira da Criatividade, era mais a Feira de Ciências... Então a mudança de nomenclatura, veio assim como eu posso dizer, com o passar do tempo (PROF^a ÁGATA LINS)

Ao que se observa a escola desenvolve um trabalho com o termo feira desde os anos 90 (noventa). Inicialmente intitulada Feira de Ciências, que consistia na apresentação anual de trabalhos realizados por alunos e professores, cujas temáticas deveriam ser sempre restritas a abordagem de conteúdos relacionados as disciplina ciências, química, biologia e física. A Feira de Ciências se centrava especificamente em expor trabalhos de cunho científico como ilustram as proposições abaixo:

...feira de ciência foi a primeira que a gente parou porque tava ficando restrito trabalhar só o lado científico da coisa. (PROF,^a JACIRA LIMA)

Então eram trabalhos científicos. (PROF^o JOÃO DE BARRO)

...chegou o momento que introduziram filosofia no ensino médio, sociologia e como trabalhar? Quer dizer que esses professores iam ficar de fora porque é feira de ciência?(PROFª JACIRA LIMA)

Observa-se que a Feira de Ciências não estava aberta a incursão de temáticas voltadas para as áreas das ciências humanas, priorizavam-se as ciências da natureza, mas, com o passar do tempo, segundo os informantes da pesquisa, houve a necessidade de renomear o evento com o objetivo de ampliar as possibilidades de abordagem temáticas. Foi então que a feira passou a ser denominada Feira Científico Cultural ou Feira Cultural. Isto se justifica pela abertura do evento à inserção de conteúdos ou situações relacionadas aos aspectos culturais mais no sentido da arte, como danças, teatro, poesias. Como informam os depoimentos abaixo:

Depois de várias Feiras de Ciências, colocou-se o nome de Feira Científica Cultural porque já se trabalhava também com trabalhos na área da cultural. (PROFº JOÃO DE BARRO)

Quando eu cheguei já tinha o que chamavam de feira da ciência, depois foi modificado pra feira cultural onde o intuito era um pouco mais cultural... Foi implantado essa coisa assim de cultura, dança, teatro e ai ficou uma espécie de identidade da escola.(PROFº Sócrates)

No ano 2000 conforme os relatos dos sujeitos da pesquisa, a feira recebeu uma nova nomenclatura: Feira da Criatividade. Segundo os informantes, esta mudança ocorreu porque percebeu-se que tanto a expressão Feira de Ciências quanto Feira Científico Cultural limitava os trabalhos desenvolvidos a estes dois campos; ciências no sentido de ciências da natureza, a saber, química, física e biológica, e cultural no sentido da arte, voltados para apresentações teatrais, música, dança. Houve então a necessidade mais uma vez de mudança em termos de nomenclatura das feiras no sentido de privilegiar um nome onde se contemplasse também o desenvolvimento de trabalhos voltados para as demais áreas do conhecimento como: historia, geografia, português, filosofia, inglês, literatura. Pensa-se então na nomenclatura Feira da Criatividade. As falas abaixo confirmam isto:

Então porque mudou esse nome para feira da criatividade? Porque percebeu-se no decorrer do tempo que os trabalhos não estavam restritos, limitados somente a questão científica e a questão cultural, mas também a questão da criatividade (PROFº JOÃO DE BARRO)

Então a mudança de nomenclatura, veio assim como eu posso dizer, com o passar do tempo. A gente ia vendo que tava ficando restrito trabalhar Feira Cultural, Feira de Ciência foi a primeira que a gente parou porque tava ficando restrito trabalhar só o lado científico da coisa. Passamos para trabalhar feira cultural, ainda achamos que estava restrito, então a gente resolveu ampliar usando o tema Feira da Criatividade que ai a gente podia trabalhar diversas áreas, diversos trabalhos e ai ficou bem mais amplo pra gente trabalhar diversos temas também com o nosso aluno. ((PROFª JACIRA LIMA)

Observa-se que a implantação da Feira da Criatividade na escola como evolução de

outras duas se dá então pela necessidade de superar as limitações em relação a exposição de trabalhos focados somente em duas áreas, e possibilitar a inserção de trabalhos voltados para as demais áreas do conhecimento.

Nota-se que a expressão Feira da Criatividade foi idealizada para definir a nova natureza dos trabalhos que seriam apresentados na Feira, onde a partir de então seriam trabalhos relacionados a todas as áreas do conhecimento. Neste sentido ampliou-se e diversificou-se o campo de abrangência das temáticas que poderiam ser trabalhadas.

A partir do ano 2000 com a nova nomenclatura a Feira da Criatividade estruturou-se metodologicamente, segundo os informantes deste estudo da seguinte forma: por tema gerador, por subtemas, por projetos, por exposição ao público que serão descritos abaixo.

3.2.1 Por Tema Gerador

O primeiro passo para o desenvolvimento da Feira da Criatividade segundo os relatos era a definição do tema gerador no início do ano, escolhido junto com os professores. O mesmo deveria ser trabalhado durante todo o ano letivo, por todos os professores em todas as áreas do conhecimento. A partir do tema gerador cada professor ou grupo de professores elaboravam seus subtemas dentro da sua área de conhecimento que deveria ser trabalhado em um projeto durante o ano letivo, em sala de aula com os alunos, em uma turma de sua escolha e ser exposto para a comunidade escolar e extra escolar no período da feira que ocorria no mês de novembro. As falas abaixo retratam isto:

...alguns trabalhos a gente desenvolvia a partir de um tema gerador...Havia o tema gerador da feira, depois a gente distribuía em subtemas, cada professor trabalhava com os alunos, com a sua turma; uma turma direcionada a trabalhar um subtema e apresentar, montar o trabalho em uma sala. ((PROF.^a JACIRA LIMA)

...que foi com (nome do diretor da época) que mudou de nome Feira da Criatividade, aí a gente já tinha um tema específico para trabalhar, então cada professor trabalhava. Era assim, a direção lançava alguns temas, a gente fazia reunião, nós escolhíamos os temas. (PROF.^a ÁGATA LINS).

Era assim, a direção lançava alguns temas, a gente fazia reunião, nós escolhíamos os temas. (PROF.^a ANTONIA)

Nos depoimentos os sujeitos fizeram referência apenas ao fato de que havia um tema gerador que era trabalhado na feira, mas não fizeram referência aos nomes dos temas. Houve então a curiosidade de descobrir quais foram estes temas, algo que foi bem difícil, pois a escola não dispunha de registros escritos do histórico de todas as feiras. Os que foram encontrados e cedidos pelo vice diretor, que também foi sujeito da pesquisa, foram os projetos do ano de 2007 que estavam anexos ao Projeto Político Pedagógico da época (PPP) e do ano de 2008 que estavam separados e arquivados e registros fotográficos que também forneceram

informações importantes como identificar o tema gerador da primeira Feira da Criatividade realizada em 2001. Desta forma, identificaram-se os temas geradores no quadro abaixo.

Quadro-1 Relação de temas geradores desenvolvidos na feira da criatividade entre os anos 2001 e 2013.

ANO	TEMA
2001	Tempo de transcendência: Somos o que criamos
2002	Não encontrado
2003	Não encontrado
2004	Não encontrado
2005	Não encontrado
2005	Não encontrado
2006	Não encontrado
2007	Educação Ambiental
2008	Diversidade cultural
2009	Não encontrado
2010	Não encontrado
2011	Não Houve Feira da criatividade
2012	Não houve feira da criatividade
2013	Não houve feira da criatividade

Fonte: produzido pela pesquisadora

3.2.2 -Por Subtemas

A partir do tema gerador os professores de todas as áreas tinham a liberdade de elaborar seus subtemas e trabalhar dentro de um projeto um tema ou não do conteúdo de sua disciplina para ser apresentado na feira. Isto ao que se percebe ficava a critério do professor. Assim, normalmente a temática que seria apresentada na feira era idealizada pelo professor, isto é, tratava-se de um tema de interesse do professor como mostram as declarações.

... a gente tinha uma programação e ao professor era dado a obrigação de elaborar o tema, é acompanhar os alunos, desenvolver junto com os alunos ... o professor tinha que pensar o tema, tinha que pensar em viabilizar os meios para efetivar o seu trabalho... (PROF^o SÓCRATES)

...a gente desenvolvia a partir de um tema gerador, e esses trabalhos eram levados para os subtema. Havia o tema gerador da feira, depois a gente distribuía em subtemas. (PROF,^aJACIRA LIMA)

...foi com Benedito Santiago que mudou de nome feira da criatividade, ai a gente já tinha um tema específico para trabalhar, então cada professor trabalhava aquele tema mesmo que fosse na sua área,já usava aquele tema geral, depois a gente distribuía em outros temaspra trabalhar na nossa área.(PROF^a ÁGATA LINS).

O passo seguinte era transformar os subtemas em projetos, tendo como finalidade socializar os conhecimentos adquiridos sobre a temática selecionada em forma de exposição no final do ano letivo.

3.2.3 Os projetos

Os subtemas eram transformados em um projeto pedagógico para ser trabalhado com uma ou mais turmas no final do ano letivo. O mesmo poderia, como mostra os relatos, ser desenvolvido por um professor ou um grupo, para ser trabalhado anualmente com uma ou mais turmas em sala de aula e ser exposto nos dias da feira pelos alunos.

...é implantaram a Feira da Criatividade. Os professores fizeram seus projetos. Os projetos em equipes, equipes de dois, três, quatro professores. Os projetos foram apresentados nas reuniões, nos planejamentos para a feira. Cada professor apresentava o seu projeto, o seu tema e explicava como que ia ser apresentado. (PROF. JOÃO DE BARRO)

Durante o processo de coleta de dados foram encontrados nos arquivos da escola, de forma bem detalhada, os projetos desenvolvidos na Feira da Criatividade do ano de 2007, que estavam anexos no PPP da época, cujo tema gerador foi “Educação Ambiental” e na Feira da Criatividade do ano de 2008, cujo tema foi “Diversidade Cultural: Caminho para Integração e Formação Cidadã”, e que foram cedidos para análise pelo vice diretor da escola. Os projetos dos demais anos não foram localizados, somente registros fotográficos que não faziam referência aos anos em que foram desenvolvidos.

Dentre os projetos encontrados e analisados confirma-se o que os sujeitos relataram a respeito do tema gerador, dos subtemas, sempre relacionados ao tema gerador. Por exemplo, no ano de 2007, que tratou o tema meio ambiente, os projetos pedagógicos elaborados estavam voltados para contemplar questões relacionadas ao referido tema. Observa-se isto pelos próprios subtemas encontrados nos projetos desenvolvidos pelos professores. Na mesma perspectiva, os projetos desenvolvidos na Feira da Criatividade de 2008 abordaram temáticas relacionadas ao tema gerador diversidade cultural. Neste sentido percebeu-se os professores das diversas disciplinas focando seus projetos pedagógicos na referida temática. Como mostra o rol exemplificativo no quadro abaixo:

Quadro-2 Tema gerador e projetos desenvolvidos na Feira da Criatividade nos anos 2007 e 2008.

Tema Gerador: Ano: 2007 Educação Ambiental	Tema Gerador Ano: 2008 Diversidade Cultural: Caminho para Integração e Formação Cidadã
Redução e Aproveitamento do Lixo no Ambiente Escolar,	Língua Portuguesa: Diversidade, Cultura e Mudança;
Meio Ambiente: Ler, Conhecer e Preservar,	Educação inclusiva
O Ambiente Matemático	Ferriados: Um passeio pela história e

	costumes americanos
Arte Como Ferramenta para Educação Ambiental,	A Cultura da Idade Média
Meio Ambiente e Saúde,	Cultura Inglesa
Amar- Educação e Arte para qualquer Parte...	Religião e Misticismo
Educação Ambiental: Vida e Missão Neste Chão	Educação Sexual
O Caminho Para Educação Ambiental	Biologia e química, educação para uma vida saudável
Redução e Aproveitamento do Lixo Escolar	Língua portuguesa: Diversidade, cultura e mudança;

Fonte: Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada

Ao analisar estes projetos associados a falas de alguns sujeitos destaca-se o caráter multidisciplinar dos mesmos, pois se percebe o tema sendo abordado pela ótica das várias disciplinas. Observa-se o tema “Meio ambiente” sendo desenvolvido pelo olhar da matemática, da arte, da biologia, da geografia... da mesma forma o tema “Diversidade Cultural”. Isto se confirma também nos grupos de trabalhos formados pelos professores, por exemplo, o projeto “Língua Portuguesa: Diversidade e Riqueza Cultural” foram desenvolvidas pelo professor de português e matemática, o projeto “Educação Ambiental e a Construção da Paz” realizado pelos professores de Sociologia, Português, Matemática e Geografia, o projeto “Biologia e Química, Educação Para Uma Vida Saudável” foi trabalhado pelos professores de biologia e química.

A feira de 2007 também foi realizada ao que parece na mesma perspectiva, onde se vê também o tema gerador da feira sendo desenvolvido a partir do olhar das várias disciplinas. Tomam-se por exemplo os seguintes projetos: “Redução e aproveitamento do lixo no ambiente escolar” desenvolvido pelos professores de geografia, história e estudos amazônicos, “Meio Ambiente: Ler, conhecer e preservar” desenvolvido pelos professores de língua portuguesa, “O ambiente matemático” realizado pelos professores de matemática, “Arte como ferramenta para educação ambiental”, elaborado pelos professores de biologia e química. O mesmo objeto é olhado, estudado e desenvolvido na ótica das várias disciplinas o que evidencia seu caráter multidisciplinar, pois, “multidisciplinaridade significa múltiplos olhares sobre um mesmo objeto” (NICOLESCU, 2001, apud, SOUZA, 2013, p.68).

3.2.4-Por exposição ao Público

O último passo da Feira da Criatividade consistia na exposição dos trabalhos desenvolvidos com as turmas para a comunidade escolar e extra escolar: alunos, professores,

funcionários, pais, comunidade em geral e alunos de outras escolas que vinham visitar o evento. O mesmo ocorria tradicionalmente no mês de novembro. A exposição era delegada ao aluno. Momento este em que se percebe uma maior atuação e participação dos mesmos como mostram as imagens abaixo.

Foto 01: Alunos fazendo exposição de trabalhos na Feira da Criatividade de 2008



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Castelo do Pensar

Foto 02: Alunos fazendo exposição de trabalhos na Feira da Criatividade de 2007



Fonte: Arquivo Fotográfico da Escola Castelo do Pensar

Trata-se de um momento diferenciado vivenciado pelos alunos no ambiente escolar, uma vez que há uma quebra de rotina no sentido de ruptura com os limites da sala de aula e também por ser uma experiência nova que possibilita ao aluno ser ativo na forma como se relaciona com o conhecimento, pois cabe a ele neste momento se preparar e socializar o que aprendeu. Assim, o aluno momentaneamente assume o papel de professor como ilustra a fala abaixo:

...que o aluno sai um pouco das quatro paredes da sala de aula né. É uma aula também e é uma aula que ele não está ali passivamente recebendo Ele é o expositor, ele é o ministrante, porque ele vai explicar, os professores apenas orientam, fazem o trabalho e orientam e os próprios alunos, eles tem o papel que os professores tem na sala de aula .(PROFº JOÃO DE BARRO)

Cumpramos enfatizar que as exposições dos trabalhos realizados pelos alunos não se limitam as explicações orais, mas também são utilizadas outras séries de metodologias como maquetes, painéis, cartazes, vídeos, experiências científicas, teatro... o que dinamiza a forma de apresentação e explicação rompendo com o tradicionalismo das aulas expositivas.

Outro aspecto que merece ser esclarecido em relação à Feira da Criatividade é a opção pela referida nomenclatura. Cabe lembrar que a Feira da Criatividade como já dito anteriormente deriva de outras feiras, a saber: Feira de Ciências e Feira cultural. A Feira de Ciências estava centrada especificamente em expor trabalhos de cunho científico, onde a prioridade eram as disciplinas ciências naturais, biologia, química e física. A Feira Científica Cultural, por vez passou a contemplar o desenvolvimento e exposição de trabalhos voltados para a questão da cultura, da arte por meio do teatro, da dança, da poesia, da música. Estas características limitadoras das duas feiras atribuídas as suas nomenclaturas gerou a necessidade de mudança em termo de denominação do evento, de modo que fosse um nome que pudesse contemplar também o desenvolvimento de trabalhos com temáticas voltadas para as demais áreas do conhecimento como história, geografia, português, filosofia, inglês, literatura... Desta forma pensa-se na nomenclatura Feira da Criatividade.

A Feira da Criatividade é assim denominada com o intuito de diversificar, os temas, os trabalhos apresentados, possibilitando uma maior diversidade de abordagens como informam os relatos abaixo:

Então a mudança de nomenclatura, veio assim como eu posso dizer, com o passar do tempo. A gente ia vendo que tava ficando restrito trabalhar Feira Cultural, Feira de Ciência foi a primeira que a gente parou porque tava ficando restrito trabalhar só o lado científico da coisa. Passamos para trabalhar feira cultural, ainda achamos que estava restrito, então a gente resolveu ampliar usando o tema Feira da Criatividade que ai a gente podia trabalhar diversas áreas, diversos trabalhos e ai ficou bem mais amplo pra gente trabalhar diversos temas também com o nosso aluno.(PROFª JACIRA)

A nomenclatura criatividade deu pra gente fazer vários outros trabalhos em todos os campos, que dizer chegou o momento eu lembro também chegou o momento que introduziram filosofia no ensino médio, sociologia e como trabalhar? Quer dizer que esses professores iam ficar de fora porque é feira de ciência.(PROF^a JACIRA)

Os professores começaram a produzir trabalhos muito interessantes voltados para área da educação como um todo (na área da literatura, da musica, do teatro) e era assim uma feira que abrangia todas essas áreas (PROF^o JOÃO DE BARRO)

Conforme as declarações, uma das justificativas pela opção pela expressão ‘criatividade’ nas Feiras desenvolvidas na escola Castelo do Pensar está relacionada a questão da diversidade de trabalhos que serão expostos, isto é, no sentido de torná-la mais ampla, mais abrangente, aberta às diversas áreas do conhecimento. Assim, a palavra mais apropriada aqui para determinar criatividade é “diversidade” no sentido de variedade; diversas áreas, diversos trabalhos, diversos temas a serem apresentados. Neste sentido, infere-se que a Feira da Criatividade é feira pelo seu caráter expositivo e é da criatividade pela diversidade de temáticas oriundas de todas as áreas do conhecimento. Isto se evidencia pela liberdade do professor em trabalhar qualquer temática que não esteja especificamente centralizada em conteúdos relacionados ao campo das ciências naturais. Assim, há uma preocupação em diversificar, dinamizar e tornar a feira mais versátil. Isto é, criativa.

Nesta perspectiva, o uso do termo criatividade está sendo aplicado com o intuito de mudança, de melhoria, de inovação do evento, dando ao mesmo um caráter mais flexível e abrangente. Uma espécie de ruptura quanto às características das feiras de ciências centrada na socialização de conhecimentos científicos.

Pode-se concluir que a opção da nomenclatura Feira da Criatividade para a denominação do evento se preocupa em tornar a feira mais criativa. Nestes termos o centro do processo criativo é a própria Feira da Criatividade. Contudo, embora tenhamos chegado a esta conclusão para justificar a opção pela expressão Feira da Criatividade os achados da pesquisa empírica nos revelam elementos pedagógicos propiciadores do desenvolvimento da criatividade dos alunos identificados no processo de desenvolvimento da feira.

Até aqui se procedeu a descrição do evento Feira da Criatividade, com o objetivo de demonstrar seu funcionamento e organização e melhor identificar os aspectos relacionados ao desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar, tomando como objeto de análise o referido evento. Proceder-se a análise e interpretação dos dados coletados a partir das categorias empíricas e unidades de análise selecionadas com os sujeitos da pesquisa.

3.3 Dialogando Com os Sujeitos da Pesquisa

Embora a nomenclatura e a implantação da Feira da Criatividade realizada na escola Castelo do Pensar não tenha sido idealizada especificamente para desenvolver um trabalho pedagógico concreto voltado para o desenvolvimento da criatividade dos alunos, como dito anteriormente através dos relatos expressos pelos professores entrevistados, pode se perceber a materialização de aspectos relacionados tanto ao estímulo do pensamento criativo como ao bloqueio do mesmo no contexto do referido evento. A seguir trataremos especificamente dos aspectos pedagógicos que se configuram positivos a expressão da criatividade tendo em vista a sua relação com o pensamento autônomo do alunado durante o processo de realização da feira. Assim passemos a analisar os fatores pedagógicos que se consubstanciam favoráveis quanto ao estímulo do pensamento criativo dos alunos no ambiente escolar.

3.3.1 Aluno Pesquisador

Com base nas informações dos professores participantes da pesquisa, a Feira da criatividade possibilita que o aluno se torne um pesquisador, um explorador de informações sobre a temática a ser apresentada nos dias da feira. É recorrente nas falas dos entrevistados referência a pesquisa como condição para o desenvolvimento do trabalho, sendo delegado aos alunos o referido ato. Os trechos abaixo assim ilustram:

...os alunos começaram com o trabalho de pesquisa e eu mesma estava só por trás auxiliando como orientadora... (PROF^a CRIS)

...quando eu trabalhava dentro da minha área certinho, antes eu fazia aquela preparação dos alunos pra fazer aquela feira, curiosidade, pedia pesquisa, pedi tudo sobre dentro da minha área (PROF^a ÁGATA LINS)

Essa parte de pesquisa, porque o nosso aluno é pra ir pro campo pesquisar. Então ele já não ficava só com a parte de ciência ou só com a parte da cultura do povo. (PROF^a JACIRA)

A partir das falas dos entrevistados a pesquisa se constitui na primeira ação pedagógica direcionada ao aluno para o desenvolvimento do trabalho a ser exposto na Feira da Criatividade. Trata-se de uma estratégia utilizada pelo professor para envolver o aluno com a temática a ser apresentada.

A pesquisa se constitui em um fator determinante para o desenvolvimento da criatividade, pois ninguém cria do nada. Ela não é obra do acaso. Criar se constitui em condição para pensar como afirma Kohan (2013) e este atributo da criação exige informação, conhecimentos, estudo. Isto se dá pela pesquisa, pela exploração de dados, pela curiosidade em buscar sempre mais e novos saberes.

Trata-se de um trabalho árduo que exige dedicação, interesse, motivação, vontade, persistência, pois a criatividade não é obra do acaso mas é resultado de esforços individuais ou coletivos que se materializam em ideias, e que ajudam o indivíduo no exercício do pensar. A luz do relato abaixo pode se ver o envolvimento dos alunos com a pesquisa. “Então pra mim o maior ponto positivo era aquela empolgação e aquele empenho que eu via meus alunos estarem buscando, pesquisando”.(PROFª JACIRA)

Nesta perspectiva a atitude do professor em solicitar que o aluno pesquise e busque informações pertinentes ao que se pretende fazer ou compreender, se constitui em um fator pedagógico que contribui com o incentivo do pensamento criativo. A empolgação, o empenho gerado em torno da pesquisa que deveria ser feita pelos estudantes para a produção do trabalho configura-se como resultado positivo no processo de aprendizagem por permitir que os alunos busquem e construam o conhecimento. Nestes termos Demo (2001, p.85) enfatiza:

Torna-se premente assumir que a melhor maneira de aprender não é escutar aula, mas pesquisar e elaborar com mão própria, sob orientação do professor. Não é mister combater a aula, mas esta mantém apenas a função de promover pesquisa e elaboração própria.

A partir destas constatações ganha relevância a postura do professor que, nesta perspectiva, se torna orientador. O trecho abaixo retrata a atitude incentivadora e orientadora do professor para com os alunos em relação ao ato da pesquisa.

Eles tinham que ter uma pessoa ali pra ta apoiando, pra ta direcionando, pra ta buscando material com eles, pesquisando. “Professora eu não tenho material” então vamos pesquisar, vamos buscar, vamos correr atrás. (PROFª JACIRA)

Diante das dificuldades apresentadas pelo aluno, o professor orienta. Isto se evidencia na fala da entrevistada: “professora eu não tenho material” e na postura do professor em dizer “então vamos pesquisar, vamos buscar, vamos correr atrás”. Esta atitude do professor motiva o aluno, não permite que ele fique passivo diante da dificuldade, mas o incentiva, sugerindo a pesquisa como uma possibilidade para solução da dificuldade.

De acordo com os estudos sobre a criatividade, a pesquisa esta relacionada a primeira etapa do processo criativo, isto é ao que se denomina por preparação como teoriza Kneller (1978), Alencar (2003), Lubart (2007), dentre outros. Segundo estes autores a primeira fase do processo criativo se traduz no momento intenso de pesquisas, estudos, busca de informações variadas, coleta de novos dados, registros, anotações, discussões sobre um tema, um problema em que o indivíduo precisa obter informações para a partir daí criar e pensar. A criatividade, cuja característica intrínseca é o pensar com autonomia perpassa por esse primeiro momento em que a pesquisa se configura como um fator decisivo.

Para Freire (1996) ensinar exige pesquisa. Esta proposição se reporta ao professor, a

uma atitude que deve fazer parte permanente da sua prática docente. Há portanto, uma ênfase para que o professor seja um professor pesquisador, ao que me parece muito correto, mas pouco se ouve falar no aluno pesquisador. O fato é que quando se trata do desenvolvimento da criatividade, a criatividade enquanto exercício do pensar com autonomia, a pesquisa se consubstancia como uma condição. Neste sentido podemos dizer que criar exige pesquisa. Assim, cumpre dizer que se houver intenção em estimular o pensamento criativo do aluno no ambiente escolar é preciso orientá-lo ao trabalho com pesquisa.

No processo de realização da Feira da Criatividade, segundo os relatos dos sujeitos os alunos precisavam pesquisar, investigar o tema a ser apresentado. Isto é, não recebiam o conhecimento pronto pelo professor. Segundo Brocannelli (2010) tudo aquilo que é dado pronto e acabado não permite a investigação. Isto nos permite concluir a respeito da Feira da Criatividade que a pesquisa, adotada como estratégia no processo de realização da Feira da Criatividade se configura como um fator relevante para o desenvolvimento da criatividade dos alunos, pois favorece a curiosidade possibilitando sempre a emergência de novos questionamentos sobre o objeto estudado.

Nestes termos Freire (1996) diz que não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move. Para o referido autor a curiosidade se constitui como elemento que inquieta, que se inclina ao desvelamento de algo. É portanto, o elemento propulsor do conhecimento, que estimula a reflexão, busca esclarecimento e principalmente rompe com a passividade. A pesquisa ao que se sabe vincula pensamento e ação. (MINAYO, 2012, p.16).

3.3.2 Aluno Explicador

Os professores entrevistados utilizam o termo expositor para caracterizar o aluno ou alunos que iriam explicar aos visitantes o trabalho temático desenvolvido durante o ano letivo em sala de aula. Conforme os relatos, trata-se do momento da feira em que há uma maior atuação dos alunos, uma vez que é delegado aos mesmos a tarefa de expor o tema estudado no projeto desenvolvido pelos professores. Vejamos algumas referências sobre isto.

Durante o ano esse tema era desenvolvido em sala e no final a gente ia apresentar, montar um trabalho, apresentar com os nossos alunos para os outros alunos que vinham visitar a escola...os trabalhos que a gente desenvolvia com os alunos com o objetivo de apresentar os conhecimentos trabalhados durante o ano letivo (PROFª JACIRA)

Os alunos iam apresentar os trabalhos, recebiam alunos de outras escolas, desenvolver todo aquele tema e subtema dentro de sala pra apresentar o seu trabalho. (PROFª ÁGATA LINS)

Observa-se a partir das declarações que se trata da etapa final da Feira da

criatividade; a exposição ao público, a explicação do trabalho desenvolvido. Infere-se que para o aluno explicador trata-se de um desafio, primeiro porque precisa estar mais preparado do ponto de vista intelectual, precisa ter domínio do conteúdo ou tema que vai apresentar. Isto implica mais estudo, mais leitura, mais conhecimento do tema já que a situação o obriga de certa forma a ter mais clareza e aprofundamento do objeto. Esta necessidade incentiva o estudante a buscar mais informações, a se questionar mais, a pensar como vai explicar, o que vai fazer. Isto requer uma certa autonomia do estudante para criar, pensar e elaborar sua apresentação. Neste sentido Demo (,2001, p.95) diz:

A elaboração própria torna-se, então, atividade estratégica, em primeiro lugar porque reflete a capacidade reconstrutiva, de onde surge o impulso para a autonomia. O que não se elabora fica ainda fora, adere por imitação, ou seja não entra. Neste sentido, elaboração própria é a base da aprendizagem ativa, através da qual o aluno tenta, sob orientação do professor, fazer-se autor, ter idéias próprias, argumentar com autonomia.

Em Rancière (2010) os alunos do professor Jacotot foram postos em uma situação desafiadora em que foram forçados a usar sua inteligência para aprender o francês. Assim, conseguiram por si mesmos sem a explicação do mestre. No contexto da feira, o aluno troca de papel. Ele não recebe a informação pronta, ele deve buscar e se preparar para ter segurança no momento de socializar o que aprendeu, o que pesquisou, buscando a seu jeito a melhor maneira para expor.

Constatou-se desta forma que há uma crença positiva na pessoa do aluno. Ele é visto como capaz, como importante pelo professor, que confiava ao mesmo a tarefa de apresentar o conhecimento trabalhado durante o ano. Nestes termos, o desenvolvimento da criatividade dos alunos no contexto da feira se aplica especialmente no fato dos mesmos, segundo o relato abaixo, não serem agentes passivos das informações, como também ao fato de serem desafiados a expor.

...que o aluno sai um pouco das quatro paredes da sala de aula né. É uma aula também e é uma aula que ele não está ali passivamente recebendo. Ele é o expositor, ele é o ministrante, porque ele vai explicar, os professores apenas orientam, fazem o trabalho e orientam e os próprios alunos, eles tem o papel que os professores tem na sala de aula. (PROFº JOÃO DE BARRO)

Para o aluno expositor o momento vivenciado, a participação na feira como expositor é uma experiência nova, que lhe possibilita aprender de uma forma diferenciada. Isto nos permite pensar tanto na criatividade em uma perspectiva inovadora, pelo seu caráter original, dinâmico, flexível, como na criatividade como condição para pensar. Podemos inferir que o aluno expositor precisa criar e para isso precisa pensar. Pensar como vai fazer, o que vai falar, como vai falar, o que vai argumentar. Precisa expor suas próprias ideias e opiniões sobre o conhecimento que foi desafiado a explicar. O relato abaixo assim o retrata:

...muitos alunos que participaram na feira como expositores melhoraram depois sua aprendizagem na própria sala de aula, porque melhoraram aquela coisa; alunos que tinham vergonha de falar, apresentar trabalho pra turma, quando apresentaram na turma pra muita gente né perderam esse medo e se tornaram assim mais desinibidos né, assim pra expor suas ideias, suas opiniões (PROFº JOÃO DE BARRO)

Constatou-se a partir do relato, que a participação no evento como alunos expositores trouxe conseqüências positivas para a formação dos mesmos, dentre as quais se fez referência a melhoria na aprendizagem, superação de medo e timidez. Os alunos expositores tornaram-se mais desinibidos para expor ideias e opiniões. Este último fator nos permite dizer que a criatividade dos alunos no sentido da autonomia do pensar foi favorecida. Isto nos leva a pensar que a escola ao promover este tipo de evento onde é criado tempo e espaço para o aluno expor, vivenciar uma experiência diferente que rompe com os limites da sala de aula e que principalmente confia a ele uma atividade desafiadora acerta quanto ao incentivo do pensamento criativo no ambiente escolar.

Pode-se dizer que com a vivência de uma nova experiência há sempre a possibilidade de mudança, seja no pensar, no modo de ser ou agir e isto renova as pessoas, possibilita novas formas de pensar. Neste sentido “a escola tem de procurar novas formas de ensinar, novos significados para a sua missão, diferentes estratégias e mesmo diferentes conteúdos”. (Revista Presença Pedagógica, 2014, p.30).

De encontro a estas acepções Haetinger (2012) diz que é muito importante transformar a escola em um lugar onde formamos e não onde formatamos os alunos, uma escola renovada que integre a cultura do meio no qual está inserida, criando-se bases para o futuro e oferecendo aos alunos a oportunidade de construir o novo a sua maneira.

Outro aspecto que merece destaque aqui são as formas de apresentação que não estão restritas as exposições orais. Usam-se recursos e metodologias variadas como maquetes, painéis, cartazes, vídeos, experiências científicas, teatro, dentre outros, tornando a feira dinâmica e variada em termos de exposição. Isto dinamiza a experiência educativa configurando-se como positivo para a criatividade, pois inova as formas de aprendizagem e rompe o tradicionalismo das aulas expositivas. Como diria Freire (1996) aquele “blá, blá, blá” da sala de aula. Os registros fotográficos abaixo o ilustram.

Foto3: Alunos fazendo exposição de trabalho com material reciclável na Feira da Criatividade 2010



Fonte: Arquivo Fotográfico da escola Castelo do Pensar

Foto4: Alunos fazendo exposição de trabalho na Feira da Criatividade 2010



Fonte: Arquivo fotográfico da Escola Castelo do Pensar

Foto5: Alunos expõem trabalho artístico na Feira da Criatividade 2010



Fonte: Arquivo Fotográfico da escola Castelo do Pensar

Foto6: Alunos expõem trabalho na Feira da Criatividade de 2008



Fonte: arquivo Fotográfico da escola Castelo do Pensar

As imagens acima são amostras que retratam a variedade dos trabalhos que são expostos e apresentados pelos alunos durante os dias da Feira da Criatividade. Observa-se que são trabalhos relacionados às diversas áreas do conhecimento. Isto evidencia o caráter multidisciplinar da feira, uma vez que coloca o aluno em contato com temas relacionados a diversas áreas do conhecimento. De encontro a estas proposições Haetinger (2012) diz que a criatividade está ligada à essência da educação pelo seu caráter multidisciplinar e transversal. Ela está presente em todas as áreas do conhecimento ou mesmo mediando a relação entre estas áreas na escola.

A leitura das imagens também nos permite visualizar a autonomia com a qual os alunos conduzem a apresentação dos trabalhos. A gesticulação, a postura, a segurança com a qual explicam, expressam ao que parece um jeito próprio de expor. Isto é um fator que favorece a expressão da criatividade, uma vez que foi depositada confiança no aluno reconhecendo o mesmo como capaz. Rancière (2010) destaca a crença no espírito humano como meio para emancipá-lo intelectualmente. Ao acreditar no poder intelectual do aluno o potencial criativo encontra espaço para se desenvolver.

Outro fator que nos chama a atenção através da leitura das imagens em relação ao aluno expositor é o fato da ausência do professor nos momentos das apresentações. Observa-se que os alunos ficam sozinhos nestes momentos com os visitantes. Assim tem a liberdade de expor com naturalidade e autonomia. É um momento em que precisam eles próprios acreditar no seu potencial criativo, argumentativo, procurando expor com segurança. Para Kneller (1978) o estudante para ter fé em si próprio, deve acreditar no valor de seus pensamentos e percepções, por serem dele mesmo. De modo similar o professor Jacotot em Rancière (2010) deposita uma grande confiança no aluno, pois o vê como alguém capaz de superar-se, de buscar por si mesmos meios de superar as limitações e vencer os desafios apesar das dificuldades.

Neste sentido a oportunidade que é dada ao aluno no contexto da Feira da Criatividade, para ser o expositor dos trabalhos desenvolvidos durante o ano a partir de uma temática, configura-se como fator pedagógico relevante para o desenvolvimento da criatividade.

3.3.3 Tema de Interesse do Aluno

Outro fator identificado como elemento indicador da expressão da criatividade, presente na fala de um dos sujeitos da pesquisa foi o tema de interesse dos alunos. Cumpre lembrar que a seleção do subtema a partir do tema gerador que seria apresentado na Feira era

escolha do docente como descrito anteriormente. Porém um dos cinco entrevistados fez referência a escolha do tema a ser apresentado ter sido de interesse dos próprios alunos, tratando-se, portanto, de uma exceção no contexto da feira, porém foi uma exceção onde se evidenciou a importância de oportunizar aos alunos que estudem e investiguem temas de seu interesse e os resultados positivos relacionados ao incentivo da criatividade, da autonomia dos estudantes. Vejamos o relato que ilustra bem esta questão.

...mas na feira seguinte eu já atuei como professora orientadora dos alunos do 1º ano, onde um dos temas dos assuntos da grade curricular do 1º ano são as doenças sexualmente transmissíveis e foi uma proposta que foi realizada pelos alunos “professora vamos realizar a feira da criatividade com o tema DSTs” onde eles criaram um slogan, ai a gente fez a camisa com esse slogan, a gente criou banners educativos, alguns alunos que estavam fazendo curso de enfermagem trouxeram materiais de outras escolas e agente também fez um folder de explicação de prevenção e também a gente abordou muito sobre o uso da camisinha. Então quando esse tema foi discutido em sala e ele foi proposto e ele foi decidido que seria esse tema, os alunos começaram com o trabalho de pesquisa...(PROFª CRIS MARINHO)

O primeiro fator que nos chama a atenção neste relato é a fala da professora entrevistada interpretando o interesse dos alunos por uma temática da grade curricular para ser apresentada na Feira da Criatividade, a saber “professora vamos realizar a feira da criatividade com o tema DSTs” (Doenças sexualmente transmissíveis) depois a afirmação da mesma em dizer que foi uma proposta realizada pelos alunos. Os alunos tomaram a iniciativa de propor o tema que queriam estudar, isto é, que tinham curiosidade em saber mais, que possivelmente fosse mais significativo e necessário para suas vidas. Assim houve um grande envolvimento da turma para com o objeto de interesse. Ao que parece, pesquisar, buscar mais informações, aprofundar as discussões sobre a temática se tornou uma tarefa empolgante e criativa.

A criatividade é incentivada devido a uma característica adjacente a sua manifestação, isto é a curiosidade. De encontro a esta proposição Torre (2008) fala da curiosidade como fator da criatividade, afirmando que todo homem é criativo já que é curioso. A curiosidade é o melhor sintoma de inquietação e busca, diz ele. De modo similar Freire (1996) diz que a curiosidade do ser humano é pedra fundamental. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. Nesta perspectiva o tema de interesse ao que parece gerado a partir de uma aula gerou curiosidade. Os alunos queriam saber mais, aprofundar os conhecimentos sobre o tema “Doenças sexualmente transmissíveis”. Então propuseram “professora vamos realizar a feira da criatividade com o tema DSTs”. Assim, foram impulsionados a pesquisar, buscar respostas, informações, recursos para pensar o desenvolvimento do trabalho a ser apresentado na feira. Com isto vivenciaram a primeira fase

do processo criativo, isto é, a preparação. Como já dito, o momento da exploração, da busca da informação para, diante de tudo isso, pensar e criar as formas de apresentação. A criatividade gera movimento, ação, busca e supera estados de estagnação, paralisia, especialmente a intelectual e produz autonomia, pois é uma atividade do pensamento. O pensamento segundo Vigotski (2009) move a criação humana.

O fato é que por estarem empenhados em apresentar um tema de seu interesse, os alunos se envolveram profundamente no processo de realização do trabalho, participando ativamente, ao que se percebe, de todas as etapas de produção. Eles pesquisaram, buscaram e produziram os materiais e, sobretudo, criaram. Neste sentido o tema de interesse se constituiu como fator determinante no envolvimento dos alunos na feira e da expressão da criatividade. Configurando-se, portanto, como aspecto positivo para a aprendizagem e incentivo do pensamento criativo.

Por outro lado quando o que é proposto não se constitui como interessante para o aluno a resposta é negativa, não há envolvimento, não há empenho, não havendo, portanto, esforço para a criação. Podemos visualizar isto no relato abaixo descrito por um dos participantes da pesquisa

...o resultado às vezes era positivo, às vezes era negativo, isso sempre dependia muito do envolvimento dos alunos com o trabalho do professor e às vezes o tema que o professor elegia, algumas vezes eu tive essa dificuldade, não era um tema que agradava a todos os alunos, mas era um tema que despertava o professor mas não chegava a atingir os alunos de forma satisfatória para que eles pudessem participar e se integrasse mais. (PROF^o SÓCRATES)

Este relato enfatiza a importância e necessidade de oportunizar aos alunos que investiguem temas de seu interesse, que lhes dêem prazer em estudar, pois isto se configura como um fator favorável ao incentivo e desenvolvimento da criatividade, uma vez que aquilo que é interessante consubstancia-se em fator motivador que inquieta, movimenta a curiosidade e impulsiona o indivíduo a buscar, a pesquisar, a ter iniciativa, a pensar.

Para Lipman (1990) as crianças deveriam adquirir prática em discutir os conceitos que elas consideram importantes. Fazer com que discutam assuntos que lhes são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhes interessa, nem se interessam pelo que discutem. (Lipman,1990, p.31)

Alencar (2003) exemplifica que um dos caminhos para desenvolver a criatividade no ambiente escolar é dar ao aluno oportunidade de escolha, levando em consideração seus interesses e suas habilidades. A mesma autora lembra que os alunos expressam de forma mais plena as suas habilidades criativas quando realizam atividades que lhes dão prazer.

Rancière (2010) destaca o modo pelo qual os alunos do professor Jacotot aprenderam o Francês, isto é, sozinhos. O referido autor indaga: não seria, pois, preciso mais do que querer, para poder? Ao que parece havia um grande interesse da parte dos alunos em querer estudar e aprender a língua francesa. Movidos por esse interesse e com algumas orientações do professor os alunos por si mesmos aprenderam francês. Fizeram uso com autonomia do seu pensar.

Esta incursão em Rancière e demais autores, relacionada com as informações dos sujeitos deste estudo, nos permite dizer que um caminho propício para contribuir com a expressão da criatividade no ambiente escolar é dar oportunidade para que os alunos investiguem, estudem temas, situações do seu interesse, pois este aspecto como se constatou evidencia-se como um fator favorável a manifestação da criatividade.

Os alunos se envolvem quando estudam o que gostam, sendo isto um fator que produz motivação, curiosidade, interesse. Nestes temos Alencar (2009) diz que uma das características de uma atmosfera criativa em sala de aula é encorajar os alunos a refletir sobre o que eles gostariam de conhecer melhor, ou temas sobre os quais gostariam de realizar estudos e pesquisas.

Desta forma, é de suma importância que o professor por meio de sua prática pedagógica seja sensível àquilo que interessa aos alunos, caso haja um interesse dos mesmos em contribuir com o incentivo do pensamento criativo em sala de aula. No contexto da Feira da Criatividade constatou-se que um clima favorável a criatividade surge na medida em que o aluno se envolve e interessa pelo que estuda.

3.3.4 Valorização das Ideias dos Alunos

O desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar perpassa pela valorização, reconhecimento e respeito pelas ideias dos alunos. Alencar (2001) propõe como caminhos para o desenvolvimento da criatividade na escola a valorização das ideias originais dos alunos e a promoção de um ambiente de respeito e aceitação pelas idéias dos alunos. De modo similar Kneller (1976) diz que o mestre deve receber bem as idéias originais de seus estudantes- mais do que isso, deve utilizá-las para esse fim.

Analisaremos esta proposição no ambiente escolar a partir da Feira da Criatividade em duas perspectiva, a saber, a postura ou atitude do professor em sala de aula em relação as ideias dos aluno, e as implicações disto para o estímulo do pensamento criativo. Em um dos relatos podemos visualizar as idéias dos alunos se materializando em produções escritas, isto é literatura, poesias. Ao que parece, os alunos tiveram a oportunidade de criar seus textos e

expressá-los livremente na feira. O relato abaixo assim o ilustra: “...alunos produziam literatura, poesia, na área cultural e também dentro da área científica, os alunos também usavam a sua criatividade nos próprios trabalhos científicos” (PROF^o JOÃO DE BARRO)

Observa-se, segundo o relato, que o professor deu liberdade para que os alunos fizessem suas produções. Incentivando-os, neste sentido, a criar e pensar com autonomia uma vez que se faz referência a produção dos próprios estudantes, isto é eles produziram, eles criaram, a ideia foi deles. Neste sentido a atitude do professor propiciou a emergência do pensamento criativo dos alunos, pois deu espaço para que os mesmos tivessem a oportunidade de expressar suas ideias, sua criação. Isto se deu por meio da produção de literatura e poesias. Kneller (1976) diz que criamos quando descobrimos e exprimimos uma idéia. A expressão de uma ideia perpassa pela valorização da mesma. O contrário configura-se como bloqueio da emergência do potencial criativo. Neste sentido Alencar (2001) enfatiza que o medo de ser criticado, a falta de confiança nas próprias ideias e capacidades se constituem em fatores inibidores da criatividade. A referida autora enfatiza:

O medo de parecer ridículo ou ter a sua ideia alvo de deboches ou de critica é um outro fator que também leva o individuo a abortar as suas ideias antes mesmos de expressá-las e a internalizar uma atitude critica que estabelece fronteiras rígidas a expressão de novas idéias e ponto de vista. (ALENCAR, 2009, p.53)

Neste sentido é de suma importância que em sala de aula seja criado um clima de valorização, respeito e aceitação das idéias dos alunos, uma vez que isto configura-se como um fator que contribui com a expressão da criatividade.

Segundo o relato podemos visualizar o incentivo da criatividade por meio da proposta do professor, isto é dentro da área de atuação do docente, ao que se observa língua portuguesa ou literatura. Podemos inferir que o professor solicitou, sugeriu ou incentivou que os alunos realizassem algum tipo de produção literária livremente. Desta forma, contribuiu com a expressão da criatividade dos mesmos. Além disso, valorizou as idéias dos alunos na medida em que propiciou e aceitou as suas produções para serem exposta na Feira da Criatividade.

O relato de outro sujeito da pesquisa corrobora com a compreensão de que de fato no processo de desenvolvimento da Feira da Criatividade a ideia do aluno é valorizada e considerada. O mesmo expressa diretamente a existência de um trabalho, cujo foco é a idéia do aluno. A declaração seguinte ilustra isto: “...a gente trabalhava muito a ideia do aluno, o aluno colaborava muito com a gente e tal e fazia uma feira muito boa” (PROF^a ÁGATA LINS).

Segundo o relato acima a feira era muito boa porque o aluno participava, colaborava com as suas ideias ajudando o professor a desenvolver a Feira da Criatividade. O informante não entra em detalhes no sentido de especificar de que forma a ideia do estudante era valorizada, apenas afirma que isto ocorria. Em contrapartida o mesmo sujeito se contradiz em outros momentos dizendo que no processo de realização da feira da Criatividade a ideia sempre partia dos professores. O relato abaixo o ilustra:

Mas tinham turmas que o professor, que o professor era que fazia tudo: ele dava ideia, ele desenvolvia o trabalho, ele procurava o material, ele só chamava os alunos pra ajudar pra confeccionar material e tudo, quer dizer a ideia não partia da cabeça do aluno e isso eu sempre achei que devia mudar, porque antes muitas vezes a gente lançava ideia, o aluno vinha a pensar no tema, o aluno que vinha com as ideias, mas nem sempre isso acontecia, nem sempre (PROF^a ÁGATA).

Partindo destas proposições percebemos que nem sempre a valorização das ideias dos alunos se constitui como um fator predominante no processo de desenvolvimento da Feira da Criatividade. Constatamos que isto ocorre, mas não de forma contínua ou como um objetivo específico da feira, porém quando ocorre podemos vislumbrar a manifestação da criatividade entre o alunado. Constituindo-se, portanto, como um fator relevante para a expressão do pensamento criativo. O relato abaixo assim descreve:

... “professora vamos realizar a Feira da Criatividade com o tema DSTs”(Doenças sexualmente transmissíveis) onde eles criaram um slogan, aí a gente fez a camisa com esse slogan, a gente criou banner educativos, alguns alunos que estavam fazendo curso de enfermagem trouxeram materiais de outras escolas e agente também fez um folder de explicação de prevenção e também a gente abordou muito sobre o uso da camisinha(PROF^a CRIS MARINHO)

Duas situações nos chamam atenção quanto à valorização das ideias dos alunos neste relato. A primeira esta associada à atitude dos alunos. A segunda a postura do professor. Sobre a atitude dos alunos percebemos um movimento inverso ao que costumava acontecer, a saber, a ideia, a proposta de temática para o trabalho a ser apresentado nos dias da feira partiu dos alunos: “professora vamos realizar a Feira da Criatividade com o tema DSTs”(Doenças sexualmente transmissíveis). A idealização do tema normalmente cabia ao professor, mas segundo este relato partiu dos alunos.

A respeito do professor constatamos que houve da parte do mesmo uma atitude de respeito as ideias dos alunos. A professora demonstrou flexibilidade e uma postura não autoritária sendo sensível a sugestão dos mesmos. Freire (1996) diz que o professor autoritário, que recusa escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Podemos então dizer que a referida professora vivenciou uma aventura criadora, pois a sua atitude diante da proposta dos alunos foi de escuta, aceitação e respeito. Assim, favoreceu a expressão do pensamento criativo dos seus estudantes. De encontro a estas proposições, Torrance 1970;

apud ALENCAR,1992 p.70) diz que o professor propiciador do desenvolvimento da criatividade caracteriza-se como aquele que respeita as perguntas e ideias dos alunos; faz perguntas provocativas, reconhece as ideias originais, ajuda o aluno a se conscientizar do valor de seu talento criativo.

Ao que se percebe, as referidas características se evidenciaram na prática do professor funcionando como um fator de motivação para os alunos, pois os levou a se envolverem no trabalho, a buscarem por si mesmos meios para apresentação do tema escolhido. Assim, foram impulsionados a pensar e criar formas diversas para socializar o tema idealizado por eles na Feira da Criatividade, sem que fosse dito passo a passo como deveriam fazer. Assim, idealizaram, criaram, pensaram e buscaram alternativas para exposição do trabalho como dito no relato.

Sobre a valorização das ideias dos alunos, estudos sobre criatividade no ambiente escolar indicam que as ideias dos alunos pouco ou nada são valorizadas. Segundo Alencar (2003) isto se deve a uma educação voltada excessivamente para o passado, com uma ênfase exagerada na reprodução e memorização do conhecimento. Práticas estas fundamentadas nos moldes da educação tradicional ou segundo Freire (1996) da educação bancária, concepção esta em que o educando é comparado a um banco e como tal está ali para receber informações, não sendo o mesmo capaz de construir conhecimentos, de pensar por si. Nesta concepção o único papel do educador é transferir, expor e impor conhecimentos, não havendo espaço para discussão ou reflexão. Nestes termos FREIRE (1987, p.58) diz

[...] eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los [...] na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.

As práticas pedagógicas adjacentes a educação bancária se constituem em fatores que limitam, bloqueiam a criatividade do educando, uma vez que se configuram em ações que desconsideram as capacidades intelectuais dos alunos. Nesta concepção pouca ou nenhuma expectativa é criada sobre o educando a respeito de criar, produzir ideias ou pensar com autonomia. Neste sentido Freire (1996) afirma que o ensino “bancário” deforma a necessária criatividade do educando e do educador.

Segundo o relato da professora Cris os alunos expressaram sem medo as suas ideias. Eles propuseram, sugeriram, dialogaram, decidiram. Isto se explica porque encontraram um clima favorável para a expressão de suas ideias e principalmente sentiram-se seguros diante da pessoa do professor. A fala a seguir ilustra isto. “Então quando esse tema(tema para feira)

foi discutido em sala e ele foi proposto e ele foi decidido que seria esse tema, os alunos começaram com o trabalho de pesquisa...”(PROF^a CRIS MARINHO)

Observa-se segundo o relato que o professor não decidiu sozinho, não impôs aos alunos o tema que queria, mas deu espaço para a discussão e expressão das ideias dos alunos criando um clima favorável para a criatividade dos alunos. Neste sentido Torre (2008) diz que conseguir um clima criativo equivale a dizer que os temores e inibições foram superados, que o ambiente da sala de aula colabora para a expressão livre e espontânea do que pensamos. De forma similar Lipman (1994) nos ensina que o professor é aquele que orienta a discussão para que, antes de qualquer afirmação definitiva, os alunos tenham a chance de expor suas próprias ideias.

Kohan (2013) nos apresenta o pequeno Thomas a partir da experiência vivenciada pelo professor Rodriguez e enfatiza a atitude do menino que apesar de toda a dificuldade expressa o seu pensamento, a sua ideia. Aquela da escada humana. Thomas pensou e criou uma solução para um problema e sobretudo sua ideia foi bem recebida e valorizada por todas as outras crianças e pelo professor Rodriguez. Foi um episódio que ocorreu fora da escola, porém foi um episódio pedagógico que levou o referido professor a pensar a escola apontando para a necessidade de repensá-la, no sentido de criar as condições para que pequenos Thomas possam criar e recriar. Assim segundo Kohan (2013) Rodriguez se questiona como é possível que a escola não ensine a pensar como Thomas pensou?

Diante destes relatos empíricos e teóricos constatamos que a escola precisa ser um ambiente que ajuda o aluno a potencializar o exercício do pensar com autonomia, propiciando condições ou situações em que o educando possa ser incentivado, desafiado a fazer uso da sua criatividade. Nesta perspectiva consideramos que a expressão e valorização das ideias dos alunos se constituem em um fator de suma importância, sendo a ação do professor um elemento decisivo para que isto ocorra.

3.3.5 Relação Horizontal Entre Professor e Aluno

A relação professor e aluno é um elemento pedagógico de suma importância no processo de ensino e aprendizagem. Durante o processo de desenvolvimento da Feira da Criatividade constatamos nas falas de alguns entrevistados a materialização de uma relação horizontal entre professor e alunos. Nestes termos identificamos ações e práticas que caracterizam o referido tipo de relação, isto é, atitudes em que o professor não se coloca como dono do saber, como depositário do conhecimento. O aluno é convidado a pensar, a sugerir. O professor se coloca em posição de igualdade. Há, portanto, uma relação de empatia, de

proximidade, de respeito entre alunos e professor que permite a criação de um clima favorável para a expressão da criatividade. Podemos vislumbrar isto nos relatos abaixo.

O professor atuava direcionando, por exemplo o aluno, a gente combinava como vamos apresentar, vamos fazer determinado trabalho. Então o professor; o papel dele era orientar, buscar material, dar uma ideia de como trabalhar aquele tema, como é que a gente vai desenvolver? O que agente vai precisar? Onde a gente vai desenvolver? De que forma?(PROFª JACIRA)

Eles tinham que ter uma pessoa ali pra ta apoiando, pra ta direcionando, pra ta buscando material com eles, pesquisando. “professora eu não tenho material” então vamos pesquisar, vamos buscar, vamos correr atrás. De que forma que a gente vai trabalhar? “ah, a gente tá trabalhando dessa forma mais não tá legal” “professora vamos lá ver como está nosso trabalho” sempre assim, sempre os professores apoiando. (PROFª JACIRA)

...e agente também fez um folder de explicação de prevenção e também a gente abordou muito sobre o uso da camisinha. Então quando esse tema foi discutido em sala e ele foi proposto e ele foi decidido que seria esse tema. (PROFª CRIS MARINHO)

É recorrente nas falas acima o uso do termo “a gente”, isto pode sugerir que a atitude do professor não é uma atitude autoritária, impositiva. O aluno é convidado a fazer parte do processo de construção do trabalho. Isto se evidencia em algumas falas, a saber, “a gente combinava como vamos apresentar”, “como é que a gente vai desenvolver?”, “O que agente vai precisar”?, “Onde a gente vai desenvolver”?, “De que forma”?, “...e agente também fez um folder de explicação, de prevenção e também a gente”...há, portanto, uma relação dialógica, de cumplicidade entre aluno e professor pois, ao que parece, as ideias de ambos os lados são respeitadas, sobretudo os alunos são convidados a expressarem seus pensamentos. O professor não se coloca como único que sabe o caminho, que sabe como fazer o trabalho, ao contrário, ele se inclui e inclui o aluno tratando-o como igual.

Neste sentido, no contexto da feira estabelecem-se situações de ensino e aprendizagem pautadas no diálogo, no respeito, em que o ensinar e o aprender assumem um caráter criativo, construtivo, que incentiva o aluno a pensar com autonomia. Desta forma constatamos a materialização de uma relação educando-educador ou educador-educando como dito em Freire (2011), uma vez que professores e alunos, segundo alguns relatos, são sujeitos no processo de construção do trabalho. Assim, para o referido autor o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. (FREIRE, 2011, P.95/96)

De modo similar Kohan (2013, p.89) afirma que o trabalho do professor é de uma sensibilidade intelectual sobre outra sensibilidade intelectual, a do estudante, para que este

volte sua atenção ao que é necessário para a vida. Isso requer tempo, paciência e que o professor considere seus estudantes como iguais, e não como inferiores. Pois entre desiguais só pode haver antipatia, a causa da submissão.

Neste sentido pensamos na relação horizontal entre professor e aluno como indicativo de ação pedagógica que contribui com o incentivo do pensamento criativo em sala de aula. Com ancoragem em Freire (2011) compreendemos a relação horizontal como aquela pautada em uma relação dialógica em que prevalece atitude de humildade, respeito e fé no ser humano. Para o referido autor “não há também diálogo se não uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar.” (FREIRE, 2011, p.112)

Nesta perspectiva a relação horizontal entre professor e aluno permite que estes últimos tenham a oportunidade de criar e recriar, uma vez que nesta concepção o conhecimento não deve ser transferido, mas produzido, construído, pois para Freire (1996) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Desta maneira as práticas pedagógicas pautadas, construídas em situações de ensino e aprendizagem de caráter democrático favorecem o desenvolvimento da criatividade. Em oposição a isto, ações de cunho autoritário limitam, bloqueiam a emergência do pensamento criativo. Freire (1996) se posiciona contra este tipo de prática. O referido autor enfatiza que “a prática bancária, implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos. (FREIRE, 2011, p.97)

Para Freire (2011) a educação bancária consiste em uma visão limitadora do aluno em que o mesmo está para receber passivamente as informações transmitidas pelo professor. Trata-se de uma concepção pautada no autoritarismo, onde o professor se configura como o dono da verdade, o detentor do conhecimento e o aluno aquele que deve receber e memorizar o saber que recebeu do mestre. Nesta perspectiva não há espaço para a expressão da criatividade, da subjetividade, da criticidade. Desta maneira o referido autor diz que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade. (FREIRE, 2011, p.83)

De modo similar Torre (2008) ressalta que uma linha autoritária, que anule a espontaneidade e enquadre seus comportamentos no comportamento de algumas regras, debilita muito o pensamento criativo... a atitude impositiva ou hipnotizadora tende a criar atitudes passivas, repetitivas. Ambas as atitudes são contrárias a criatividade. De encontro a estas proposições Alencar e Fleith (2003) afirmam que é comum uma educação voltada excessivamente para o passado, com uma ênfase exagerada na reprodução do conhecimento e

na memorização de ensinamentos, exigindo-se do aluno conhecimentos há muito ultrapassados. As referidas autoras argumentam que atitudes autoritárias por parte do professor são barreiras que devem ser suprimidas dentro da escola.

No contexto da feira constataram-se situações de proximidade quanto ao estímulo do pensamento criativo no ambiente escolar, tendo como fator favorável a relação horizontal entre professor e aluno, evidenciado em alguns relatos. Esta constatação nos permite inferir que se trata de um fator pedagógico relevante para o incentivo da criatividade, uma vez que ao aluno foi dada a oportunidade de em parceria com o professor, de sugerir, pensar e construir o trabalho e no final de certa forma assumir o papel de professor. O relato abaixo chama atenção para isto:

...o aluno sai um pouco das quatro paredes da sala de aula né. É uma aula também e é uma aula que ele não está ali passivamente recebendo. Ele é o expositor, ele é o ministrante, porque ele vai explicar, os professores apenas orientam, fazem o trabalho e orientam e os próprios alunos, eles tem o papel que os professores tem na sala de aula (PROF^o JOÃO DE BARRO)

Assim, no processo de desenvolvimento da Feira da Criatividade os alunos são desafiados a vivenciarem a experiência de um professor, havendo, portanto, uma relação de igualdade entre alunos e professores. O momento da exposição faz momentaneamente de cada aluno expositor um professor. Esta atitude de confiança na capacidade do educando funciona como fator favorável a expressão da criatividade. Isto ocorre ao que se percebe porque na prática existe respeito pela pessoa do educando, evidenciando assim a vivência de relações horizontais entre professor e aluno no ambiente escolar.

A relação professor e aluno se constitui um elemento pedagógico de suma importância no processo de ensino e aprendizagem, funcionando como fator decisivo nos aspectos relacionados ao incentivo da criatividade no ambiente escolar. A forma como o aluno é tratado, a postura adotada pelo docente, que pode ser de respeito ou de desrespeito, de autoritarismo ou dialógica, podem tanto favorecer como bloquear a criatividade do estudante. Nestes termos Alencar (2001) afirma que o professor pode ser tanto um inibidor como um facilitador, um bloqueador como um desbloqueador do desenvolvimento e da expressão da criatividade dos alunos.

3.3.6 Tornar o Aluno Autônomo

Outro aspecto pedagógico que constatamos quanto ao incentivo da criatividade no processo de realização da feira está relacionado a autonomia do aluno. Um dos participantes da pesquisa faz referência diretamente a esta questão ao expressar a seguinte proposição sobre

a Feira da Criatividade: “...a gente torna o aluno mais autônomo, construtor do conhecimento. Ele vai a procura, ele se envolve, ele se dedica.” (PROF^a CRIS MARINHO)

Observa-se que a referida professora utiliza o termo “a gente” indicando que há um trabalho coletivo pedagógico sendo realizado no processo de desenvolvimento da Feira da Criatividade que oportuniza ao aluno tornar-se mais autônomo. Conforme o relato, o aluno se envolve na atividade e vai a procura da informação. Ele busca por si mesmo construir o trabalho. Na percepção da professora o aluno desenvolve sua autonomia pela atitude de busca, envolvimento e dedicação no trabalho e pela capacidade de construir seu conhecimento. O relato de outro informante também reforça este entendimento. O mesmo é expresso da seguinte forma:

Então pra mim o maior ponto positivo era aquela empolgação e aquele empenho que eu via meus alunos estarem buscando, pesquisando... tudo era com a criatividade de cada um, a forma de apresentar, o material e eles corriam atrás mesmos, buscavam, faziam coletas pra comprar o que tava faltando”. (PROF^a JACIRA)

Observa-se na fala acima que não há uma referência direta a palavra autonomia, contudo há um entendimento de que o aluno tem liberdade para buscar, para pesquisar, selecionar e decidir as informações que mais lhe interessam com o intuito de desenvolver o trabalho a ser apresentado nos dias da feira. A partir dos relatos das duas professoras podemos compreender que o termo autonomia está sendo empregado no sentido de liberdade, isto é, deixar o aluno livre para pesquisar, buscar e construir o conhecimento que levará para a Feira da Criatividade.

Neste sentido, permitir que o aluno tenha autonomia, liberdade para buscar as informações referentes à temática a ser trabalhada por meio da pesquisa constitui-se como um fator pedagógico que favorece o desenvolvimento da criatividade, pois o desenvolvimento da mesma, como já dito anteriormente, perpassa pela coleta de dados, pela leitura e pesquisa, enfim pela busca de informações, que servirá de base para a construção ou reconstrução, para inovação ou criação de um novo saber, de uma nova forma de pensar.

Em consonância com estas proposições nos lembramos de Kneller (1976) ao afirmar que aprender criativamente é antes de tudo aprender pela própria iniciativa, isto é, oportunizar que o estudante vivencie experiências das quais tenham que buscar por si mesmos, conhecimentos, informações, e sobretudo utilizem isto para pensar, produzir e expressar suas ideias ou pensamentos, o que contribui com o incentivo da criatividade. Neste sentido o aluno é incentivado a usar sua inteligência, seu potencial criativo. Kohan (2013) através do mestre ignorante nos ensina que para emancipar intelectualmente o aluno é necessário que o force a usar sua própria inteligência. O referido autor enfatiza a busca como

mecanismo da autonomia do aluno, ao dizer que o ignorante, por sua vez, fará menos e mais, ao mesmo tempo. Ele não verificará o que o aluno descobriu, verificará se ele buscou (Rancière, 2010, p.54).

É recorrente nas falas das professoras citadas referências ao termo “busca” como atitude dos alunos no processo de desenvolvimento do trabalho “*Ele vai a procura*” “*Eu via meus alunos estarem buscando, pesquisando,*” “*Eles corriam atrás mesmos, buscavam*”. O aluno neste sentido é o protagonista da sua aprendizagem. O fato de terem a liberdade para pesquisar e buscar a informação sobre o tema a ser apresentado na Feira da Criatividade nos leva a inferir que os mesmos selecionam e decidem a respeito das informações que serão utilizadas assumindo riscos e responsabilidades. Assim, a criatividade encontra um momento favorável para ser incentivada, pois o aluno não recebe o conhecimento pronto, de forma passiva e mecânica para ser memorizado. Ao contrário, ele tem a oportunidade de construí-los e isto é benéfico ao desenvolvimento da criatividade. A este respeito Brocanelli (2010) diz que pouco adiantaria uma educação que valorizasse somente o aspecto técnico num acúmulo de informações impostas e formasse o jovem para uma realização e cumprimento de movimentos mecânicos. Freire (1996) critica este tipo de educação, denominada por ele de educação bancária, entendida ao seu ver como um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante.

Nesta concepção de educação a criatividade não tem espaço, a autonomia do aluno é desrespeitada, desconsiderada. Para o referido autor educador e educando se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 2011, p.81)

Na concepção Freiriana a autonomia do educando deve ser respeitada, isto é deve-se oportunizar que os alunos assumam responsabilidades, decidam e busquem por si próprios construir conhecimentos. O desenvolvimento da criatividade no ambiente escolar perpassa pela vivência destas experiências. Segundo Rocha (2009) para desenvolver a criatividade de nossos alunos, devemos dotar o aluno da capacidade de criar, transformar, produzir, gerar novos conhecimentos, novo produtos. Na escola criativa, a ênfase sai da reprodução para a produção de conhecimento.

No contexto da Feira da Criatividade o tempo e o espaço que o aluno tem para pesquisa, isto é para buscar as informações relativas ao tema que é apresentado nos dias da

feira configura-se como um fator favorável ao desenvolvimento da criatividade, uma vez que o mesmo tem autonomia para realizar a busca pelas informações e possa ser o construtor do seu próprio conhecimento. Assim, uma educação da criatividade ou para a criatividade incentiva o aluno a pesquisar, a buscar as informações contribuindo para que o mesmo não se torne um ser passivo intelectual, mas que tenha iniciativa própria, que indague e que também busque respostas, características estas raras que levam Freire (2014) a enfatizar que nada ou quase nada existe em nossa educação que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos achados.

Neste sentido o referido autor idealiza uma educação que leva o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. (FREIRE, 2014, p.122)

Uma educação cujas bases se apóiam na transmissão e memorização do conhecimento bloqueia a criatividade e autonomia do estudante. Neste sentido Rancière (2010) caracteriza como errado este tipo de educação. O referido autor diz que as crianças repetem como papagaios. Elas cultivam uma só faculdade, a memória, enquanto nós exercemos a inteligência, o gosto e a imaginação. Vossas crianças decoram. Este é o vosso primeiro erro. (RANCIÈRE, 2010, p.45). De modo similar Alencar e Fleith (2003) afirmam que é comum uma educação voltada excessivamente para o passado, com uma ênfase exagerada na reprodução do conhecimento e na memorização de ensinamentos, exigindo-se do aluno conhecimentos há muito ultrapassados.

De encontro a estas proposições Freire (2014, p. 126) diz:

Esta nos parecia uma das grandes características de nossa educação. A de vir enfatizando cada vez mais em nós posições ingênuas, que nos deixam sempre na periferia de tudo o que tratamos. Pouco, ou quase nada, que nos leve a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras. Tudo, ou quase tudo, nos levando, desgraçadamente, pelo contrario, a passividade, ao “conhecimento” memorizado

Considerando estas proposições podemos dizer que a vivência do evento Feira da Criatividade realizado na escola pesquisada possibilita rupturas de características predominantes do ensino tradicional como da transmissão e memorização do conhecimento, uma vez que no processo de desenvolvimento da mesma constatou-se a manifestação de ações pedagógicas cujas características são contrárias a estas práticas. Assim, os relatos revelam ações de cunho emancipatório que possibilitam ao estudante o desenvolvimento da sua criatividade, da sua autonomia. Para (CATTERAL, 2002, Apud, PISQUE E BAHIA, 2013, p.18) a intervenção na criatividade proporciona o enriquecimento de competências verbais,

matemáticas, artísticas, motivação para a realização e envolvimento na tarefa, bem como o desenvolvimento de aptidões pessoais como a perseverança, assunção de riscos, autonomia, confiança e aptidões sociais.

Tomando como referência os relatos citados podemos dizer que tornar os alunos autônomos configura-se como um objetivo educacional que precisa ser vivenciado continuamente no ambiente escolar, contudo, para que isto ocorra precisamos pensar na necessidade de desenvolver a criatividade, uma vez que a mesma está associada a diversos aspectos e potenciais do ser humano como produção e expressão de idéias, inovação, iniciativa, imaginação e sobretudo autonomia intelectual, isto é a capacidade do ser humano de pensar por si mesmo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideração 1

Enfim, chegamos ao começo do fim. O que dizer sobre ela (criatividade) para realçar o seu valor, a sua importância, a sua necessidade? Que palavras utilizar para convidar o leitor a pensar nela e sobre ela? Que argumentos utilizar para convencer pessoas, sobretudo educadores a refletir sobre a necessidade de uma educação para criatividade. Então comecemos assim:

Criatividade, “a menina dos olhos” de várias cores, de vários tons e formas. É característica sua, a diversidade, a flexibilidade, a beleza, as muitas possibilidades em que o simples e o complexo sempre podem vir a ser. Faz parte da sua essência a sinuosidade, a transgressão, a incerteza, o movimento, a inquietude em um processo constante de busca, de redescoberta, de movimento, de ação. Uma palavra não a definiria, um conceito a limitaria, pois muitas são as suas faces. Um ponto de vista não daria conta de revelar tudo a seu respeito, sobre a sua expressão, sobre os seus segredos, sobre a sua magia, por isso a razão da sua existência pode ser vista de vários pontos.

Diante das tantas adjacências e ramificações que emergem a seu respeito, destacamos o seu caráter emancipatório, pois a sua simples vivência produz “sabor” de liberdade, de autonomia, digo-vos de autonomia e liberdade intelectual que movimenta e inquieta o pensar, que sensibiliza a curiosidade, o espírito investigativo, que impulsiona a busca do conhecimento e que por sua vez é ressignificado, re-elaborado e re-utilizado, com liberdade, com ideias e iniciativas próprias. Isto a torna filosófica, portanto importante a formação humana.

Trilhar os rastros da criatividade sugere coragem para ousar buscar por conta própria, explorar, descobrir e, sobretudo, pensar. Pensar para criar, criar para pensar em um movimento contínuo de causa e efeito, de balé intelectual, onde cada passo, cada arranjo, cada movimento inspiram a busca por um pensar melhor, mais elaborado, mais original, mais livre. Assim criar, recriar, construir, desconstruir, reconstruir, elaborar e reelaborar, repensar são marcas profundas deixadas pela criatividade que permite ao usuário utilizá-las como recurso favorável a sua própria autonomia intelectual, permitindo que o mesmo tenha a oportunidade e a liberdade de lapidar, de dar formas e contornos aos conhecimentos adquiridos, sem a obrigatoriedade de aceitar tudo passivamente, como verdades absolutas, rígidas, imutáveis. Possibilitando isto, pode-se então dizer que criatividade é algo muito bom, algo que brota unicamente do ser humano, que o faz se maravilhar, se encantar consigo mesmo quando

percebe que tem poder intelectual suficiente para superar a rigidez do saber impositivo e que é possível, sobretudo, pensar de forma diferente, autônoma, renovada onde cada ponto pode ser visto de um novo ponto de vista.

Diante da constatação de tantas qualidades e atributos positivos que emanam de criatividade, pensamos nela como necessária, relevante para a formação humana. Assim, nos parece coerente a sua manifestação, a sua presença, no campo educacional, sobretudo no lugar que tem por objetivo o desenvolvimento de potenciais e habilidades, que se volta diretamente para os aspectos formativos do ser humano, como o da aprendizagem. Isto é a escola. Criatividade precisa então de tempo e espaço neste ambiente, uma vez que ele configura-se como um espaço em potencial para o seu advento, pois o mesmo foi idealizado como ambiente próprio de desenvolvimento de potenciais, competências e habilidades humanas. Criatividade é um potencial humano que funciona como um mecanismo para a arte do pensar, tornando-o mesmo mais elaborado, mais dinâmico, mais autônomo e em constante atividade, por isso é necessário que seja desenvolvida, incentivada e receba o valor e reconhecimento merecido, dado a extensão do que pode proporcionar ao desenvolvimento humano.

Justificar porque a criatividade precisa fazer parte continuamente do processo educativo, nos convida a pensar primeiramente naquilo que ela pode causar e oferecer. Fato é que ela é uma “coisa boa” como diz Storr (2013), um bem de inestimável valor como afirma Alencar(2001), uma riqueza social segundo Torre (2008) e pode oferecer muitas coisas boas: caminhos variados dos quais se tem a liberdade para escolher e decidir qual o melhor e o mais adequados a seguir, ela também pode oferecer desafios que impulsionam o usuário a buscar, a explorar caminhos desconhecidos em um processo contínuo de descobertas e redescobertas e, sobretudo, ela oferece liberdade para pensar, para idealizar, causando formas autônomas, próprias, flexíveis, inovadoras de pensamentos. Assim, a criatividade funciona como força propulsora de inquietação, de busca que alimenta a curiosidade, a imaginação, podendo trazer benefícios intelectuais preciosos a formação humana.

Diante disto pensamos: criatividade precisa ser um ato intencional da educação. Algo que precisa estar continuamente presente nos elementos pedagógicos do ensino e da aprendizagem com o objetivo singular de desenvolvê-la, incentivá-la, fazendo com que tenha tempo e espaço favorável para se manifestar, para ser utilizada pelos estudantes e, sobretudo, seja um instrumento de emancipação intelectual, da arte de pensar, corroborando para que cada um tenha a oportunidade de se descobrir como ser capaz de criar-pensar-criar.

Consideração 2

Pensando em criatividade, investigando sobre criatividade, achamos a Feira da Criatividade. Ela foi a nossa fonte empírica. A partir dela foi possível pensar e refletir em questões pedagógicas que se evidenciaram como indicadoras do incentivo e desenvolvimento do pensamento criativo no ambiente escolar. Contudo, vale lembrar que a Feira da Criatividade foi um evento que fazia parte do calendário anual desde o ano 2000 na escola pesquisada e foi realizado sucessivamente até 2010. A mesma deixou de ocorrer nos anos subsequentes em função das greves dos professores que acabava desestruturando a organização do calendário escolar e limitando a realização de alguns eventos que ocorriam anualmente na escola, entre os quais podemos destacar a Feira da Criatividade. Porém, atualmente há um desejo da equipe gestora da escola em revitalizar a vivência do referido evento. Nestes termos esclarecemos que as análises dos dados são relativos aos respectivos períodos de sua realização.

Investigar o universo da Feira da Criatividade, com a intenção de mapear os aspectos pedagógicos condizentes com o incentivo do pensamento criativo no ambiente escolar, demonstrando em que isto contribui com o desenvolvimento intelectual dos alunos nos revelou que a realização do evento, por ser um momento que rompe com os limites da sala de aula, funciona como um mecanismo favorável a emergência da criatividade. Isto por possibilitar a manifestação de situações pedagógicas que oportunizaram aos estudantes liberdade para pensar e criar, evidenciadas no ato da pesquisa, na valorização das idéias dos alunos, na construção e apresentação dos trabalhos, na relação horizontal entre professor e aluno e, sobretudo por propiciar que os alunos se tornem mais autônomos. Estes aspectos se constituem como fatores que facilitam o incentivo do pensamento criativo, contribuindo significativamente com uma formação emancipatória.

Porém, vale ressaltar que embora a Feira da Criatividade se revele em diversos aspectos como positiva e favorável ao incentivo da criatividade, os dados indicaram que isto ocorre não porque haviam objetivos específicos voltados para este fim, ou porque havia uma preocupação em tornar o aluno criativo, pois constatamos que tanto a implantação do evento quanto a sua nomenclatura não estavam direcionados especificamente para desenvolver a criatividade dos mesmos, mas para diversificar a natureza dos trabalhos que seriam apresentados como já dito anteriormente. Contudo, isto não impediu que aspectos favoráveis ao incentivo e desenvolvimento da expressão do pensamento criativo se manifestassem no processo de execução da feira.

Assim, nos debruçamos em identificar estes aspectos, demonstrando em que

perspectiva se consubstanciavam como favoráveis ao desenvolvimento da criatividade dos estudantes, enfatizando principalmente a relação que havia com a autonomia intelectual dos mesmos.

Compreendemos que a materialização dos aspectos pedagógicos favoráveis a expressão da criatividade identificados no contexto da feira se deu por ser a mesma um momento diferenciado que requer metodologias diferenciadas, ações pedagógicas diferenciadas, portanto aprendizagem diferenciada que propicia abertura para a vivência de situações que oportunizam ao aluno fazer uso da sua criatividade, contribuindo para que o mesmo se tornasse mais autônomo. Neste sentido podemos concluir que eventos como a Feira da Criatividade se constituem como fator favorável ao estímulo e expressão da criatividade na escola, pois ao que parece são mais especificamente nestas ocasiões que ela encontra tempo e espaço para se desenvolver. Isto nos permite pensar que a realização do referido evento é algo bom, por ser um mecanismo de rupturas, que foge com o tradicionalismo do cotidiano escolar e que oportuniza novas formas de aprendizagem em que o aluno é protagonista, explorador e construtor do conhecimento. Neste sentido, lembramos de Haetinger (2012) quando diz que é muito importante transformar a escola em um lugar onde formamos e não onde formatamos os alunos, oferecendo aos mesmos a oportunidade de construir o novo a sua maneira.

Constatado que a Feira da Criatividade se constitui em algo bom e relevante para o incentivo da criatividade no ambiente escolar, uma vez que identificamos aspectos pedagógicos que funcionam como mecanismo favorável ao seu desenvolvimento, chamamos a atenção para que os mesmos possam ser vivenciados para além dos limites da feira e façam parte continuamente do processo de ensino e aprendizagem, de modo que possam ser utilizados intencionalmente como meios de incentivar a expressão do pensamento criativo no ambiente escolar, contribuindo, desta forma com uma educação da criatividade. Isto é, uma educação que oportuniza aos alunos pensarem por si mesmos, expressarem suas ideias e sobretudo sejam livres para criar. Assim, a razão de ser da criatividade na educação, se apóia no fato de ser a mesma um meio ou caminho que contribui com a formação intelectual do aluno, no sentido de propiciar que este se torne mais autônomo, capaz de expressar suas próprias idéias e pensamentos.

Deste modo, cabe considerar que o trabalho pedagógico, em uma perspectiva criativa, requer o desenvolvimento e implementação de ações pedagógicas direcionados para propiciar o incentivo da criatividade no ambiente escolar. Para tanto, estas ações devem ser

elaboradas visando à formação dos alunos em uma perspectiva criativa, de modo que não fique atrelada exclusivamente a Feira da Criatividade, mas que transcenda a isto como um objetivo educacional. Isto é, tornar o aluno criativo deve fazer parte continuamente do trabalho pedagógico do professor, uma vez constatado a importância da criatividade para a formação humana. Portanto, a escola deve mobilizar meios para ir além da transmissão dos conteúdos. Eventos como a Feira da Criatividade se aproximam desta perspectiva, uma vez que a sua realização propicia a manifestação de situações que contribuem com o incentivo da criatividade no ambiente escolar, contudo parece que o desenvolvimento da mesma deve ser limitado a estas situações. Pensamos que o incentivo da criatividade deve ser algo contínuo.

Assim sugerimos como caminho para uma educação da criatividade a vivência contínua de elementos que se configuram como propiciadores ao desenvolvimento da expressão criativa, identificados no contexto da feira, dentre as quais promover situações de aprendizagem em que o aluno seja estimulado a pesquisar. Pesquisar temas de seu interesse, buscar e construir seus conhecimentos, pensar por si mesmo sobre seus achados e expressar seus pensamentos, suas ideias. Além disso, enfatizamos a relação horizontal entre professor e aluno como elemento de suma importância para o incentivo da criatividade, uma vez que posturas autoritárias em que o docente não considera os saberes dos alunos, não dá espaço para que se expressem, desconsidera suas ideias e iniciativas, dentre outras atitudes de cunho autoritários, funcionam como mecanismos de bloqueio a expressão do potencial criativo na escola. Nestes termos recorreremos a Freire (2011) ao dizer que isto trata-se de uma visão distorcida da educação e que nesta não há criatividade, não há transformação, não há saber. O referido autor pensa a relação professor e aluno não mais educador do educando não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador.

Associado a este aspecto, é necessário que os professores sejam preparados para atuarem de maneira mais sistemática e contínua quanto ao incentivo da criatividade dos alunos, uma vez que a falta de conhecimentos e informações sobre o referido fenômeno dificulta e limita a implantação de ações pedagógicas direcionadas ao desenvolvimento do potencial criativo na escola.

A respeito da criatividade e formação dos professores, chamamos a atenção para direcionar um olhar investigativo sobre este fenômeno. Embora, o objetivo deste estudo tenha se voltado para identificar aspectos pedagógicos favoráveis ao desenvolvimento da criatividade no contexto da Feira da Criatividade realizada na escola pesquisada, outras questões se revelaram, trazendo à baila necessidade de novas pesquisas direcionadas a

criatividade em outros aspectos. Dentre estas destacamos a formação do professor. O relato abaixo expresso por um dos participantes da pesquisa evidencia isto.

Sobre os professores estarem preparados para trabalhar com a criatividade, não, não, isso não. Isso eu tenho certeza que não. Há alguns professores que desenvolvem isso já é algo, mas, mais espontâneo, uma preparação, uma formação ou um conhecimento mais formal que prepare a gente, que nos dê métodos, não, que possa possibilitar esta efetividade desse trabalho a gente não tem. Tem alguns professores que desenvolvem isso com sucesso mas e algo mais espontâneo, já é do professor mesmo, a gente que não tem muito essa espontaneidade pra trabalhar sente dificuldade não sabe muito bem qual é o método melhor usar como alcançar isso...(PROFº SOCRATES)

O referido relato, nos convida a pensar a criatividade associada a formação do professor, uma vez que a sua postura pedagógica é determinante quanto ao incentivo ou bloqueio da criatividade em sala de aula. Assim, nos parece coerente pensar que o docente precisa ter formação e conhecimentos sobre o fenômeno da criatividade, de modo que isto possa ser usado pedagogicamente para contribuir com o desenvolvimento da criatividade dos alunos, ajudando os mesmos a se tornarem criativos, autônomos. Neste sentido e tomando como direcionamento dados da pesquisa, destacamos como necessário o aprofundamento de estudos e pesquisas que produzam discussões e reflexões sobre criatividade relacionada a formação docente.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice Soriano de. **Criatividade e educação de superdotado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- ALENCAR, Eunice Soriano de e FLEITH, Denise de. **Criatividade: Múltiplas Perspectivas**. 3ª Ed. Brasília: Editora UNB, 2003.
- ALENCAR, Eunice Soriano de. **Como Desenvolver o Potencial Criador: Um guia para a liberação da Criatividade em sala de aula**. 11ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- ANTUNES, Celso. **A Criatividade na sala de aula**. 1ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria? Em Minha sala de aula**. 3ª Ed. Petrópolis, RJ Ed. Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. **A Águia e a Galinha: Uma Metáfora da Condição Humana**. 37ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB Passo a Passo: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), comentada e Interpretada artigo por artigo**. 3ª Ed. São Paulo: editora Avercamp, 2007.
- BRANDÃO, Zaia (Org). **A Crise do Paradigmas e a Educação**. 11ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CAMPOS, Dinah Martins de Sousa, WEBER, Mirian Geralda Weber. **Criatividade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.
- BROCANELLI, Claudio Roberto. Matthew Lipman: **Educação para o pensar filosófico na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DELL'ISOLA, Alberto. **Mentes brilhantes**. 2ª ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- DE MASI, Domênico. **Criatividade e Grupos Criativos: Descoberta e Invenção**. RJ: sextante, 2005.
- DEMO, Pedro. **Saber Pensar**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

FADEL, Susana de Jesus, SILVA Gildene do Ouro Lopes, WECHSLER, Solange Múglia, **Criatividade no Contexto Educacional**. Campinas. Disponível em <http://www.scielo.br>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessário a Prática Educativa**. 36ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática de Liberdade**. 38ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2014.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Historia da Educação Brasileira**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: Por que Ela Pode Ser Mais Importante Que o QI**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

GOLEMAN, Daniel, KAUFMAN, Paul, RAY, Michael. **O Espírito Criativo**. 6ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

HAETINGER, Max Gunther. **Aprendizagem Criativa: Educadores Motivados para enfrentar os desafios do novo século: educação a distância, redes de aprendizagem, criatividade e motivação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

HERMAN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: Forma-se para a mudança e a incerteza**. 4ª Ed. São Paulo, Cortez, 2004.

JUNIOR, Joaquim Martins. **Como Escrever Trabalhos de Conclusão de Curso**. 6ª Ed. Petrópolis: RJ; Vozes, 2012.

KNELLER, George Frederik. **Arte e Ciência da Criatividade**. 5ª Ed.. São Paulo: IBRASA, 1978.

KOHAN, Walter Omar. **O Mestre Inventor. Relatos de um Viajante Educador**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LAMEIRA, Francisco Fredson Farnum. **Escola Maria Pia: Nossos Mestre; Nossa História, Educando Gerações nas corredeiras do apeú**. 1ª Ed. 2012

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia Vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990.

LUBART. Todd. **Psicologia da Criatividade**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PISKE, Fernanda Hellen Ribeiro, BAHIA, Sara(Coord). **Criatividade na Escola: O desenvolvimento de Potencialidades, Altas Habilidades/ Superdotação(AH/SD) e Talentos**. Curitiba: Juruá, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante-Cinco Lições Sobre a Emancipação Intelectual**.3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ROCHA, Dina Lúcia Chaves. **Brincando com a Criatividade: Contribuições Teóricas e Práticas na Arteterapia e na Educação**. Rio de Janeiro: Wak Editora,2009.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente: Elementos para uma teoria da docência, como profissão de interações humanas**. 2ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes,2005

TEIXEIRA, Elizabeth. **As Três Metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 9ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012

TORRE, Saturnino de La. **Criatividade Aplicada: Recursos Para Uma Formação Criativa**. São Paulo: Madras, 2008.

TORRE, Saturnino de La. **Curso de Formação para Educadores**. São Paulo: Madras 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva,1928. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas,1987

REVISTA, Presença Pedagógica. Jan/Fev-2014

REVISTA, Presença Pedagógica. Nov/Dez-2013

ROCHA, Dina Lúcia Chaves. **Brincando com a Criatividade: Contribuições Teóricas e Práticas na Arteterapia e na Educação**. Rio de Janeiro:War Ed, 2009.

SAVIANI. Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4ª Ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2013

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez,2007.

SILVA, Talita Fernanda da; NAKANO, Tatiana de Cássia. **Criatividade no Contexto Educacional: Análise de Publicações Periódicas e Trabalhos de Pós-Graduação na Área da Psicologia**. 2012.Disponível em: <http://www.revistarecreate.net>

STORR, Anthony. **A Dinâmica da Criação: O que faz as Pessoas serem mais originais**. São Paulo: Benvirá,2013.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e Criação na infância: apresentação e comentários** Ana Luiza Smolka; Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A Formação Social da Mente:O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 7ª Ed.São Paulo: Martins Fontes,2007.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente termo, venho convidá-la(o) a participar da pesquisa intitulada: **CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO, CAMINHO PARA AUTONOMIA: UM OLHAR A PARTIR DA FEIRA DA CRIATIVIDADE**, que tem como objetivo analisar aspectos pedagógicos favoráveis ao desenvolvimento da criatividade manifestos durante o processo de realização da Feira da Criatividade realizado anualmente na escola. Os dados serão coletados através da técnica da entrevista do tipo não-diretiva, mediada por um roteiro contendo cinco questões abertas, tendo em vista que os informantes terão liberdade para falar sobre as questões levantadas pela pesquisadora. As informações referentes aos sujeitos participantes deste estudo serão tratadas de forma anônima e confidencial, haja vista que em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Os dados coletados serão utilizados para fins de análise apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas, mantendo-se as identidades dos sujeitos participantes deste estudo em anonimato.

Sua participação é voluntária, e você pode recusar-se a participar de qualquer atividade ou desistir de participar a qualquer momento, solicitando a retirada de seu consentimento. Essa recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder aos questionário e participar da entrevista, que será agendada com antecedência, conforme a sua disponibilidade. Esta entrevista será filmada para posterior transcrição.

Você não terá nenhum custo ou quaisquer benefícios financeiros. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação, visto que as atividades apenas envolverão a expressão e o diálogo. O benefício relacionado à sua participação será o de aumentar o conhecimento científico sobre o tema da Criatividade. Será entregue a você uma cópia deste termo, onde constam os contatos da pesquisadora responsável, para que, caso seja de seu interesse, você possa tirar qualquer dúvida sobre o projeto e sobre a sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos a sua participação!

Maria Silvana de Sousa Santos

Pedagoga

Mestranda em Educação/UFPA

Cel: (91) 999131660

E-mail: silv78@hotmail.com

Endereço: Travessa Santa Terezinha, 3245, Apeú/Castanhal-Pará

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e aceito participar no estudo proposto, sabendo que poderei cancelar minha participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Castanhal- PA ____ de _____ de 2012.

Sujeito de Pesquisa: _____

Telefone: _____

E-mail: _____



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

APÊNDICE 2

Questões Norteadoras

- 1- Apresentação pessoal, profissional, formação. Que disciplina ministra e tempo que trabalha na escola?
- 2- poderias falar sobre a nomenclatura “Feira da Criatividade” procurando justificar por que a escolha da referida denominação.
- 3- Poderias comentar o que sabes sobre como foi o processo de implantação da Feira da Criatividade?
- 4- Falar como a Feira da Criatividade era desenvolvida: Como a criatividade era trabalhada em sala de aula? Como os alunos participavam? Como os professores participavam?
- 5- Pontos positivos e negativos da Feira da Criatividade.

